



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL**  
**UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE**

---

**MARIA DAS DORES DIAS ACOSTA**

**DAS REALIDADES AOS IMAGINÁRIOS DOS ESTUDANTES DO PROGRAMA  
NACIONAL DE INCLUSÃO DE JOVENS - PROJovem URBANO - NA  
CONSTRUÇÃO DAS SUAS IDENTIDADES**

---

Campo Grande/MS  
2017

M	 <b>UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL</b>
ACOSTA.M. D.D.	
<b>DAS REALIDADES AOS IMAGINÁRIOS DOS ESTUDANTES DO PROGRAMA NACIONAL DE INCLUSÃO DE JOVENS - PROJovem URBANO NA CONSTRUÇÃO DAS SUAS IDENTIDADES</b>	<p style="text-align: center;"><b>MARIA DAS DORES DIAS ACOSTA</b></p> <p><b>DAS REALIDADES AOS IMAGINÁRIOS DOS ESTUDANTES DO PROGRAMA NACIONAL DE INCLUSÃO DE JOVENS – PROJovem URBANO - NA CONSTRUÇÃO DAS SUAS IDENTIDADES</b></p>
2017	<p style="text-align: right;"><b>Campo Grande/MS 2017</b></p>

**MARIA DAS DORES DIAS ACOSTA**

**DAS REALIDADES AOS IMAGINÁRIOS DOS ESTUDANTES DO PROGRAMA NACIONAL DE INCLUSÃO DE JOVENS - PROJovem URBANO - NA CONSTRUÇÃO DAS SUAS IDENTIDADES**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Ensino de linguagens

Orientador: Prof. Dr. João Fábio Sanches Silva

Campo Grande/MS

2017

**A167d Acosta, Maria das Dores Dias**

Das realidades aos imaginários dos estudantes do Programa Nacional de Inclusão de Jovens - Projovem Urbano - na construção das suas identidades / Maria das Dores Dias Acosta. Campo Grande, MS: UEMS, 2017.

156f.; 30cm.

Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, 2017.

Orientador: Prof. Dr. João Fábio Sanches Silva.

1.Ensino 2. Linguagens 3.Pesquisa. 4.Crítica. 5 Autores. I. Título.

CDD 23.ed. 372.6

**MARIA DAS DORES DIAS ACOSTA**

**DAS REALIDADES AOS IMAGINÁRIOS DOS ESTUDANTES DO PROGRAMA NACIONAL DE INCLUSÃO DE JOVENS - PROJovem URBANO - NA CONSTRUÇÃO DAS SUAS IDENTIDADES**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Ensino de linguagens

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. João Fábio Sanches Silva (presidente)  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Adriana Escobar Chaves de Barros (titular)  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Lúcia Maria de Assunção Barbosa (titular)  
Universidade de Brasília/UnB

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Natalina Sierra Assencio Costa (suplente)  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Nara Hiroko Takaki (suplente)  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/UFMS

Campo Grande/MS, 19 de abril de 2017.

Aos meus descendentes, Elisângela, Tarsila, Tamires, Zilmar Filho e Arthur: fonte de inspiração para meus investimentos. Espero que meus exemplos contribuam com suas formações identitárias!

## AGRADECIMENTOS

Ao Mestre Divino pela minha existência, por iluminar meu caminho e colocar pessoas de luz para fazer parte de minha vida, pelas quais terei eterna gratidão. Essas pessoas me apoiaram, inspiraram, orientaram e de alguma maneira, contribuíram para a concretização desta dissertação, a saber:

Minha família, meu porto seguro, fonte de inspiração para a realização dos meus projetos de vida.

Dr. João Fábio Sanches Silva, exímio professor e orientador, que com muito respeito a minha identidade, deu-me segurança e me subsidiou com os seus conhecimentos e suportes teóricos para que eu pudesse realizar este estudo.

Dra. Adriana Escobar Chaves de Barros, Dra. Lúcia Maria de Assunção Barbosa, Dra. Natalina Sierra Assencio Costa, Dra. Nara Hiroko Takaki, professoras participantes da banca examinadora, por dividirem comigo este momento tão especial de minha vida.

Dr. Ruberval Franco Maciel, pela generosidade em compartilhar conhecimentos e pelos seus exemplos como educador dedicado e competente, que me motivou a prosseguir nos estudos.

Dra. Aline Saddi Chaves, Dra. Maria Leda Pinto, - educadoras do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Estudos de Linguagens da UEMS, por terem contribuído com seus conhecimentos para que eu pudesse realizar este trabalho. Não poderia deixar de mencionar também os professores do Curso de Letras da UFMS, por terem contribuído com a minha formação acadêmica.

José Augusto e Thaíssa, meus amigos de mestrado, pela cumplicidade e apoio incondicional.

Professora Nelagley Marques, minha amiga, por me incentivar e me fazer acreditar na possibilidade da realização deste projeto.

Adriana Assis e Thiago Rupere, pela amizade, contribuições e motivação diária para seguir em frente.

Augusto, Cinthia, Kelly, Maria Helena, Simone, e Stephany, colegas de mestrado, por compartilharem saberes e amizade.

Equipe do Projovem, do núcleo da Escola Estadual Prof<sup>a</sup> Ada Teixeira dos Santos Pereira: Alcione, Cleyton, Celma, Diva, Fátima, Janete, Juliana, Leda, Robson e Suely, por me auxiliarem cotidianamente, com dedicação, ética e empenho profissional.

Valson e Cristiano, ex-diretores da Escola Estadual Professora Ada Teixeira dos Santos Pereira, pela acolhida e por oportunizar-me a pesquisa “in loco”.

Willian e Cacilda, diretores em exercício na data da pesquisa da Escola Estadual Professora Ada Teixeira dos Santos Pereira, pela confiança, oportunizando-me a prosseguir com a minha pesquisa “in loco”.

Estudantes do Projovem Urbano da Escola Municipal Ada Teixeira dos Santos Pereira, que prontamente aceitaram meu convite para participarem desta investigação, atuando com compromisso, dedicação e respeito, estando sempre presentes aos encontros, com disposição para narrarem as suas memórias e expectativas, sem os quais seria impossível a concretização desta pesquisa.

Magda Simoni De Toni e aos demais colegas de trabalho da SEMED /NUEF – Núcleo do Ensino Fundamental 6º ao 9º anos, pelo apoio incondicional e amizade.

Anderson, Joelma, Leomira e Paulo, coordenadores estaduais do Projovem, pela confiança, compreensão e apoio para que eu participasse do programa que conseqüentemente oportunizou-me a realização desta pesquisa.

Programa Institucional de Bolsas aos Alunos de Pós-Graduação da Universidade

Estadual de Mato Grosso do Sul (PIBAP/UEMS) e Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), pelas bolsas de estudo que proporcionaram maiores condições materiais para dedicar-me aos estudos.

Pelo exposto, agradeço aos meus anjos guardiães e aos meus espíritos protetores.

## RESUMO

A proposta deste estudo foi buscar compreender o processo de construção identitária dos estudantes do Programa Nacional de Inclusão de Jovens - Projovem Urbano, sob a perspectiva da aquisição dos conhecimentos oportunizados pelo programa, em uma escola estadual, localizada no município de Campo Grande - MS. Para tanto, pautei-me em teorias pós-estruturalistas, com a finalidade de esclarecer o que desejo pesquisar, bem como atingir os propósitos desta pesquisa. Sendo assim, os objetivos específicos que nortearam este estudo foram: investigar o impacto das memórias de aprendizagens dos estudantes na busca da aquisição de conhecimentos oportunizados pelo programa e conseqüentemente na formação de suas identidades, verificar como se dão os investimentos por parte dos estudantes na busca da aquisição de novos conhecimentos oportunizados, identificar de que forma as comunidades imaginadas dos participantes estão presentes nas identidades assumidas durante a permanência no referido programa e averiguar de que maneira cada participante reconhece, ou não, a importância do aumento do valor de seu capital cultural para o exercício de sua cidadania. Dessa maneira, o presente trabalho traz resultados de um estudo de base qualitativa, com cunho auto etnográfico. Os participantes são 6 (seis) estudantes, com faixa etária entre 21 a 31 anos. Os dados foram gerados a partir de questionários fechados, narrativas orais e escritas, entrevistas semiestruturadas e diário de bordo, durante o período de formação desses participantes no programa. Os resultados sugerem que as experiências vivenciadas por eles durante a participação no programa, aliadas a consciência sobre a atual condição e o despertar sobre o próprio potencial humano, contribuíram para a emergência de suas comunidades imaginadas e, por conseguinte, no impacto dos investimentos realizados na construção das suas identidades, embora por vezes contraditórias. Essa construção pode ser observada a partir dos investimentos individuais dos participantes, de seus desejos de mudanças, aliados a ações pedagógicas efetivas.

**Palavras chave:** Projovem Urbano; identidade; investimento; comunidade imaginada.

## ABSTRACT

*The purpose of this study was searching to understand the process of the students' identity construction from the National Program of Youth Inclusion – Projovem Urbano For Youth, from the perspective of the knowledge acquisition offered by the program, in a state school that is located in Campo Grande city, Mato Grosso do Sul state. Therefore, I was guided by poststructuralist theories, in order to clarify what I wish to research, as well as to achieve the purposes of this research. So that, the specific objectives which had guided this study were: to investigate the impact into the students' learning memories in the search for knowledge acquisition offered by the program and consequently in their identities formation; to verify how investments are made by students in the search for the acquisition of a new available knowledge; to identify how the imagined communities of the participants are present in the assumed identities during the permanence in said program and to ascertain how each participant recognizes the importance of increasing the value of his cultural capital to the exercise of his citizenship. In this way, the present work brings results of a qualitative data study, with auto ethnographic character. The participants are 6 (six) students, aged between 21 and 31 years old. The data were produced from closed questionnaires, oral and written narratives and semi-structured interviews and logbook during the training period of these participants in the program. The results suggest that the experiences lived by them during their participation in the program, the awareness about the present condition and the awakening about the own human potential, contributed to the emergence of their imagined communities and, consequently, of their imagined identities, impacting the investments in the construction of their identities, although sometimes contradictory. This construction can be observed from the individual investments of the participants, from their desire for change, allied to effective pedagogical actions.*

**Keywords:** Projovem Urbano; identity; investment, imagined community.

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

EJA - Educação de Jovens e Adultos

ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio

FNDE - Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

MS - Mato Grosso do Sul

MEC - Ministério da Educação

NUEF - Núcleo do Ensino Fundamental 6º ao 9º anos

PO - Professor Orientador

Projovem - Programa Nacional de Inclusão de Jovens

REME - Rede Municipal de Ensino de Campo Grande - MS

SEMED - Secretaria Municipal de Educação de Campo Grande- MS

SED - Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul – MS

SECADI - Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão

UEMS - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - MS

UF - Unidade Formativa

UFMS - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - MS

## CONVENÇÕES PARA APRESENTAÇÃO DOS DADOS E TRANSCRIÇÕES

[[	Falas simultâneas
[	Sobreposição de vozes
(+)	Pausas e silêncios
( )	Dúvidas
/	Truncamentos
MAIÚSCULA	Ênfase
[ ]	Comentários
?	Entonação de pergunta
!	Entonação de exclamação
P	Pesquisadora
C	Catherine
O	Olga
H	Helena
I	Ivan
A1	Adolfo
A2	Augusto

## RELAÇÃO DE FIGURAS

Figura 1: Representação da obra <i>Don Quijote de la Mancha</i> .....	22
Figura 2: Representação de <i>La aventura de los molinos de viento</i> .....	29
Figura 3: Representação de <i>La aventura de los rebaños de ovejas</i> .....	54
Figura 4: Representação de <i>momentos de lectura del hidalgo Alonso Quijano</i> .....	64
Figura 5: Representação do momento da chegada de <i>Don Quijote en la venta</i> .....	99

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	16
Minha autobiografia como educadora .....	22
Objetivo Geral .....	27
Objetivos específicos.....	27
Sistematização desta pesquisa .....	28
CAPÍTULO I “AVENTURAS TEÓRICAS” .....	29
1.1 Pós-estruturalismo .....	30
1.2 Identidade .....	33
1.3 A expressão da subjetividade por meio do discurso.....	41
1.4 Motivação , investimento e comunidade imaginada .....	44
1.5 Capital Cultural .....	47
1.6 Cidadania.....	51
CAPÍTULO II - “AVENTURAS METODOLÓGICAS” .....	54
2.1 Natureza da pesquisa .....	55
2.2 O caráter qualitativo .....	55
2.2.1 Auto-etnografia.....	56
2.3 Contexto investigado .....	57
2.4 Participantes desta pesquisa.....	59
2.5 Instrumentos para geração e tratamento dos dados .....	60
CAPÍTULO III - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS .....	64
3.1 As identidades dos participantes em questão .....	66
3.2 Os investimentos identitários dos participantes desta pesquisa .....	76
3.3 As comunidades imaginadas dos participantes desta pesquisa .....	85
3.4 O reconhecimento, pelo participante, da importância do aumento do valor do seu capital cultural para o exercício de sua cidadania.....	92

CONSIDERAÇÕES FINAIS ..... 99

REFERÊNCIAS ..... 107

ANEXOS ..... 113

## INTRODUÇÃO

*Cambia lo superficial  
cambia también lo profundo  
cambia el modo de pensar  
cambia todo en este mundo*

*Cambia el clima con los años  
cambia el pastor su rebaño  
y así como todo cambia  
que yo cambie no es extraño*

*Cambia el más fino brillante  
de mano en mano su brillo  
cambia el nido el pajarillo  
cambia el sentir un amante*

*Cambia el rumbo el caminante  
aunque esto le cause daño  
y así como todo cambia  
que yo cambie no es extraño...*

*Cambia todo cambia  
Cambia todo cambia  
Cambia todo cambia  
Cambia todo cambia*

Compositor: Julio Numhauser

A letra dessa canção, ao afirmar que “Todo cambia” possibilitou-me traçar um paralelo com o tema da presente pesquisa, identidade, isso porque pude inferir da letra, que o autor diz que tudo muda, ou melhor, tudo é muito dinâmico, e essas mudanças ocorrem cotidianamente.

Nesse contexto, essas mudanças ficam mais evidentes na seguinte estrofe: “muda o superficial, muda também o profundo, muda o modo de pensar, muda tudo neste mundo” (tradução minha).

Essa mensagem trouxe-me à tona uma reflexão significativa a respeito de minhas identidades, bem como das identidades dos participantes desta pesquisa, pois elas se encontram em constante mutação.

Preliminarmente, acredito que antes de adentrar especificamente ao tema em questão, vale pontuar que a concepção adotada para este estudo identitário contemporâneo é de uma identidade mutável, pluralizada, contraditória e inacabada, em outras palavras, buscarei compreender toda essa multiplicidade e complexidade que

envolve o referido tema na atualidade, para, a partir de então, tentar analisar e discutir em sua fragmentação.

Em relação a isso, Coracini (2007, p.12) menciona que “a identidade é interpretação de si – pelos outros e por si – e do outro – por si e pelo outro”, ou seja, a nossa identidade será definida a partir de como a entendemos, bem como ela é entendida pelo outro. Nesse mesmo sentido, Maher (1996, p.21) complementa ao dizer que “é na presença do outro, em oposição ao outro, no contraste com o outro que eu me defino e marco quem sou”. Assim sendo, para este autor a identidade é definida a partir da comparação com outra identidade, ou melhor, pela diferença existente entre ambas.

Para Silva (2014, p.74) “em uma primeira aproximação, parece ser fácil definir identidade. A identidade é simplesmente aquilo que se é [...]”. Entendo que nessa definição, o teórico menciona que a identidade é revelada pelo que aparentamos ser, como os outros nos visualiza, ou seja, superficialmente.

Ainda, Silva (2014, p.74) complementa que “nessa perspectiva, a identidade só tem como referência a si própria: ela é autocontida e autossuficiente”. Sendo assim, penso que “aquilo que sou” representa minhas diversas identidades, podendo retratá-las por meio de minha nacionalidade, naturalidade, cor, sexo, grau de escolaridade, vida profissional, estado civil, mãe, filha, mulher, amiga, pesquisadora, aluna, entre outras.

Ao formular o conceito de identidade, Hall (1997) pontua que “somos diferentemente posicionados, em diferentes momentos e em diferentes lugares, de acordo com os diferentes papéis sociais que estamos exercendo”. Penso que, longe das considerações desse autor, não observaria que nos posicionamos de maneiras distintas nos diferentes contextos de interação social, ou seja, iria imaginar que nos apresentamos de maneiras idênticas em todos os lugares.

Woodward (2014, p.32) expande a discussão ao mencionar que “a complexidade da vida moderna exige que assumamos diferentes identidades, mas essas diferentes identidades podem estar em conflito [...]”. Dessa maneira, ao fazer uma autorreflexão, concluí que, apesar de ser única, assumo diversas identidades cotidianamente, posicionando-me de maneiras distintas em cada uma delas, podendo até mesmo, torná-las conflitantes.

Nesse sentido, ainda, Woodward (2014, p.32) complementa que “podemos viver em nossas vidas pessoais tensões entre nossas diferentes identidades quando

aquilo que é exigido por uma identidade interfere com as exigências de outra”. Desse modo, para exemplificar o que foi citado pela autora, verifico que ao lidar com a identidade de educanda em vez de educadora, essas identidades poderão tornar-se conflitantes. No entanto, nesse caso, será necessário que eu saiba negociar esse conflito identitário, em outras palavras, será imprescindível que eu abandone a minha posição absoluta de professora e deixe que o outro ocupe seu lugar de pertencimento.

Nessa introdução, ao buscar definir, associar e exemplificar o tema em questão com minha própria identidade, meu intuito principal foi à contextualização do assunto pesquisado. No entanto, para dar enfoque a ideia central deste trabalho, trarei mais argumentos que auxiliarão na compreensão do meu interesse e fascínio pelo tema investigado, bem como da escolha do público pesquisado, que são os estudantes do Programa de Inclusão Social – Projovem Urbano, de uma escola estadual, no município de Campo Grande – MS.

Diante disso, torna-se indispensável falar um pouco sobre a inclusão social, que é o objetivo principal do programa citado, no qual os participantes desta pesquisa estão inseridos. Mas para isso, preliminarmente precisamos entender um pouco sobre o processo de exclusão social. Para tanto, Leite (2013, p.19) “ao analisar os dados históricos sobre a realidade socioeconômica do Brasil, pode verificar que uma das características marcantes desse processo é a exclusão de uma parcela significativa da população”. No meu ponto de vista, esse autor faz referência às diversas fases históricas discriminatórias vivenciadas pelo Brasil.

Sendo assim, subentende-se que, uma fração dessa população corresponde aos jovens brasileiros. Por esse motivo, fez-se necessário a implantação, pelo Governo Federal, de um programa nacional de inclusão social como uma possibilidade para amenizar tal situação das juventudes.

A partir desse cenário, torna-se imprescindível compreendermos o significado da palavra exclusão para que, a partir disso, possamos entender alguma coisa sobre a atual situação em que esses jovens se encontram. Para tanto, Coracini (2011, p.15) define que “[...] a exclusão significa pôr para fora, expulsar indivíduos ou grupos sociais de um espaço de igualdade social”. Sendo assim, considero que essa parcela de jovens, são considerados excluídos, marginalizados, muitas vezes, sem a mínima condição de exercer suas cidadanias.

Nesse sentido, Sawaia amplia o conceito anterior ao definir que:

Em síntese, a exclusão é um processo complexo e multifacetado, uma configuração de dimensões materiais, políticas, relacionais e subjetivas. É processo sutil e dialético, pois só existe em relação à inclusão como parte constitutiva dela. Não é uma coisa ou um estado, é um processo que envolve o homem por inteiro e suas relações com os outros. Não tem uma única forma e nem é uma falha do sistema, devendo ser combatida como algo que perturba a ordem social, ao contrário, ele é produto do funcionamento do sistema. (SAWAIA, 2001, p.9)

Por conseguinte, o Governo Federal lançou o Programa Nacional de inclusão de Jovens, pautado na Constituição da República Federativa do Brasil (1988), que em seu artigo 205 assegura que a educação, direito de todos e dever do estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação profissional.

Com base nessa garantia constitucional, posteriormente a LDB - Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional – Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, na seção V – Da Educação de Jovens e Adultos, artigo 37, assegura que a Educação de Jovens e Adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no Ensino Fundamental e Médio na idade própria.

Tendo em vista essas garantias legais e a problemática levantada anteriormente em relação à exclusão e inclusão de jovens Coracini (2007, p.107) menciona que o fato de partilhar do mesmo espaço físico não significa “por si só e por força da lei, ausência de discriminação, in-clusão, in-serção social”. Com base nestas considerações, reflito sobre a importância de um espaço escolar acolhedor e inclusivo, porque a meu ver, não basta inserir os jovens no espaço escolar e tratá-los como “excluídos” ou “anormais”. Caso isso ocorra, a escola em vez de ser inclusiva, estará construindo “muralhas” para separar esses estudantes, excluindo-os ainda mais.

Ainda Coracini (2011, p.26) complementa o descrito anteriormente, mencionando que, para solucionar as questões das desigualdades, “muito mais que projetos de lei; seria necessário mudar a mentalidade, o modo de se relacionar com o outro, sobretudo daqueles que detêm o poder, numa sociedade em que o dinheiro é o que conta, em que a corrupção está disseminada em todas as esferas sociais”.

Pelo exposto, acredito que para realizar parcialmente tais mudanças citadas pela autora, a tarefa dos governantes e da sociedade será muito árdua, pois para que isso ocorra, teremos que fazer valer as leis vigentes em nosso país, bem como reestruturar todas as esferas educacionais, para, a partir de então, tentar inculcar uma nova maneira de pensar, tanto nas gerações atuais quanto nas vindouras.

Partindo disso, descreverei resumidamente sobre o Projovem Urbano, para que possamos entender um pouco deste programa que foi criado exclusivamente para as juventudes em situação de vulnerabilidade, uma vez que combater essa situação é uma das funções indispensáveis do estado.

Com a finalidade de resgatar essa população jovem do processo de exclusão já mencionado, o Governo Federal lançou o Projovem Original no ano de 2005, contemplando inicialmente os jovens de 15 a 29 anos que não tinham concluído o Ensino Fundamental. Posteriormente, no ano 2007, o programa foi estendido para diversos segmentos juvenis, tais como: Projovem Adolescente, Projovem Urbano, Projovem Trabalhador, todos destinados a área rural e urbana. Assim o Projovem Urbano foi criado especificamente para jovens com a faixa etária entre 18 e 29 anos de idade, que não concluíram o Ensino Fundamental.

Cabe salientar que esse programa, tem como finalidades específicas a reinserção dos jovens no processo de escolarização; a identificação de oportunidades potenciais de trabalho e a capacidade dos jovens para o mundo do trabalho; a participação dos jovens em ações coletivas de interesse público; a inclusão digital como instrumento de inserção produtiva e de comunicação e a ampliação do acesso dos jovens à cultura (BRASIL, 2005).

Com essa breve apresentação do programa, minha intenção foi dar mais subsídios para que possam conhecer o perfil dos participantes desta pesquisa, bem como entender meus anseios e fascínio para tentar compreender as suas identidades.

A partir das considerações feitas, cumpre destacar que todas as figuras que acompanharão este trabalho, referem-se à obra-prima de Miguel de Cervantes<sup>1</sup>,

---

<sup>1</sup> Miguel de Cervantes Saavedra foi um importante poeta, dramaturgo e novelista espanhol. Nasceu em 29 de setembro de 1547 (data suposta) na cidade espanhola de Alcalá de Henares e morreu na cidade de Madrid, em 22 de abril de 1616.

denominada *Don Quijote de La Mancha*<sup>2</sup>, por meio das quais, em alguns momentos, farei pequenas analogias com o intuito de relacioná-las com as próprias “batalhas” travadas na construção das identidades, bem como, ainda, servirão como fonte inspiradora para esta pesquisa, ou melhor, como figura ilustrativa.

Nesse contexto, Àngel del Ríó (1948, apud Mestas, 2001) esclarece com muita precisão o legado deixado pelo escritor Miguel de Cervantes por intermédio da literatura, possibilitando-me traçar um paralelo com os conflitos identitários vivenciados no cotidiano ao mencionar que

Cervantes intuí que o destino do homem, louco ou não louco, em um mundo incerto por natureza, não é tanto mover-se entre sombras ou puras aparências, como entre uma multidão de realidades, perceptíveis umas, sonhadas outras, que, ao ser interpretadas de acordo com anseios vitais - ilusões, desejos, apetites, ideias, produzem efeitos inesperados[...]<sup>3</sup>. (ÀNGEL DEL RIO, 1948, apud MESTAS, 2001), (tradução minha).

Essa citação não se refere diretamente às questões relativas à identidade discutida na contemporaneidade, mas me possibilitou verificar que os anseios da humanidade concernentes ao passado, permanecem em nossos dias atuais, ainda que de maneira distinta.

Além dos expostos, a referência a essa obra se deu, também, como uma homenagem ao quarto centenário de morte de seu autor, que culminou com o período da escrita desta dissertação. Cervantes não só cativou ao mundo com seus personagens, como sua obra também tem um significado especial em minha vida pessoal, acadêmica, e profissional, afirmativa esta melhor compreendida a partir das leituras posteriores.

A partir daí, a fim de demonstrar minha trajetória profissional como educadora, a seguir apresentarei minha autobiografia, intitulada: “Por amor às causas educacionais”, para que, a partir disso, possam entender com maior clareza o contexto

---

<sup>2</sup> *Don Quijote de la Mancha* em castelhano é um livro escrito pelo espanhol Miguel de Cervantes y Saavedra (1547-1616). O título e ortografia originais eram *El ingenioso hidalgo Don Quijote de La Mancha*, com sua primeira edição publicada em Madrid no ano de 1605. É composto por 126 capítulos, divididos em duas partes: a primeira surgida em 1605 e a outra em 1615.

<sup>3</sup> “Cervantes intuye que el destino del hombre, loco o no loco, en un mundo incierto por naturaleza, no es tanto moverse entre sombras o puras apariencias, como entre una multiplicidad de realidades, perceptibles unas, soñadas otras, que al ser interpretadas de acuerdo con anhelos vitales- ilusiones, deseos, apetitos, ideas -, producen efectos inesperados[...]”. (ÀNGEL del Ríó, 1948, apud MESTAS, 2001).

educativo no qual estou inserida, bem como os motivos que me levaram a pesquisar o referido público.

### “POR AMOR ÀS CAUSAS EDUCACIONAIS”

Figura 01: Representação da obra *Don Quijote de la Mancha*<sup>4</sup>.



#### *Minha autobiografia como educadora*

Escolhi essa figura relativa à obra prima de Miguel de Cervantes para fazer uma analogia com minhas “lutas” a partir do momento em que assumi a identidade de educadora no contexto da escola pública. Considero que passei a viver entre realidades e sonhos e “por amor às causas educacionais” foi possível vencer algumas batalhas, mesmo não estando revestida com a melhor armadura.

Sendo assim, esta narrativa autobiográfica tem por finalidade relatar a minha trajetória profissional como educadora a partir do ano 2000. Naquele ano ingressei na Escola Municipal professor Hércules Maymone localizada no Bairro Nova Lima - lugar popularmente conhecido como “corredor do Nova Lima”, região periférica de Campo Grande – MS, na função de professora de Língua Espanhola.

Posteriormente, no ano de 2003, no período noturno, fui convidada para ministrar aulas na Escola Estadual Neyder Suely, para um público de jovens do Ensino Médio, no conjunto residencial Aero Rancho – região periférica, localizada em outro extremo da cidade, em relação ao local em que estava trabalhado no período diurno.

---

<sup>4</sup> Disponível em: <<https://www.imagens+domínio+público+don+quijote>>. Acesso em 28 mar. 2015.

Em seguida, no ano de 2005 até início de 2007, no período matutino, ministrei aulas na Escola Estadual professor Henrique Cirilo Correa – Bairro Cruzeiro, para o Ensino Fundamental. Nesse mesmo ano, atendendo às exigências solicitadas em edital, fui selecionada para trabalhar como professora de Língua Portuguesa, no período noturno, no Programa Nacional de Inclusão de Jovens: Educação, Qualificação e Ação Comunitária – Projovem – voltado especificamente para o segmento juvenil mais vulnerável e menos contemplado por políticas públicas então vigentes: jovens de 18 a 24 anos (faixa etária estipulada pelo programa em sua origem), que haviam terminado a quarta série e não tinham vínculos formais de trabalho.

Paralela a essa trajetória, permaneci como professora no período vespertino, na Escola professor Hércules Maymone, até o ano de 2007. No início daquele ano fui convidada pela SEMED - Secretaria Municipal de Educação de Campo Grande- MS, para fazer parte do quadro de técnicos do Núcleo do Ensino Fundamental – NUEF 6º ao 9º ano, no Currículo de Língua Estrangeira – Espanhol, local e função que permaneço atualmente, no período diurno.

Trabalhei ainda, concomitantemente a esses períodos, nos finais de semana, no Programa Educação em Ação: Escola Aberta/Escola Viva, que é uma iniciativa do MEC/FNDE em parceria com a Prefeitura Municipal de Campo Grande e por meio da Secretaria Municipal de Educação nos anos de 2008 a 2010, na Escola Municipal Irmã Edith Coelho Netto, no Bairro Jardim Columbia - periferia de Campo Grande, ministrando a disciplina de Língua Espanhola. Tendo como público alvo a comunidade da região do entorno da escola, atendendo a uma clientela de crianças, jovens e adultos.

Permaneci no programa Projovem Urbano, a partir de meu ingresso no ano citado, tendo a oportunidade de conhecer e ministrar aulas em diversas regiões do Município de Campo Grande – MS, tais como: Escola Municipal Oneida Ramos – Jardim Campina Verde, Escola Municipal Padre Thomaz Ghirardelli – Parque do Lageado, Escola Municipal Professora Maria Lúcia Passarelli – Bairro Aero Rancho, Escola Municipal Nagib Raslan – Jardim Petrópolis, Escola Municipal Vanderlei Rosa de oliveira – Bairro Novo Maranhão, Escola Municipal Irmã Edith Coelho Netto – Jardim Colúmbia, Escola Municipal Nerone Maiolino – Jardim Vida Nova e na Escola Estadual Professora Ada Teixeira dos Santos Pereira – Jardim Campo Belo.

Em janeiro do ano de 2015 fui convidada pela Coordenação do Projovem da Secretaria Estadual de Educação – SED, para desempenhar a função de Assistente Pedagógica do Projovem, pelo período de 18 meses, na Escola Estadual Ada Teixeira dos Santos Pereira, onde já havia trabalhado anteriormente, como educadora do programa, no período noturno. Nesse local desenvolvi minha pesquisa com os estudantes do Projovem Urbano da turma 03 (três).

Atualmente, no período noturno, permaneço na referida escola, pois tive a grata satisfação de ser convidada para compor o quadro de educadores da Educação de Jovens e Adultos - Conectando Saberes, etapa do Ensino Médio.

Ao finalizar essa narrativa, destaco que minha trajetória profissional como educadora, desde o início até os dias atuais, está relacionada especificamente ao ensino público, como narrado anteriormente. Ao longo desse período ouvi diversos relatos de ex-alunos declarando que ao encerrarem determinadas etapas escolares, adquiriram novos conhecimentos que impactaram na construção de novas identidades.

Em relação a isso, Woodward (2014, p.28) confirma que as identidades não são fixas, mas que podem ser produzidas em momentos particulares no tempo. A partir disso, verifico que não só as identidades desses ex-alunos foram alteradas, conforme relatam, contudo as minhas identidades também foram sofrendo alterações ao longo desses anos, e permanecem inacabadas, ou seja, em construção.

Nesse sentido, Bauman (2005, p.19) amplia o assunto ao mencionar que as “identidades flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas”. Entendo que nesse trecho o autor faz uma recomendação ao dizer que “é preciso estar em alerta” para não sermos influenciados pelas pessoas com quem nos relacionamos, porque segundo ele, temos o livre arbítrio para escolhermos algumas de nossas identidades.

Levando isso para o contexto escolar, revelo que já presenciei muitas crianças e jovens assumirem determinadas “identidades” a partir de relacionamentos com colegas de sala de aula. Essas amizades, conforme observei foram influências positivas, que serviram como estímulo para um melhor desempenho nos estudos, maneira de ser entre outras. Porém, há também aquelas que serviram como influências negativas, como, por exemplo, no que se referem às posturas inadequadas, negligência com os

estudos, uso de drogas, bebidas alcóolicas entre outras. Acredito que nesses casos, “é preciso estar em alerta” conforme menciona o autor, e esse estado de alerta deve ser constante pelo próprio indivíduo, pela família e comunidade escolar.

Ressalto ainda, que durante o período em que estive em sala de aula como professora, bem como fora de sala de aula, como assistente pedagógica, observei que as mudanças identitárias sofridas pelos estudantes, tiveram como fator preponderante o seu grau de “investimento”. Esse termo foi cunhado por Norton (1995, p.13), para relacioná-lo ao desejo e comprometimento do aluno com o próprio aprendizado, dessa maneira, para a autora, estar investido é estar comprometido com o próprio aprendizado.

Percebi ainda, que esses “investimentos” feitos pelos estudantes quase sempre estavam ligados aos desejos que tinham de participar de determinadas “comunidades imaginadas”, que Kanno e Norton (2003, p.241) “referem a grupos de pessoas, que não estão acessíveis ou tangíveis de forma imediata, com quem nos conectamos pelo poder da imaginação”. Essas comunidades imaginadas representam o desejo de participação dos indivíduos a um determinado grupo, ainda que intangíveis.

Partindo do exposto, ao finalizar esta seção na qual se fez necessário enfatizar alguns pressupostos teóricos, vejo como pertinente exemplificar com um caso concreto, que vivenciei e considero exitoso: o de uma ex-aluna de Língua Espanhola de uma escola pública, na periferia de Campo Grande. Vale ressaltar que essa aluna não é participante desta pesquisa, mas faço esta menção, dentre tantos que poderia mencionar, porque considero muito especial. Sendo assim, para preservar sua identidade não usarei aqui seu nome verdadeiro, por isso darei a ela o pseudônimo de Sofia<sup>5</sup>, que significa sabedoria ou sábia, pois é desta maneira que a visualizo.

Atualmente Sofia é minha colega de mestrado em letras na UEMS, a qual tive a felicidade de reencontrar depois de muitos anos, em uma sala de aula, na referida universidade, cursando a mesma disciplina de mestrado. Nesse reencontro, senti uma imensa alegria e fiquei muito orgulhosa por tê-la como minha colega de estudo em um

---

<sup>5</sup> Disponível em <https://www.dicionariodenomespropios.com.br/sofia/>. Acesso em 17 nov. 2016.

curso de pós-graduação, isso eu disse pessoalmente a ela, e ainda acrescentei, em tom de brincadeira, que sua história faria parte de meus relatos sobre pessoas de sucesso.

Nesse caso, trata de uma pessoa que desejou assumir a identidade de uma estudante responsável, com uma postura compromissada em relação ao seu próprio aprendizado, ou melhor, “investiu” efetivamente para adquirir novos conhecimentos e conseqüentemente adquiriu novas identidades.

Observei, ainda, que os referidos investimentos feitos por Sofia fez com que ela pudesse aumentar o valor de seu capital cultural (títulos, diplomas, entre outros), que para Bourdieu e Passeron (1998, p.42) é um valor social, que poderá ser transformado em uma maneira de prestígio e diferenciação para quem o possui. Partindo dessas ideias do autor, ao aumentar o valor de seu capital cultural, Sofia também adquiriu novas identidades, e, por conseguinte, isso a possibilitou tomar posse de bens simbólicos e materiais.

Ao mencionar esses fatos relativos à Sofia, percebi que de alguma maneira e sem nenhuma intencionalidade, retomei, ainda que parcialmente, a minha própria história, mas, minha pretensão com isso, foi permitir que conhecessem um pouco da história do “outro”. Em relação a isso Coracini (2011, p.27) menciona que as “histórias parciais de vida que são também nossas histórias, porque com elas nos identificamos, a tal ponto que elas nos capturam, nos invadem e nos emocionam: histórias do outro que são minhas; histórias minhas que são do outro”. Desse modo, em relação à Sofia, nossas histórias e encontros se tornaram em comum por duas vezes: uma como aluna e professora, outra como colegas cursando a mesma disciplina de mestrado, ambas em uma sala de aula.

Por esses motivos relatados e por outros semelhantes, não citados, instigaram-me a pesquisar o processo de construção identitária de uma parcela desse público, ou melhor, dos estudantes da turma 3 (três) do Projovem Urbano, de uma escola estadual, localizada no município de Campo Grande – MS, na esperança de que este estudo contribua, de alguma maneira, para que mais programas de inclusão com as mesmas características do Projovem Urbano, sejam implantados como possibilidade para redução do índice de exclusão dos jovens e conseqüentemente da população brasileira.

Sendo assim, apresentarei a seguir o objetivo geral e os objetivos específicos desta pesquisa, com o intuito de poder atingi-los bem como esclarecer o que almejo com este estudo.

### *Objetivo Geral*

Buscarei, por meio desta pesquisa, compreender como se dá o processo de (re) construção identitária dos estudantes, sob a perspectiva da aquisição dos conhecimentos oportunizados pelo Programa Nacional de Inclusão de Jovens – Projovem Urbano, de uma escola estadual, localizada no município de Campo Grande – MS, durante a permanência deles no programa.

### *Objetivos específicos*

Na tentativa de esclarecer o que desejo pesquisar e com a finalidade de nortear o desenvolvimento de meu trabalho, considerando a amplitude, complexidade e relevância do tema, terei como norteadores os seguintes objetivos:

- 1) Investigar o impacto das memórias de aprendizagem dos participantes na busca da aquisição de novos conhecimentos oportunizados pelo Projovem Urbano e conseqüentemente na formação de suas identidades.
- 2) Verificar como se dão os investimentos por parte dos estudantes na busca da aquisição de novos conhecimentos oportunizados pelo Projovem Urbano e conseqüentemente na formação de suas identidades.
- 3) Identificar de que forma as comunidades imaginadas dos participantes estão presentes nas identidades assumidas durante a permanência no Projovem Urbano.
- 4) Averiguar de que maneira cada participante desta pesquisa reconhece, ou não, a importância do aumento do valor de seu capital cultural para o exercício da sua cidadania.

Para tanto, em seguida, descreverei resumidamente a estrutura pensada para esta dissertação.

### *Sistematização desta pesquisa*

Esta dissertação está dividida em cinco partes, a saber: a primeira conta com a introdução, sequencialmente divididos em 3 (três) capítulos (I, II e III), sendo o primeiro: “Aventuras teóricas”, o segundo: “Aventuras metodológicas”, o terceiro: análise e discussão dos dados e em seguida a seção de considerações finais. Dessa maneira, considero que todas as partes possuem a mesma relevância, por se complementarem.

Para o capítulo I, denominei “Aventuras teóricas”, com o objetivo de apresentar informações sobre os diversos temas abordados nesta pesquisa, ou seja, trazer para este estudo, visões de diversos teóricos pós-estruturalistas que tratam dos mesmos temas de maneiras distintas, mas com conceitos similares.

Para o capítulo II, denominei “Aventuras metodológicas”, no qual busco apresentar a metodologia adotada para esta pesquisa, o contexto investigado, os participantes e os instrumentos para geração de dados.

O capítulo III está destinado para a análise e discussão dos dados, no qual apresento, comento e interpreto os dados obtidos dos participantes, dialogando com as teorias adotadas para este estudo.

Nas considerações finais, comento sobre os resultados esperados e inesperados, as limitações e contribuições desta pesquisa no que se refere aos processos de construção identitária dos participantes, sob a perspectiva da aquisição de conhecimentos ofertados pelo Projovem Urbano.

Após essas explanações sobre como está organizada esta dissertação, apresentarei o referencial teórico que me dará suporte para este estudo.

## CAPÍTULO I “AVENTURAS TEÓRICAS”

Figura 2: Representação de *La aventura de los molinos de viento*<sup>6</sup>.



Neste capítulo, mais uma vez, inspirei-me na obra prima de Miguel de Cervantes, *Don Quijote de La Mancha*, na qual em uma de suas aventuras, reais ou imaginárias, ele luta contra moinhos de vento. Para minha “luta”, denominei “Aventuras Teóricas” no sentido de arriscar-me na tentativa de desvendar o desconhecido, procurando interpretar, transpor teorias, de inovar, de buscar construir um corpo de conhecimento que tenha utilidade teórica e pedagógica.

Dessa maneira, com a finalidade de sistematizar a fundamentação teórica desta pesquisa, galgar os objetivos traçados, bem como norteá-los sobre o que desejo pesquisar e quais temas serão abordados, este capítulo será dividido em seções, a saber: 1.1 - Pós-estruturalismo, 1.2 - Identidade, 1.3 - A expressão da subjetividade por meio do discurso, 1.4 - Motivação, investimento e comunidades imaginadas, 1.5 - Capital cultural e 1.6 - Cidadania.

Para tanto, na próxima seção trarei uma noção sobre o movimento pós-estruturalista para que possamos entender melhor alguns conceitos abordados referentes às identidades na contemporaneidade.

---

<sup>6</sup> Disponível em: <<https://www.imagens+domínio+público+don+quijote>>. Acesso em 28 mar. 2015.

## 1.1 *Pós-estruturalismo*

Nessa seção, buscarei descrever sobre o pós-estruturalismo, corrente filosófica que toma como seu objeto teórico o estruturalismo, com a finalidade de tentar manter a coerência deste estudo com os pressupostos teóricos desta perspectiva. Essa corrente surgiu como uma resposta filosófica específica, fortemente motivada pelo trabalho de Friedrich Nietzsche e Martin Heidegger, em oposição às pretensões científicas do estruturalismo, que é, sobretudo, um posicionamento pessoal das atividades humanas, cuja intenção é reelaborar as ciências humanas a partir de uma estrutura social que pode ser compreendido mediante um pensamento ou uma forma de ver o mundo.

Deste modo, Alan Schrift (1995, p.4), ao buscar a genealogia do pós-estruturalismo, pontua que a renovação do discurso filosófico é uma das principais distinções entre o estruturalismo e o pós-estruturalismo. Por isso, antes de adentrarmos especificamente no tema pós-estruturalismo, faz-se necessário ampliarmos um pouco nossos conhecimentos sobre o estruturalismo.

Segundo Dosse (2007 a) essa corrente filosófica possui duas vertentes. Uma que ocorreu entre os anos de 1950 e 1960 na França que perdura aproximadamente até o ano de 1966 com influências da linguística de Ferdinand de Saussure e uma segunda vertente que ocorre após 1968 com desconstruções progressistas e críticas metodológicas e epistemológicas que se distanciavam ao estruturalismo.

De qualquer maneira, o véu que contextualiza o estruturalismo foi constituído por pensamentos de desconfianças a um discurso que mascara a realidade em relação a um profundo pessimismo e uma atitude de crítica da modernidade ocidental (DOSSE, 2007 a).

Sendo assim, simultaneamente, o estruturalismo apresenta ideias centrais como o signo, que para Saussure, é a soma do significado com o significante, sendo que o significante é caracterizado como uma imagem acústica (ou a impressão psíquica do som) e o significado como a representação mental de um objeto ou da realidade social vinculada à específica formação sócio-cultural.

Dessa forma, para Saussure, (2009, p.95) “[...] o significante é imotivado, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade”. Portanto, o signo exclui o referente e dá lugar as regras, ao código e à estrutura. Conforme Dosse, (2007a, p.12) o emprego da teoria linguística de Saussure

por outras disciplinas “colocará em primeiro plano o estudo das formas e das relações, excluindo o das substâncias e das qualidades: oposições binárias”. (DOSSE, 2007a, p.12)

A partir disso, o pós-estruturalismo surge para contestar os ideais de Ferdinand Saussure, que em Curso de Linguística Geral, realiza o “corte saussuriano” ao formular as dicotomias língua vs. fala (*langue* vs. *parole*) excluindo os fatores sociais da língua e entendendo-a como um sistema fixo em que cada significante produz um significado.

Ao discordar com esses ideais de Saussure, Jacques Derridá se opõe ao estruturalismo questionando o logocentrismo, por meio da *différance*. Para Derridá (1968) “*différance*” não é uma palavra nem um conceito, não pertence à voz nem a escrita no sentido comum, mas sim a um entre-espaço de fala e escrita . Derridá faz uma desestruturação da estrutura do signo, a partir de que “todo o conhecimento é então interpretado como um discurso e conectado ao poder” (LOPES, 2013, p.12).

Com isso, visando questionar a estruturação da estrutura, “[...] o seu excesso, o que a perturba, a indecidibilidade associada ao que se pretende unívoco e identitariamente harmônico” (Wolfreys, 2009, apud LOPES, 2013, p. 14), direcionando para que “a estrutura exige uma relação com um exterior que a constitui” (Wolfreys, 2009, apud LOPES, 2013, p. 14), um conceito que não pode ser explicado no interior da própria estrutura. Criticando a imobilidade da estrutura saussuriana da linguagem, Derridá (2001) observa que não existe sentido que se origina na linguagem, mas conceitos nos sentidos suplementados pelo pensamento.

Sendo assim, o movimento pós-estruturalista, supera as visões estruturalistas, num posicionamento de que as ações do sujeito são de fundamental importância para as compreensões políticas e destacando seu poder e sua flexibilidade por diferentes agentes (Mainardes, Ferreira e Tello, 2011), sem deixar de dever muito a elas. De acordo com a definição dada por Williams (2013, p.1), “o pós-estruturalismo é o nome dado a um movimento filosófico que iniciou na década de 1960” e que pode ser definido por meio dos pensadores que o compõe, dos quais se destacam Jacques Derrida, Deleuze e Michel Foucault.

Ainda Williams (2013, p. 14-15) explica que, o pós-estruturalismo ilustra o limite sobre o interior do conhecimento e sobre a compreensão estabelecida da verdade e do bem de maneira eficiente – “o limite não é comparado com o centro, nem

equiparado a ele, nem lhe é dado algum tipo de papel moderador, no sentido, por exemplo, da maioria opondo-se à escuta de minorias. Antes, a alegação é de que o limite é o cerne” (WILLIAMS, 2013, p. 15).

O referido autor considera que a influência desse movimento vai além do campo filosófico e passa a pertencer a um leque amplo de campos temáticos, tais como, literatura, política, arte, críticas culturais, história, sociologia, entre outros. Dessa maneira, de forma geral, para Williams, “o pós-estruturalismo é um movimento densamente histórico de reação a uma longa série de ideias filosóficas. É também, contudo, um modo revolucionário de pensar a história”. (WILLIAMS, 2013, p.22).

Sendo assim, entendo que esse movimento pode ser considerado inovador e revolucionário, por possibilitar a uma nova geração de pensadores contemporâneos que a compõem (Derrida, Deleuze, Lyotard, Foucault, Kristeva, entre outros), transportarem os estudos obtidos a partir da linguagem para outras esferas, ou seja, para outros campos de análises (instituições, sociedade, relações humanas, entre outros).

De acordo com essas perspectivas, entendo que o pós-estruturalismo passou a considerar que há um vínculo entre as estruturas da linguagem com as demais estruturas sociais, econômicas, mental entre outras, que poderão estar diretamente relacionadas com a construção das identidades, a fim de resgatar a história para identificar os processos de transformação, descontinuidade e repetição das estruturas. Dessa forma, entendo que contrapor verdades e oposições estabelecidas, é uma ação que contradiz qualquer verdade absoluta.

Williams menciona que “para o pós-estruturalismo a verdade se torna uma questão de perspectiva ao invés de uma ordem absoluta”. “O pós-estruturalismo não rejeita simplesmente as coisas. Ele trabalha dentro dela para desfazer seus postulados exclusivistas de verdade pura” (WILLIAMS, 2013, p. 23).

No pós-estruturalismo, valores e condições não são fixados como identidades ou como regras lógicas. Pelo contrário, os valores são movimentos genuínos e as condições formais são necessárias para a sua identificação. De acordo com Williams, essa perspectiva “começa ‘onde você sente diferentemente’ e não ‘onde você sabe mesmo o que’ ou ‘segue as mesmas regras ou leis que’. Você então tenta encontrar as condições necessárias para a resistência deste sentimento a um retorno à identidade e à mesmice” (WILLIAMS, 2013, p. 89).

Além disso, em uma perspectiva feminista, o pós-estruturalismo discorre que a “mulher” não possui posicionamento discursivo, mas sim um discurso feminista que a circunda. Scott (1999) embasado em Derrida, relata que o método de desconstrução que o pós-estruturalismo utiliza desconstrói a lógica interna das categorias com o intuito de expor suas limitações. Permite-nos como diz Scott, pautado em Derrida

desconstruir significa analisar operações da diferença nos textos e as formas nas quais os significados são trabalhados. [...] Revela a interdependência de termos aparentemente dicotômicos e como seu significado se relaciona com uma história particular. Mostra-os como oposições não naturais, mas construídas; e construídas para propósitos particulares em contextos particulares. (SCOTT, 1999; e Adriana PISCITELLI, 2002)

A crítica pós-estruturalista e o feminismo pós-estruturalista englobam de certa forma uma concepção em torno da clareza de como se estabelece o sujeito: “o reconhecimento de que o sujeito se constrói dentro de significados e de representações culturais, os quais por sua vez encontram-se marcados por relações de poder”. (COSTA, 2000, p. 57).

Partindo do exposto, na seção a seguir, apresentarei alguns conceitos relativos ao tema identidade, uma vez que busco por meio desses ideários contemporâneos, compreender como se dá o processo de reconstrução identitária dos participantes dessa pesquisa sob a perspectiva da aquisição dos conhecimentos oportunizados pelo Projovem Urbano.

## 1.2 *Identidade*

Essa seção tem por finalidade ampliar os conhecimentos em relação ao tema identidade que a meu ver é um tema complexo para ser definido. Segundo o jornalista Benedetto Vecchi, em seu livro de entrevista ao sociólogo Bauman (2005, p.8), esse “assunto é pela própria natureza, intangível e ambivalente”. Por isso, pautarei em visões de teóricos pós-estruturalistas, que apesar de apresentarem conceitos distintos, entendem o referido tema de maneira similar, pois acreditam que as identidades na contemporaneidade já não apresentam mais como fixas, unificadas e acabadas, mas são múltiplas, contraditórias, inacabadas e estão em constante mutação.

Para iniciar essa discussão, Hall (2015, p.10-12) explora algumas das questões sobre a identidade cultural na modernidade tardia e avalia se existe mesmo uma “crise de identidade”, de maneira a identificar sua consistência e direção. Para tanto, o autor traz inicialmente distinções entre três concepções muito diferentes que orientam a noção de identidade de forma que nos possibilitará a compreensão das constantes mudanças identitárias pelas quais estamos passando, sendo eles a do sujeito iluminista, sociológico e pós-moderno.

Segundo Hall (2015, p.10-11), na primeira concepção, o sujeito do iluminismo, “estava baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades da razão, de consciência e de ação, cujo “centro” consistia num núcleo interior [...]”. Sob esse ponto de vista, posso dizer que a identidade desse sujeito não sofre alterações ao longo de sua vida, ou seja, ele permanece com a mesma identidade do nascimento à sua morte.

Na segunda concepção de identidade, Hall (2015, p.11) refere-se ao sujeito sociológico como “real” descrevendo que, “a identidade é formada na “interação” entre o “eu” e a sociedade. Sendo assim, o sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o seu “eu real”, mas esse é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem. O que podemos perceber nessa concepção é uma evolução histórica do conceito de sujeito e conseqüentemente o surgimento de uma nova concepção de identidade quando comparada com a identidade do sujeito do iluminismo.

Na terceira concepção, Hall (2015, p.11-12) menciona que “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de seu eu coerente”. Essa visão contemporânea me leva a refletir sobre outra concepção de identidade, aqui não será mais possível analisá-la por períodos, como nas concepções citadas anteriormente, mas sim na sua multiplicidade, na sua incompletude e possibilidades de ser assumida de diversas maneiras em diferentes momentos e lugares.

Sendo assim, mencionarei, de maneira poética, as concepções teóricas citadas, no que se refere às “mudanças” identitárias ao longo dos tempos, traduzo-as com uma visão de outros tempos, porém atual para este estudo, por meio de uma estrofe da poesia

de Luiz Vaz de Camões<sup>7</sup> (1572), do poema “Os Lusíadas”, que em uma de suas estrofes diz que “Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades, muda-se o ser, muda-se a confiança; todo o mundo é composto de mudança, tomando sempre novas qualidades[...]” (CAMÕES, 1572).

Essas mudanças observadas pelo poeta no passado, atualmente ficaram mais evidentes e passaram a ser analisadas por diversos pesquisadores, de diversas áreas do conhecimento, denominadas como “mudanças identitárias”.

Ampliando a discussão e retomando a visão de Hall (2015, p. 112), em uma de suas considerações sobre as identidades do sujeito, que diz:

[...] as identidades são as posições que o sujeito é obrigado a assumir, embora “sabendo” (aqui, a linguagem da filosofia da consciência acaba por nos trair), sempre, que elas são representações, que a representação é sempre construída ao longo de uma “falta”, ao longo de uma divisão, a partir do outro e que assim, elas não podem, nunca, ser ajustadas – idênticas – aos processos de sujeito que são nelas investidos. (HALL, 2015, p. 112)

Desse modo, Woodward (2014, p.7, 8) esclarece que a identidade nos dá uma ideia de quem somos e de como nos relacionamos com os outros e com o mundo no qual vivemos. Esses conceitos levaram-me a refletir sobre as diversas maneiras em que as identidades dos participantes desta pesquisa poderão ser reveladas dentro do espaço escolar, por meio de suas expressões subjetivas ou posicionamentos assumidos nesse contexto.

A partir disso, Moita Lopes (2003, p. 19) aponta que as questões relativas às identidades emergem nos estudos linguísticos com uma concepção de linguagem como discurso, ou melhor, “uma concepção que coloca como central o fato que todo uso da linguagem envolve ação humana em relação a alguém em um contexto interacional específico”. Por isso, considerei a escola como um espaço ideal para este estudo, uma vez que me possibilitou observar a interação entre os participantes da pesquisa e comunidade escolar.

---

<sup>7</sup> Luís Vaz de Camões (1524-1580) foi um poeta português. Autor do poema "Os Lusíadas", uma das obras mais importantes da literatura portuguesa, que celebra os feitos marítimos e guerreiros de Portugal. É o maior representante do Classicismo português.

Na interação, por meio de seus discursos, os participantes poderão revelar suas posições subjetivas assumidas, a partir das relações com as pessoas com as quais eles convivem em seus contextos sociais. Desse jeito, ainda Moita Lopes complementa que “todo ato discursivo se dirige a alguém e toda prática discursiva é situada no mundo sócio histórico e cultural em que ocorre, isto é, não ocorre em um vácuo social” (MOITA LOPES, 2003, p.22).

Nesse sentido, posso exemplificar com minhas observações feitas a partir de minha prática docente com casos de estudantes que possuem nacionalidades paraguaias e vivem no Brasil. Nesse contexto, percebo que ao expressarem suas subjetividades por meio de seus discursos, revelam também suas identidades nacionais, bem como seus meios sociais e culturais de pertencimentos.

Isso acontece mesmo quando eles se comunicam em Língua Portuguesa, pois no momento em que expressam suas subjetividades, há sempre algo que nega suas identidades como brasileiras, muitas vezes por meio do uso de vocabulários de sua língua materna, expressões idiomáticas, sotaques característicos ou até mesmo preferências pessoais, que revelam suas identidades como hispano-americanos. Assim, entendo que essa é uma das maneiras em que a prática discursiva pode revelar o mundo sócio histórico e cultural do indivíduo.

Desse modo, Woodward corrobora com o mencionado exemplificando que a identidade marca as maneiras pelas quais nós nos reconhecemos dentro do grupo que compartilha uma mesma posição, e as maneiras nas quais nós somos diferentes daqueles que não a compartilham. (WOODWARD, 2014, p.7, 8)

Partindo disso, retornaremos a debater as identidades dos participantes desta pesquisa, bem como os contextos em que estão inseridos, trarei mais uma visão de Bauman (2005, p.44) em que ele reconhece que:

Num dos polos da hierarquia global emergente estão aqueles que constituem e desarticulam as suas identidades mais ou menos à própria vontade, escolhendo-as no leque de ofertas extraordinariamente amplo de abrangência planetária. No outro polo se abarrotam aqueles que tiveram negado o acesso à escolha da identidade, que não têm direito de manifestar as suas preferências e que no final se veem oprimidos por identidades aplicadas e impostas por outros – identidades que eles próprios se ressentem, mas não têm permissão de abandonar e nem das quais conseguem se livrar. Identidades que estereotipam, humilham, desumanizam e estigmatizam. (Idem, p.44)

Ainda Bauman (2005, p.17) complementa essa definição quando ele diz, que “o pertencimento e a identidade não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis”. Nesse sentido, entendo que essas pessoas que tiveram negado o acesso a escolha de suas identidades, poderão reconstruí-las, reposicioná-las. Isso será uma decisão que o próprio indivíduo terá que tomar, a partir do reconhecimento sobre a atual condição em que vive, traçando objetivos que possibilitem um reposicionamento social. Por isso, acredito que por meio da aquisição dos conhecimentos oportunizados pelo Projovem, os participantes desta pesquisa poderão reconstruir suas identidades.

Rajagopalan (2003, p.71) complementa nesse sentido ao dizer que “[...] a única forma de definir uma identidade é em oposição a outras identidades em jogo. Ou seja, as identidades são definidas estruturalmente. Não se pode falar em identidade fora das relações estruturais que imperam em um momento dado”. Sendo assim, procurei neste estudo, perceber as diversas identidades assumidas pelos participantes dentro do espaço escolar, mas sem desconsiderar as demais identidades assumidas nos contextos sociais em que esses jovens estão inseridos.

Para auxiliar neste entendimento, Ciampa (1987) define “identidade como metamorfose, ou seja, em constante transformação, sendo o resultado provisório da intersecção entre a história da pessoa, seu contexto histórico e social e seus projetos”. Nesse dinamismo identitário, citado pelo autor, ele deixa claro que não é exclusivamente o indivíduo que determina sua identidade, ou seja, não depende apenas de sua vontade, de seus projetos de vida, mas também de processos externos relacionados ao seu contexto social e à sua história de vida.

Além disso, Norton (2000, p.5) acrescenta o debate ao mencionar que o construto de identidade relaciona-se “ao modo pelo qual os indivíduos entendem a sua relação com o mundo, como essa relação é construída por meio do tempo e do espaço; e também como esses indivíduos entendem as possibilidades para o futuro”. A partir dessas considerações da autora, fica evidente que a identidade de um indivíduo poderá ser reconstruída a partir de seu posicionamento social, de sua tomada de consciência sobre a atual situação em que vive, ou seja, o que ele considera como real necessidade, de que maneira define seus projetos de vida e como busca concretizá-los.

Nesse mesmo sentido Bauman (2005, p.22) diz que “a identidade só nos é revelada como algo a ser inventado e não descoberto; como alvo de um esforço, um objetivo; como uma coisa que ainda se precisa construir a partir do zero ou escolher entre alternativas e então lutar e protegê-la lutando ainda mais”. Nessa perspectiva, o indivíduo não possui uma identidade fixa por toda a vida, podendo reconstruí-la, a partir de sua determinação e desejos de mudanças.

Para enriquecer ainda mais o debate, Coracini (2003, p.113) acrescenta que “se esse sujeito é internamente múltiplo, ser heterogêneo, clivado, barrado, não nos é possível falar de identidade como algo acabado, estável e fixo”. E acrescenta que “a identidade é ilusória e só existe como construção imaginária”. Sob essa perspectiva abstrata da autora, Rajagopalan (1998, p. 41-42) amplia a percepção da autora ao mencionar que:

A identidade de um indivíduo se constrói na língua e através dela. Isso significa que o indivíduo não tem uma identidade fixa anterior ou fora da língua. Além disso, a construção da identidade de um indivíduo na língua e através dela depende do fato de a própria língua em si ser uma atividade em evolução e vice-versa. Em outras palavras, as identidades da língua e do indivíduo têm implicações mútuas. Isso por sua vez significa que as identidades estão sempre num estado de fluxo. (RAJAGOPALAN, 1998, p. 41-42)

Partindo desse conceito do autor, em que língua e identidade estão intimamente ligados e em constante mutação, penso que ao buscar entender a identidade de cada participante desta pesquisa, também passarei a entender um pouco sobre as identidades das pessoas com quem eles se relacionam em seus contextos sociais, isso porque ao expressarem suas subjetividades, poderão revelar, por meio de seus discursos, suas experiências vivenciadas nesses contextos de interação.

Expandindo a teoria sobre identidades e como elas poderão ser construídas ou reveladas, Moita Lopes (2003, p. 20) diz que “aquilo que a pessoa é, ou sua identidade social, é exatamente o que é definido nos e pelos discursos que a envolvem e a constroem”. Sendo assim, considere fundamental buscar entender o processo da construção identitária dos estudantes do Projovem Urbano por meio de suas narrativas e entrevistas, ou melhor, por meio da expressão da subjetividade de cada participante.

Como enriquecimento Hall (2015, p.9), complementa o debate ao dizer que “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui vistos como sujeitos unificados”. A partir disso, ele procurou investigar se há mesmo uma “crise de identidade” relacionada ao processo de mudança conhecido como mudança global, que para ele torna as fronteiras indefinidas e as identidades menos sólida ao dizer que:

Os fluxos culturais, entre as nações, e o consumismo global criam possibilidades de “identidades partilhadas” — como “consumidores” para os mesmos bens, “clientes” para os mesmos serviços, “públicos para as mesmas mensagens e imagens— entre pessoas que estão bastante distantes uma das outras no espaço e no tempo. À medida em que as culturas nacionais tornam-se mais expostas a influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural. (HALL, 2015, p. 43)

Nessa perspectiva, parece haver uma “homogeneização” cultural. Além disso, Rajagopalan (1998, p.26) acrescenta que “as identidades estão todas elas, em permanente estado de transformação, ebulição. Elas estão sendo constantemente construídas. Em qualquer momento dado, as identidades estão sendo adaptadas e adequadas as novas circunstâncias que vão surgindo”. Com isso, faz-se necessário refletirmos essas mudanças a partir do nosso contato virtual com as pessoas, ou seja, as possibilidades do acesso online às múltiplas identidades na “Nova Era Digital” que poderão moldar nossa maneira de pensar, agir e se relacionar com as pessoas no mundo.

Em relação a esse assunto, vejo que é interessante trazer essa discussão, para dentro dos espaços das escolas públicas, pensando nas classes sociais menos favorecidas, ou seja, falar sobre as reais condições de acesso às informações e aos conhecimentos das pessoas mais pobres de nossa sociedade, nesse lugar. Para tanto, Coracini pontua que “embora circulem discursos que promovem a existência de computadores ao alcance de todos, sabemos que esse alcance depende de uma série de condições” (CORACINI, 2011, p.25).

O questionamento que essa autora fez é muito relevante para o nosso estudo quando pensamos nas mudanças identitárias na “Nova Era Digital”, pois o que tenho presenciado ao longo dos anos nas diversas escolas públicas em que trabalhei em redes distintas, em relação ao acesso tecnológico pelos alunos é um verdadeiro descaso com a

educação pública. Digo isso porque a maioria dos casos que vivenciei, o acesso é muito precário, com espaços físicos inadequados, oferta de equipamentos de má qualidade e ultrapassados, ou quando esses equipamentos possuem boas condições de uso, quase sempre, não há acesso à internet. Em relação a esse assunto Coracini (2011, p.25) acrescenta que:

(...) Não é necessário muito esforço para se dar conta de que a defasagem entre uns e outros prossegue: antes, no acesso a bibliotecas, a livros, à mídia de que faz parte o ciberespaço. A desigualdade continua inexorável, apesar da aparência enganosa das propagandas políticas e das publicidades mercantilistas. (CORACINI, 2011, p.25)

Trouxe essa questão para nosso estudo, porque acredito que as informações e os conhecimentos ofertados dentro do espaço escolar estão diretamente relacionados à formação das identidades dos estudantes, pois acredito que a aquisição desses conhecimentos agregados aos já repassados pela família e em seu meio social, fará toda distinção na maneira como serão visualizado e posicionado socialmente.

A meu ver, para o educando adquirir novos conhecimentos oportunizados no espaço escolar, além do acesso tecnológico, ele deve ser orientado pelos educadores em aonde e como buscar as informações que possam contribuir para sua formação identitária, pois de acordo com Hall (2005, p.38) a identidade permanece sempre incompleta, está sempre "em processo", sempre "sendo formada". Nessa perspectiva, Moita Lopes (2003, p.309), confirma sobre a importância da mediação do educador na formação das identidades dos seus alunos devido à ocupação da posição de líder nas interações assimétricas.

Estas considerações me fez recordar que durante o período em que trabalhei nas escolas públicas, ouvi diversos relatos de estudantes agradecendo à professores pelos êxitos obtidos em determinadas etapas de suas vidas, pois acreditam que graças à dedicação desses educadores, possibilitou-lhes a formação de novas identidades.

Penso que nesses casos, realmente houve uma contribuição significativa do educador em sua formação, porém essas prováveis mudanças identitárias aconteceram porque a prática pedagógica esteve aliada ao “investimento” efetivo do estudante na aquisição dos conhecimentos ofertados dentro do espaço escolar.

Hall (2015, p.24) acrescenta que “a identidade é realmente algo formado ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na

consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo "imaginário" ou fantasiado sobre sua unidade". Nesse mesmo sentido Orlandi confirma que a identidade

não é homogênea e ela se transforma. Não há identidades fixas e categóricas. Esta é uma ilusão – a da identidade imóvel – que, se de um lado, é parte do imaginário que nos garante uma unidade necessária nos processos identitários, por outro lado, é um ponto de ancoragem de preconceitos e de processos de exclusão. (ORLANDI, 1998, p. 204)

Com essas reflexões, finalizo essa seção com a impressão que os conceitos relativos ao tema identidade foram parcialmente explorados, embora espere que essas contribuições possam nos levar a fazer uma “reconsideração radical na própria noção de identidade” (RAJAGOPALAN, 1998, p. 27).

Sendo assim, na próxima seção ampliarei esse entendimento, trazendo um pouco da discussão sobre a expressão da subjetividade, pois segundo Woodward (2013, p. 56) identidade e subjetividade “são, às vezes utilizados de forma intercambiável. Existe, na verdade uma considerável sobreposição entre ambos”. Para tanto, trarei alguns conceitos teóricos para que possamos tentar compreender o referido tema.

### 1.3 A expressão da subjetividade por meio do discurso

[...] “Subjetividade sugere a compreensão que temos sobre o nosso eu. O termo envolve os pensamentos e as emoções conscientes e inconscientes que constituem nossas concepções “quem nós somos”. A subjetividade envolve nossos sentimentos e pensamentos mais pessoais. Entretanto nós vivemos nossa subjetividade em um contexto social no qual a linguagem e a cultura dão significado à experiência que temos de nós mesmos e no qual nós adotamos uma identidade [...]” (WOODWARD, 2013, p. 56)

A partir desse conceito, Foucault (2002, p.511) acrescenta que “no homem, o interior é também o exterior [...] o ponto extremo da subjetividade se identifica com o fascínio imediato do objeto”. Partindo dessas considerações, fica explícito nas considerações do autor que a constituição da subjetividade é o resultado do diálogo entre o mundo interno e o mundo externo, ou contexto social ao qual o indivíduo está inserido e poderá ser revelado por meio de seu discurso (oral e escrito).

Nesse sentido, Orlandi (2002, p.15) define “o discurso como palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem

falando”. Fairclough (1992, p.63) complementa mencionando que “o discurso é um modo de agir, uma forma pela qual as pessoas agem em relação ao mundo e principalmente em relação às outras pessoas”. Nesse sentido, para este estudo, pautarei nos discursos dos participantes, referindo ao uso da linguagem escrita e oral, como possibilidade de captar suas posições subjetivas assumidas a partir das interações em seu contexto social, bem como as identidades adotadas a partir dessa experiência.

Ainda, Fairclough (1992, p.64) amplia o mencionado ao dizer que “o discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que a moldam e a restringem direta ou indiretamente: suas normas e convenções, assim como as relações, identidades e instituições que se encontram por trás destas”. Assim, no espaço escolar em que os participantes desta pesquisa estão inseridos, educadores e educandos se relacionam negociando significados por meio de seus discursos e dessa maneira, poderão expressar suas subjetividades e revelar suas identidades nesse ambiente, bem como explicitar contexto social ao qual estão inseridos.

Nesse sentido, Fairclough (1992, p.64) afirma que “o discurso é uma prática não apenas de representar o mundo, mas de fazê-lo significar, constituindo e construindo o mundo com base em significados”. Dessa maneira, Woodward acrescenta dizendo que “os sujeitos são assim sujeitados ao discurso e devem eles próprios, assumi-lo como indivíduos que, dessa forma, se posicionam a si próprios” (WOODWARD, 2013, p. 56).

Partindo desses conceitos, entendo que esse fluxo constante entre o mundo interior e o contexto ao quais os participantes desta pesquisa estão sujeitos, compõe seu mundo interno (modo de pensar, sentir, agir, desejar, entre outros), ou seja, a sua subjetividade, que poderá ser expressa por meio de seus discursos (oral ou escrito) no ambiente escolar pesquisado.

Em conformidade com essas considerações, Weedon (1997, p.32) define a subjetividade como “pensamentos conscientes e inconscientes e emoções da pessoa, seu senso de si mesmo e seu modo de compreender a sua relação com o mundo”. Dessa maneira, justifico a razão pela qual considero indispensável tentar entender a constituição da subjetividade dos participantes, a partir de seus discursos, pois a meu ver, isso poderá auxiliar na compreensão de seus processos de construções identitárias,

bem como situar os contextos sociais aos quais eles estão inseridos. Nesse sentido Guattari (2000, p.31) enriquece o assunto ao dizer que:

Seria conveniente dissociar radicalmente os conceitos de indivíduo e de subjetividade. Para mim, os indivíduos são o resultado de uma produção de massa [...] Freud foi o primeiro a mostrar até que ponto é precária essa noção de totalidade de um ego. A subjetividade não é passível de totalização ou centralização no indivíduo. Uma coisa é a individualização do corpo. Outra é a multiplicidade dos agenciamentos da subjetivação: a subjetividade é essencialmente fabricada e modelada no registro social. (GUATTARI, 2000, p. 31)

Nessa abordagem, entendo que o autor ao fazer referências sobre a subjetividade menciona sobre o entendimento que temos sobre nós mesmos. Então, para ele, debater sobre subjetividade resulta discutir sobre quem somos como seres individuais, mas sem deixar de reconhecer que nossa constituição é resultado de nossas interações sociais.

Ainda a respeito disso, Gonzalez Rey (2005, p.19) acrescenta que a subjetividade é como "um sistema complexo capaz de expressar através dos sentidos subjetivos a diversidade de aspectos objetivos da vida social que concorrem em sua formação". Com isso, o autor reafirma que o indivíduo ao expressar a sua subjetividade, revelará também suas experiências vivenciadas em seu contexto social.

Dessa maneira, é possível afirmar que o discurso é constitutivo das subjetividades do indivíduo no conjunto das relações sociais e históricas, e, por isso, Votre pondera que "o sujeito tende a ser conceituado como o conjunto de enunciados, atitudes, estados, condutas ou processos intencionais formados por termos linguísticos elementares, como: sensações, sentimentos, emoções, pensamentos e expectativas". (VOTRE, 2002, p. 89).

Pelo exposto, entendo que conforme o nosso engajamento no discurso, as nossas subjetividades surgem ou deixam de existir, pois se reconstruem cotidianamente. Nesse sentido, Morin (2010, p. 122) menciona que "o sujeito traz em si mesmo a alteridade que ele pode comunicar-se com outrem". Desse modo, passo a entender que tanto nossa identidade como nossa subjetividade é constituída a partir do outro, ou melhor, é resultado de nossas relações sociais em nosso contexto de pertencimento.

Para resumir o que foi dito e tentar definir identidade e subjetividade, Woodward aponta que "as posições que assumimos e com as quais nos identificamos constituem

nossas identidades. A subjetividade inclui as dimensões inconscientes do eu, o que implica a existência de contradições [...]” (WOODWARD, 2013, p. 56)

A partir dos conceitos adotados até aqui, passo a entender que a identidade se remete mais às nossas características pessoais, tais como nosso nome, nacionalidade, naturalidade, profissão, grau de escolaridade, estado civil, entre outros. Tudo isso pode ser percebido por mim e pelo “outro”. Já a subjetividade, está mais voltada para a compreensão que tenho do próprio “eu”, do “meu espaço íntimo”, do “meu mundo interno” ou a grosso modo, como me vejo como pessoa, porém isso também pode ser expresso ao outro por meio de meu discurso.

Sendo assim, a seguir discorrerei sobre o tema motivação, investimento e comunidades imaginadas com a finalidade de tentar entender os desejos ou as resistências dos participantes desta pesquisa em adquirir novos conhecimentos oportunizados pelo programa.

#### *1.4 Motivação , investimento e comunidade imaginada*

Nessa seção, proponho uma reflexão sobre os temas motivação, investimento e comunidade imaginada a partir de aportes teóricos pós-estruturalistas que nos auxiliarão a compreender os referidos temas, bem como o processo de reconstrução identitária dos participantes deste estudo, sob a perspectiva da aquisição, ou não, dos conhecimentos oportunizados pelo programa.

Os teóricos Gardner e Lambert (1972) foram os precursores no estudo sobre a motivação. Eles teorizaram que aspectos afetivos estão relacionados entre si e interferem diretamente na aprendizagem, ou seja, entendo que para eles o fator psicológico esteja diretamente relacionado com a aprendizagem do indivíduo.

Nestas investigações, os teóricos Gardner e Lambert (1972, p.1) visavam respostas à seguinte indagação: “O que faz com que algumas pessoas aprendem de forma rápida e eficaz, enquanto outras, dadas às mesmas condições de aprendizagem não o fazem?” Para tanto, a resposta dada a tal pergunta, foi “encontrada”, pelos referidos teóricos, no tipo de motivação que impulsiona os aprendizes a aprenderem.

Gardner e Lambert (1972) apontaram dois tipos de motivação, a motivação integrativa – baseada em atitudes positivas dos aprendizes e a motivação instrumental – caracterizada por um desejo de obter reconhecimento social. Sendo assim, os referidos

autores consideraram que não há maior ou menor grau de motivação quando comparados esses dois tipos, porque acreditam que tanto um aluno com a orientação instrumental como um aluno com a orientação integrativa pode ter o mesmo nível de motivação. Mas, esses estudiosos, no que diz respeito ao grau de aprendizagem, consideram a motivação integrativa, mais eficiente que a motivação instrumental.

A partir disso, Norton (1995, p.13), complementa em relação à teoria da “motivação” de Gardner e Lambert, questionando a relevância do grau de “investimento” do aprendiz e a relação construída social e historicamente por ele, ou seja, ela não critica os fatores psicológicos, mas complementa no que se refere à influência dos fatores sociais na aprendizagem do indivíduo.

Com isso, em relação ao construto investimento, Norton (2013) “procura fazer uma conexão significativa entre os desejos dos aprendizes e o compromisso para aprender, e suas identidades complexas e mutáveis”. De acordo com essa autora, posso dizer que os “investimentos” dos participantes desta pesquisa, se houver, estão relacionados aos seus desejos e comprometimentos em adquirir os conhecimentos oportunizados pelo Projovem.

Ainda para Norton Peirce (1995) essa noção de investimento possibilita “capturar a relação do aprendiz com o mundo social mutável”. Nessa perspectiva, entendo que para a autora, o construto identitário dos aprendizes estão relacionados com as experiências vivenciadas por eles em seus contextos sociais.

Partindo do exposto, Norton menciona que a noção investimento pode ser mais bem entendida por meio da metáfora capital cultural utilizada por Bourdieu (1997 *apud* NORTON, 1995, p.17). Esse termo foi criado pelo referido autor para analisar as situações de classe social, para nosso melhor entendimento, estudaremos com maior especificidade, na próxima seção.

Desse modo, inspirada na teoria do capital cultural do sociólogo Bourdieu, Norton (1995) defende que se os aprendizes investem, eles o fazem conscientes de que adquirirão uma ampla gama de recursos simbólicos e materiais que possibilitará aumentar o valor de seu capital cultural e com isso facilitará atingir uma determinada “comunidade imaginada”.

Ressalto que o conceito “comunidade imaginada” foi cunhado por Benedict Anderson (2006, p.6) ao definir o conceito de nação. Para ele, nação é uma comunidade

política imaginada “porque os membros até da menor nação nunca irão tomar conhecimento da maioria dos seus membros-companheiros, encontrarem com eles ou mesmo ouvir sobre eles, mas, ainda assim, nas mentes de cada um vive a imagem da sua comunhão”.

Sendo assim, a partir dessa definição pude observar que realmente há um espírito de comunhão ao pertencermos a uma mesma comunidade imaginada, a exemplo disso é quando estamos fora da nossa cidade ou de nosso país e encontramos alguém que possui a mesma naturalidade ou nacionalidade, imediatamente nos identificamos com o desconhecido, porque julgamos pertencer a uma mesma “comunidade imaginada”.

Kanno e Norton (2003, p.241) atribuíram uma nova significação para o referido conceito de Anderson definindo que “comunidades imaginadas se referem a grupos de pessoas, que não estão acessíveis ou tangíveis de forma imediata, com quem nos conectamos pelo poder da imaginação”. Percebo que essas comunidades imaginadas dos alunos devem ser valorizadas pelos educadores, pois muitas vezes elas tornam-se reais, outras podem cair no esquecimento ou até mesmo serem trocadas por aquelas que julgam mais adequadas em determinados momentos de suas vidas.

Para Wenger (1998, p.176) a imaginação é entendida como “o processo de expandir a si mesmo transcendendo nosso tempo e espaço e criando novas imagens do mundo e de nós mesmos”. Sendo assim, entendo que essa definição pode ser mais compreendida quando comparada aos nossos projetos de vida, ou melhor, a aquilo que pretendemos ser no futuro. Já em relação a um determinado grupo que desejamos pertencer, Kanno e Norton (2003, p.241) denominam “comunidades imaginadas”.

Nesse mesmo sentido, Norton (2000, p. 166) “menciona que uma comunidade imaginada possibilita a criação de uma identidade imaginada, e o investimento de um aprendiz deve ser entendido dentro desse contexto”. Em outras palavras, a autora diz que ao desejarmos pertencer a um determinado grupo social, também almejamos assumir uma determinada identidade, mas que para isso concretize, depende do grau de desejo aliado ao comprometimento de cada indivíduo.

Com isso, Kanno & Norton (2003, p.248) diz que nossas identidades devem ser entendidas não somente em referência aos nossos investimentos no mundo “real”, mas também em referência ao investimento nos mundos possíveis, Ou seja, ainda que

fiquemos impossibilitados de acessarmos nossas comunidades imaginadas de imediato, elas poderão ser acessadas em outros momentos futuros.

Norton (2001, p.165) acredita que “diferentes aprendizes têm diferentes comunidades imaginadas; e que elas são mais bem compreendidas no contexto do investimento individual [...]” Conforme o pensamento dessa autora, enfatizo que o grau de desejo e comprometimento de cada estudante do Projovem Urbano em pertencer a uma determinada comunidade imaginada fará com que ele invista, na aquisição dos conhecimentos oportunizados pelo programa e com isso poderá adquirir uma nova identidade.

Pelo exposto, aproveito mais uma vez, para compartilhar minhas experiências vivenciadas com estudantes em escolas públicas ao longo dos anos, dessa vez em relação às suas comunidades imaginadas. Para tanto, relato que testemunhei muitos casos exitosos de estudantes que conseguiram atingir suas comunidades imaginadas pelo seu desejo e comprometimento com sua aprendizagem e com isso adquiriram novas identidades. Penso que, além disso, também há outros fatores, não pesquisado, que podem ter auxiliado no alcance de tais comunidades imaginadas.

Em outros casos, as comunidades imaginadas dos estudantes foram trocadas por outras que julgaram mais adequadas ou tangíveis, isso muitas vezes por falta de oportunidades ou mesmo pela ausência de desejos e comprometer para investir na aquisição de conhecimentos que os levassem a adquirir determinado valor de “capital cultural” e conseqüentemente pertencer à comunidade imaginada desejada.

No entanto, infelizmente, percebi que a grande maioria dos casos em que vivenciei as comunidades imaginadas por estes estudantes caíram no esquecimento, e por isso, tendem a permanecer com as identidades compatíveis com as das pessoas com quem eles se relacionam socialmente.

Assim sendo, na próxima seção discutiremos mais especificamente sobre o tema capital cultural para que possamos entender melhor a importância ou irrelevância dos investimentos na aquisição de conhecimentos.

### *1.5 Capital Cultural*

Nessa seção abordarei de maneira mais específica, porém simplificada, o tema capital cultural, penso que esse entendimento poderá nos auxiliar a entender algumas

questões relacionadas à defasagem idade e série escolar, exclusão social, bem como possibilidades de inclusão dos participantes desta pesquisa.

O pensador francês Pierre Bourdieu, em seu texto denominado “Os três estados do capital”, cunha o termo “capital cultural” ou informacional para explicar de que maneira a cultura, em uma sociedade de classes, pode se transformar em valor para as classes dominantes, bem como em um instrumento de dominação.

Para o referido autor o processo de acúmulo de capital inicia-se ainda na infância com os hábitos da família. Segundo ele, aqueles pais que possuem um maior capital cultural (diplomas, acesso a livros e a cultura geral), transmitem a seus filhos certo valor desse capital cultural. Desse modo, essas crianças desde cedo têm a oportunidade de frequentar espaços como teatro, cinema, ler bons livros, fazer viagens entre outras, ou seja, elas terão a oportunidades de acumular certo valor de capital cultural desde muito cedo. Dessa maneira, ao frequentarem a escola, elas já saem em vantagem em relação às crianças que não tiveram essas mesmas oportunidades, ou seja, às crianças pertencentes às classes sociais menos favorecidas da sociedade.

Por isso, para analisar o baixo rendimento escolar dos alunos Bourdieu esclarece que

“a noção de capital cultural impõe-se, primeiramente, como uma hipótese indispensável para dar conta da desigualdade de desempenho escolar de crianças provenientes das diferentes classes sociais, relacionando o “sucesso escolar”, ou seja, os benefícios específicos que as crianças das diferentes classes e frações de classe podem obter no mercado escolar, à distribuição do capital cultural entre classes e segmentos de classe. (BOURDIEU, 1998, p. 73)

Com o exposto, essa teoria, parece romper com a concepção de que o fracasso escolar está relacionado diretamente com as aptidões naturais da criança, pois deixa implícito que a responsabilidade pelo sucesso ou fracasso da criança é o valor da “herança cultural” transmitida pela família.

A partir disso, busco aplicar essa teoria aos participantes desta pesquisa, pois acredito que devido aos seus pertencimentos às classes sociais menos favorecidas e as pessoas com quem eles se relacionam em seus contextos sociais, esses jovens praticamente não tiveram acesso ao capital cultural de suas famílias desde a infância,

por isso, entendo que eles ficaram em desvantagem em relação àqueles que tiveram oportunidades de receber um maior valor de capital cultural como herança familiar.

Em relação ao exposto (Bourdieu, 1998, p. 42) afirma que “na realidade, cada família transmite a seus filhos, mais por vias indiretas que diretas, um certo capital cultural e um certo ethos [...], que contribui para definir, entre outras coisas, as atitudes em face do capital cultural e da instituição escolar”. Sendo assim, conforme exemplificado com os participantes desta pesquisa, passei a entender que esse autor diz que aquelas crianças que receberam maior valor do capital cultural, como herança transmitido pelas famílias, possuem também maiores chances para obter êxito no desempenho escolar e conseqüentemente na vida. Em relação a isso Bourdieu acrescenta que:

é provavelmente por um efeito de inércia cultural que continuamos tomando o sistema escolar como um fator de mobilidade social, segundo a ideologia da “escola libertadora”, quando ao contrário, tudo tende a mostrar que ele é um dos fatores mais eficazes de conservação social, pois fornece aparência de legitimidade às desigualdades sociais, e sanciona a herança cultural e o dom social tratando como dom natural. (BOURDIEU, 1998, p. 41)

Nesse sentido, o autor aponta que o sistema escolar comete certa “violência simbólica” ao impor às classes sociais menos favorecidas (dominadas), como legítimos a cultura e os modos de pensar das classes sociais mais favorecidas (dominante) e ainda desconsidera o valor do capital cultural, ou melhor, da herança cultural transmitida para cada um desses indivíduos por meio de suas famílias, dessa maneira trata o êxito ou o fracasso escolar como um dom natural de cada indivíduo.

Pelo exposto, para Bourdieu e Passeron (1998, p.42) capital cultural é um valor social, que poderá ser transformado em uma maneira de prestígio e diferenciação para quem o possui. Então, verifico que o reconhecimento do atual valor do capital cultural acumulado por cada participante desta pesquisa, aliado aos seus desejos e comprometermos para tomar posse do saber ofertado no âmbito escolar pelo programa, poderão possibilitar o acesso às suas comunidades imaginadas e por conseqüência, levá-los a adquirir outras identidades.

Vale ressaltar que, para Bourdieu e Passeron (1998, p.156), o acesso ao capital cultural não se dá apenas por fatores inerentes à educação, mas também é determinado por fatores extraescolares, a saber: por aspectos sociais, econômicos e culturais, como

exposto anteriormente, esses fatores influenciarão diretamente na aprendizagem dos alunos, pois sabemos que a transmissão desse capital cultural se dá de maneira desigual nas classes sociais, a exemplo disso verificaremos os casos dos participantes desta pesquisa, que teremos a oportunidade de conhecê-los melhor por meio de seus discursos, em que expressarão um pouco de suas subjetividades.

Ainda Bourdieu (1991, p.14) reforça que o capital cultural de uma pessoa está representado pelo seu conhecimento, suas habilidades e demais qualificações educacionais e técnicas. Nesse sentido, penso que os conhecimentos ofertados aos jovens do Projovem Urbano, juntamente com a certificação do Ensino Fundamental e qualificação profissional, no arco de telemática e participação cidadã, possibilitarão a eles um aumento no valor de seus capitais culturais e isso poderá servir como fonte de distinção e de poder entre os demais jovens que não possuem o referido grau de escolaridade e conhecimentos.

Em relação ao mencionado, Bourdieu (1974, p.37) confirma que as relações sociais entre os participantes de uma mesma comunidade são desiguais, como são desiguais as competências linguísticas e o capital cultural associado a eles. Desse modo, entendo que as diferenças existentes em relação ao valor do capital cultural de cada indivíduo dentro de um mesmo grupo social conferem mais poder para uns que para outros.

Em suma, em consonância com os ideais desse autor, o valor do capital cultural acumulado, nos dará prestígio e honra perante a sociedade, ou melhor, nosso valor e identificação no espaço social se darão de acordo com o valor do capital cultural que temos acumulado. Isso nos possibilitará a atingir determinadas comunidades imaginadas, bem como a aquisição de outras identidades e com isso nos possibilitará tomar posse de bens simbólicos e materiais.

Sendo assim, trarei a seguir alguns questionamentos relacionados à cidadania, pois considero que de alguma maneira, o capital cultural acumulado poderá contribuir para o exercício de uma cidadania participativa e, por conseguinte na formação das identidades dos participantes desta pesquisa.

## 1.6 Cidadania

Ao relacionar cidadania com educação, o governo federal lançou o Projovem Urbano, vislumbrando a inclusão social, tendo por finalidade a elevação do grau de escolaridade, visando à conclusão do ensino fundamental, qualificação profissional em nível de formação inicial, voltada a estimular a inserção produtiva e cidadã e o desenvolvimento de ações comunitárias com práticas de solidariedade, exercício da cidadania e intervenção social (BRASIL, 2005b). Sendo assim, com essa proposta, a escola passa a ter um papel fundamental na preparação dos jovens para o exercício da cidadania.

Para tanto, faz-se necessário primeiramente tentarmos conceituar o tema em questão. Para Dallari (1988, p.40) “a cidadania expressa um conjunto de direitos que dá à pessoa a possibilidade de participar ativamente da vida e do governo de seu povo [...]”. Esse fato me faz pensar no que tenho vivenciado como educadora durante estes anos no Projovem Urbano, cujas histórias vividas por muitos destes jovens, fizeram com que eles se encontrem totalmente despreparados para a prática da cidadania, por lhes faltarem condições básicas de noção de coletividade, o que leva a não aceitação destes por alguns segmentos da sociedade.

Ainda para Dallari (1988, p.40), “[...] quem não tem cidadania está marginalizado ou excluído da vida social e da tomada de decisões, ficando numa posição de inferioridade dentro do grupo social”. Por isso, o Projovem Urbano é uma proposta do governo federal de inclusão social que poderá, por meio dos conhecimentos oportunizados pelo programa, resgatar a autoestima dos jovens e orientá-los para que possam desenvolver a consciência cidadã. Essa necessidade é confirmada por Nunes (1989, p.36), ao mencionar que:

Não tenho dúvida de que cabe a escola um lugar de destaque no alargamento das condições de exercício da cidadania e o domínio da 'norma culta' (no plano da linguagem) e dos conhecimentos, hábitos e comportamentos mais valorizados socialmente (dos quais, uma boa parcela é veiculada pela escola). (NUNES, 1989, p.36)

Para Demo (2002a, p.359), “a escola, entretanto, precisa privilegiar a cidadania, não a produtividade econômica”. Infere-se da fala do autor que o estímulo à

prática da cidadania não é comumente desenvolvida nas escolas, evidencia-se dessa maneira o descaso do poder público com a educação popular.

Tenho observado durante esses anos que participo do Projovem Urbano a força libertadora que têm a participação cidadã por meio da educação. Mas isso não é comumente estimulado nas escolas, como dito anteriormente. Nesse viés, Santos (1997, p.134) amplia o debate sobre cidadania ao mencionar que:

Poderíamos traçar a lista das cidadanias mutiladas neste país. Cidadania mutilada no trabalho, através das oportunidades de ingresso negadas. Cidadania mutilada na remuneração, melhor para uns do que para outros. Cidadania mutilada nas oportunidades de promoção. Cidadania mutilada também na localização dos homens, na sua moradia. Cidadania mutilada na circulação. Esse famoso direito de ir e vir, que alguns imaginam existir, mas que na realidade é tolhido para uma parte significativa da população. Cidadania mutilada na educação. (SANTOS, 1997, p.134)

Para Libanio (2000, p.114), “a formação para o exercício da cidadania se assenta na estrutura familiar e se complementa na escola e na formação social”. Segundo o autor, nelas se adquire a autoconfiança e a percepção da dignidade, complementando que a partir da escola o cidadão é preparado de diversas maneiras à prática de atitudes básicas com relação aos colegas, aos professores e consigo mesmo, assim para ele, “quanto mais participativa a escola, mais forma os alunos para o exercício da cidadania”.

Ainda Libanio (2000, p.114) ressalta que “o ambiente em que se vive, as conversas que se ouve e de que se participa, as relações que se entabulam entre as pessoas podem ir formando ou deformando a cidadania.” Desta forma, está implícito a importância da família, do contexto social e da escola na formação do cidadão, pois são esses os primeiros ambientes que vivemos e nos relacionamos.

Enfim, acredito que se fez necessário mencionar sobre essas questões nesta pesquisa, uma vez que o exercício da cidadania está diretamente relacionado com os processos de formação identitária dos participantes, ou vice versa, principalmente no que se refere à construção de suas autonomias.

Sendo assim, no próximo capítulo apresentarei a metodologia adotada para a realização desta pesquisa. Para tal, primeiramente abordarei a natureza da pesquisa, em seguida apresentarei o espaço em que os participantes desta pesquisa estão inseridos,

logo apresentarei os participantes desta pesquisa e finalmente os instrumentos utilizados para geração de dados.

## CAPÍTULO II - “AVENTURAS METODOLÓGICAS”

Figura 3: Representação de La aventura de *los rebaños de ovejas*<sup>8</sup>.



Infere-se da imagem acima, mais uma das aventuras vivenciadas pelo “nobre cavaleiro” de Cervantes, na qual em suas andanças trava a famosa batalha contra rebanhos de ovelhas, inspirando o título do presente capítulo que denominei “*Aventuras Metodológicas*” por entender que chegou o momento da ação, da escolha dos “caminhos” a percorrer para que eu pudesse chegar ao “lugar” almejado.

Neste capítulo apresentarei os “percursos” investigativos dessa pesquisa, com a finalidade de demonstrar à metodologia de trabalho que orientou meus planejamentos, a aplicação das atividades, a coleta dos dados e a análise e discussão dos mesmos. Para tanto, descreverei a seguir a natureza da pesquisa, o contexto investigado, os participantes e os instrumentos utilizados para geração de dados.

---

<sup>8</sup> Disponível em <https://www.batalla+de+don+quijote+contra+un+reba%C3%B1o+de+ovejas>. Acesso em 25 mai. 2015.

## 2.1 Natureza da pesquisa

A presente pesquisa caracteriza-se pelo seu caráter qualitativo, de cunho auto-etnográfico, orientada pelo viés êmico, realizada com 06 (seis) estudantes do Projovem Urbano, de uma escola estadual, localizada no município de Campo Grande-MS.

## 2.2 O caráter qualitativo

Optei por esse tipo de pesquisa por entender que essa abordagem metodológica vem ao encontro de minhas necessidades como pesquisadora uma vez que busco entender fenômenos que considero múltiplos e complexos por se tratar do universo interno e externo dos participantes deste estudo.

González Rey (2005, p.85) afirma que “uma das características da pesquisa qualitativa é seu acesso a temas que são íntimos e muito sensíveis para as pessoas pesquisadas [...]”. Sendo assim, entendo que os fenômenos relacionados à construção identitária dos estudantes do Projovem Urbano, tais como experiências vivenciadas, desejos, investimentos, comunidades imaginadas, capital cultural entre outros, não podem ser mencionados quantitativamente.

Ainda para González Rey (2005, p.81) a pesquisa qualitativa representa “[...] um processo permanente, dentro do qual, se definem e redefinem constantemente todas as decisões e opções metodológicas no decorrer do próprio processo de pesquisa [...]”. A partir dessa concepção pude refletir sobre a importância em estar atenta a todas as situações que emergiram no decorrer da pesquisa, visto que é por meio desse processo que ela ganhará uma configuração de estudo.

Segundo Bogdan e Biklen (1994, p. 16), a pesquisa qualitativa tem a intenção de obter “a compreensão dos comportamentos a partir da perspectiva dos sujeitos da investigação”. Esse tipo de pesquisa se fez necessário uma vez que o enfoque é tentar entender o Processo de construção identitária dos estudantes, sob a perspectiva da aquisição de conhecimentos oportunizados pelo Projovem Urbano, de uma escola estadual, localizada no município de Campo Grande, durante a permanência deles no programa.

Ainda, Bogdan e Biklen (1994, p. 48) consideram que a pesquisa qualitativa também pode ser reconhecida como descritiva, pois

[...] os dados recolhidos são em forma de palavras ou imagens e não números. Os resultados escritos da investigação contêm citações feitas com base nos dados para ilustrar e substanciar apresentação. Os dados incluem transcrições de entrevistas, notas de campo, fotografias, vídeos, documentos pessoais, memorandos e outros registros oficiais. (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p. 48)

Sendo assim, os dados qualitativos obtidos expressam a realidade do contexto estudado bem como dos participantes da pesquisa com o máximo de informações. Para isso, palavras e imagens registradas, com exceção dos números, deverão ser interpretadas adequadamente.

Minayo (1994, 21-22) entende que o estudo qualitativo leva a entender os questionamentos “[...] de um nível de realidade que não pode ser quantificado. [...] aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável, em equações, médias e estatísticas”. Desse modo, foi possível visualizar que esse tipo de pesquisa, possibilitou-me a compreensão dos fatos investigados, a partir de perspectivas individuais dos entrevistados, oportunizando a visualização das distintas maneiras em que os participantes se posicionavam.

Também no que se refere à pesquisa qualitativa, Lüdke e André (1986, p.12) mencionam que “[...] o material nessas pesquisas é rico em descrições de pessoas, situações; acontecimentos; inclui transcrições de entrevistas, depoimentos, fotografias, desenhos e extratos de vários tipos de documentos”. Dessa maneira, em seguida apresentarei os motivos que me levaram a optar pela escrita auto-etnográfica, bem como pontuarei algumas características desse tipo de escrita.

### 2.2.1 *Auto-etnografia*

Adotei a escrita auto-etnográfica para este estudo, a fim demonstrar os contextos sociais em que estamos inseridos. Isso devido a minha trajetória como docente ter acontecido somente em contextos de escolas públicas e também pelo meu envolvimento e experiência profissional há mais de 10 (dez) anos com o Projovem Urbano, compartilhando experiências e histórias de vidas, sem deixar de fazer parte delas.

Bowerman (2010, p.3) define essa abordagem como “uma forma de contar nossas histórias pessoais, isto é, uma prática de escrita sobre os outros e nós mesmos em

relação a um universo cultural mais largo”. Sendo assim, optei por essa abordagem por possibilitar-me narrar parcialmente as histórias dos participantes, a partir de minhas próprias histórias.

De acordo com Chang (2008, p.71), na auto-etnografia “o passado garante o contexto para o eu presente e a memória abre porta para a riqueza do passado”. Isso já pode ser evidenciado em minha narrativa autobiográfica. Sendo assim, considero que esta riqueza vivenciada como educadora, bem como a vivenciada pelos participantes deste estudo, no programa, por meio de compartilhamentos de saberes, espaços e momentos de interações, futuramente farão parte de nossas “riquezas do passado”.

Outro fator que julgo relevante em relação a essa metodologia foi à possibilidade de fazer as observações pelo enfoque êmico, que de acordo com Campos (2002, p.65), nessa maneira, o fenômeno é visto “de dentro (insiders)”. A partir desta perspectiva, posso dizer que passei a ser observadora e participante desta investigação, pois me sinto parte integrante do contexto investigado, contudo buscarei estudar o fenômeno a partir das perspectivas dos estudantes do Projovem Urbano.

Com isso, na próxima subseção apresentarei o contexto investigado, com o intuito de retratar, de maneira sucinta, o ambiente em que os participantes dessa pesquisa estão inseridos.

### *2.3 Contexto investigado*

O contexto investigado neste estudo é uma escola de Ensino Fundamental e Ensino Médio, pertencente à rede pública estadual de ensino da Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul (SED), localizada na cidade de Campo Grande – MS, situada no Bairro Campo Belo, fundada em 1986, com a finalidade de atender os moradores das regiões do Jardim Campo Belo, Jardim Presidente e principalmente, do corredor do Bairro Nova Lima. Bairros periféricos!

A primeira edição do Projovem Urbano nessa unidade escolar foi no ano de 2012, ano esse em que o programa passava a ser administrado pelo MEC devido a mudanças ocorridas na esfera federal por conta de nova gestão presidencial.

Saliento que essa implantação do projeto na referida escola, não foi uma escolha ou solicitação dos gestores escolares atuantes na época. Isso foi evidenciado no momento em que chegamos (equipe do Projovem – assistente pedagógico, assistente

administrativo, professores, cozinheira e educador acolhedor de crianças) ao local para assumirmos as funções determinadas pela Secretaria de Estado de Educação - SED e fomos surpreendidos pelos gestores e equipe administrativa da escola ao dizerem que desconheciam a implantação do projeto na referida unidade escolar.

Mas apesar desse fato, fomos acolhidos pela gestão e dessa maneira tive a oportunidade de poder atuar pela primeira vez nesse espaço escolar e prosseguir meu trabalho como educadora no programa.

Na segunda edição do referido Programa nesse mesmo espaço escolar, no ano de 2015, fui designada para assumir o cargo de coordenadora pedagógica do programa, juntamente com a equipe do Projovem e mais uma vez fomos surpreendidos com o mesmo discurso da edição anterior: os gestores e equipe administrativa desconheciam que haveria outra edição do programa na escola.

Informo que para a efetivação do programa na escola, em todas as edições, foram disponibilizados 6 (seis) salas de aulas, sendo 5 (cinco) salas para recebermos os jovens inscritos e uma 1 (uma) sala para acolhida dos filhos dos estudantes que não tem onde deixá-los para virem à escola. Nesse espaço, enquanto esses jovens estudam, seus filhos são atendidos por um profissional denominado educador acolhedor de crianças.

Nessa edição (ano de 2015/2016), 130 (cento e trinta) jovens ocuparam o referido espaço escolar para retomarem seus estudos por meio do Projovem Urbano, sendo que muitos deles são ex-alunos dessa escola.

Para efetivar as matrículas desses jovens, utilizamos recursos próprios e diversas estratégias, tais como distribuição de panfletos nos terminais e dentro dos ônibus em que a linha era da região ou das proximidades da escola; contratação de moto de som para divulgar o projeto e o período das inscrições no bairro e entorno da escola; divulgação por meio de propagandas em programas de rádios e TV; confecção e colocação de faixas do programa em pontos estratégicos e matrículas dos jovens em suas residências, entre outras.

A fim de contextualizar com mais detalhes o micro ambiente em que os participantes desta pesquisa estão inseridos, descrevo que na referida sala de aula as carteiras e cadeiras são organizadas diariamente em formato de U, isso para facilitar o diálogo, as leituras e debates entre os alunos e educadores. Nesse ambiente, não se usa mais giz nem lousa, pois há um quadro branco para a escrita e projeção de imagens, o

que também possibilita aulas diferenciadas com uso de algumas tecnologias, pois a escola disponibiliza equipamentos de som e projetores para que os educadores possam utilizar em suas aulas junto aos alunos.

Ocorreram alguns problemas a partir do momento em que esses jovens ocuparam o referido espaço escolar que dificultaram o bom desempenho na execução do programa e a permanência desses jovens nesse espaço, tais como: o atraso por 9 (nove) meses no envio de materiais pedagógicos pelo Governo Federal, a demora para o fornecimento de vale transporte aos estudantes, a impossibilidade de uso da sala de tecnologias da escola por aproximadamente 1 (um) ano e o atraso por 5 (cinco) meses para a liberação da bolsa benefício aos estudantes, pelo Governo Federal, que deveria ser paga mensalmente, entre outros.

Agora que já conhecemos um pouco sobre o contexto investigado e algumas situações relativas a esse contexto, na próxima subseção, apresentarei os participantes dessa pesquisa, os quais considero um dos elementos-chave para o desenvolvimento deste estudo.

#### *2.4 Participantes desta pesquisa*

A princípio, os participantes iniciais planejados para contribuir com esta pesquisa foram 30 (trinta) estudantes da turma 3 (três) do Projovem Urbano, de uma escola estadual, localizada no município de Campo Grande - MS.

Justifico a opção por essa turma, como público alvo de minha pesquisa, pela atitude solícita cotidiana do Professor Orientador (PO) da turma, bem como pelo seu comprometimento com os seus afazeres pedagógicos. Outro fator relevante foi à diversidade na composição da turma (grupo heterogêneo) que, a meu ver, é uma riqueza de material humano muito grande para o desenvolvimento deste estudo, que será detalhado mais adiante.

Com o passar dos meses, somente 06 (seis) jovens participaram efetivamente desta pesquisa, pois conscientes ou inconscientemente, parte desses jovens deixou de contribuir com o meu estudo, por diversos motivos, como: não querer participar, faltas consecutivas, trabalhos noturno, desistência, não execução das atividades propostas, entre outros.

Esclareço que todos esses participantes terão seus nomes preservados, conforme combinamos previamente à pesquisa. Por isso, todos os nomes que usarei, serão fictícios, ou seja, pseudônimos.

Esses jovens possuem, atualmente, faixa etária entre 18 e 31 anos, são considerados alfabetizados, ou ainda não concluíram o Ensino Fundamental, portanto possuem níveis de escolaridade distintos.

Em relação ao gênero desses participantes, 3 (três) alunos são do sexo masculino e 3 (três) do sexo feminino, sendo que 2 (dois) estão casados e possuem filhos e 4 (quatro) estão solteiros, desses somente uma, a que é divorciada, possui filhos.

No que diz respeito à vida profissional dos participantes, 4 (quatro) deles encontram-se desempregados e dois empregados, mas, somente 01 (uma) está empregada formalmente, em outras palavras, possui registro em carteira, o outro trabalha informalmente, ou seja, sem registro em carteira de trabalho ou documentação equivalente.

Ao encerrar essa descrição, espero que tenham se familiarizado, ainda que superficialmente, com os participantes desta pesquisa, bem como com o contexto em que eles estão inseridos, mas ainda terão a oportunidade de conhecê-los melhor, na seção de análise e discussão dos dados coletados, pois julgo esses entendimentos essenciais, uma vez que busco compreender o processo de construção identitária sob a perspectiva da aquisição de conhecimentos oportunizados pelo programa a esses jovens.

Assim, na subseção a seguir, apresentarei os instrumentos utilizados para geração dos dados, que a meu ver foram primordiais para que eu pudesse obter êxito nas coletas das informações desta pesquisa.

### *2.5 Instrumentos para geração e tratamento dos dados*

O processo de geração de dados ocorreu a partir do uso de 4 (quatro) instrumentos, a saber: diário de bordo, questionários fechados, narrativas escritas, entrevistas semiestruturadas (individuais).

Torna-se relevante discorrer que durante minhas observações, ainda utilizei outros instrumentos paralelos, que considerei como auxiliares para minhas observações, tais como fotografias e filmagens durante a aplicação das atividades.

A minha opção pelos instrumentos de pesquisa para geração de dados citados inicialmente, justifica-se por considerá-los mais adequados ao contexto, bem como por terem oferecido melhores condições para o levantamento das informações que eu necessitava.

O primeiro instrumento que utilizei para coleta de dados foi os questionários, que para Nunan (1992, p.143), eles podem conter perguntas abertas, fechadas ou mistas. Assim, na primeira etapa da coleta de dados apliquei um questionário, que o considero como fechado por ter sido elaborado com perguntas cujas respostas são definidas em meio a alternativas previamente estabelecidas.

Para Richardson (1999, p.189), normalmente os questionários cumprem duas funções, ou seja, descrevem características e medem determinadas variáveis de um grupo. Sendo assim, optei por questionários de perguntas fechadas para iniciar minha pesquisa, com o intuito de conhecer um pouco sobre o perfil dos participantes desta pesquisa, por meio de seus dados pessoais.

O segundo instrumento utilizado na geração dos dados foi à produção de narrativas escritas. Essa escolha teve como objetivo buscar compreender como se dá o processo de construção identitária dos estudantes, sob a perspectiva da aquisição dos conhecimentos oportunizados pelo Programa Nacional de Inclusão de Jovens – Projovem Urbano, de uma escola estadual, localizada no município de Campo Grande – MS, durante a permanência no programa.

Para tanto, Schafer (1981, p.31) menciona que “nós estamos eternamente contando histórias sobre nós mesmos”. Dessa maneira, penso que é um hábito cotidiano e natural de todo ser humano narrar suas próprias histórias. Tal assertiva me levou a acreditar que as narrativas dos participantes desta pesquisa fluiriam com muita naturalidade.

Para Moita Lopes (2002, p. 64) “as narrativas são instrumentos que usamos para fazer sentido do mundo a nossa volta e, portanto, de quem somos nesse mundo”. Ao mencionar isso, entendo que o autor considera que ao narrarmos, revelamos nossa subjetividade, ou seja, de onde somos e quem somos.

Cunha (1998, p.39) complementa ao dizer que “a narrativa não é a verdade literal, mas, antes, é a representação que dela faz o sujeito, e, dessa forma, pode ser transformada da própria realidade”. Sendo assim, não podemos considerar as narrativas

desta pesquisa como verdades absolutas, mas expressões particulares, carregadas de subjetividades, que representam as realidades vivenciadas em um determinado espaço e tempo.

O terceiro instrumento utilizado foi às entrevistas semiestruturadas com a finalidade de complementar os dados de minha pesquisa e também por entender que esse instrumento possibilitaria que o outro falasse de si de maneira espontânea e natural.

Para Manzini (1990/1991, p.154), “esse tipo de entrevista está focalizado em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas”. Para que esse processo flua com naturalidade, Triviños (1987, p.146), complementa que:

A entrevista semiestruturada deve partir de certos conhecimentos básicos apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. (TRIVIÑOS, 1987, p.146)

Nesse mesmo sentido, Ludke e André (1986, p.34), complementam a ideia ao dizer que a entrevista semiestruturada é a que se “desenrola a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistador faça as necessárias adaptações.” Sendo assim, a mediação do pesquisador, com interferências pontuais, aliada a espontaneidade e a liberdade de expressão do pesquisado são fundamentais para o desenvolvimento de seus pensamentos e suas experiências vivenciadas, construídas a partir de sua realidade social, tendo sempre como foco primordial o assunto abordado pelo investigador.

Desse modo, essa abordagem visou à compreensão da realidade particular de cada participante, possibilitando seu envolvimento e colaboração com o conteúdo da pesquisa de maneira subjetiva.

Já em relação ao uso do diário de bordo, meu objetivo com isso foi relatar os acontecimentos que julguei mais importantes durante todo o meu percurso de investigação, isso me possibilitou um exame crítico sobre a minha postura e a dos estudantes a partir dos registros de minhas observações. A este respeito, Morim relata que:

todo grande descobridor escrevia um diário de bordo. [...] o diário de bordo, [por sua vez] é uma ferramenta convivial que permite ao autor, pesquisador, registrar suas observações, suas reflexões e todos os acontecimentos importantes relacionados com ações empreendidas. (MORIM, 2004, p.134)

Pórlan (1997, p.47) afirma que “O diário é um instrumento para transformar novas concepções, é um modo de intervenção, é uma nova prática conscientemente dirigida e evoluída”. E para que isso se concretize, Falkembach (1987), pontua que “os fatos precisam ser registrados no diário de bordo assim que são produzidos”. A partir disso, procurei registrar, por escrito, os fatos que julguei relevantes ao término de cada observação feita ou coleta de dados dos participantes desta pesquisa.

Com isso, meu principal objetivo foi gerar dados dos participantes para posteriormente tentar compreender como se dá o processo de suas construções identitárias, sob a perspectiva da aquisição dos conhecimentos oportunizados pelo Projovem. Portanto, concluo nessa seção a apresentação das metodologias e dos instrumentos utilizados para as referidas coletas.

Sendo assim, considerando os conhecimentos adquiridos e compartilhados até o momento, no próximo capítulo farei a explanação da minha análise e discussão dos dados gerados pelos 6 (seis) participantes desta pesquisa.

### CAPÍTULO III - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Figura 4: Representação de momentos de *lectura del hidalgo Alonso Quijano*<sup>9</sup>.



Essa figura simboliza o motivo pelo qual o fidalgo Alonso Quijano sofre mudança identitária, ou seja, de tanto ler os livros de cavalaria assume a “identidade” de um cavaleiro andante, el Don Quijote de la Mancha.

Desse modo, acredito que a partir do momento em que os participantes desta pesquisa “investiram” efetivamente na busca de novos conhecimentos oportunizados pelo Projovem, também podem ter sofrido mudanças identitárias significativas.

Assim, introduzo este capítulo com o intuito de analisar e discutir os dados coletados dos 6 (seis) participantes, em conformidade com as teorias contemporâneas mencionadas no capítulo I, denominado “**AVENTURAS TEÓRICAS**”, visando atingir os objetivos específicos, que retomarei a seguir:

- 1) Investigar o impacto das memórias de aprendizagens dos participantes na busca da aquisição de novos conhecimentos oportunizados pelo Projovem Urbano e conseqüentemente na construção de suas identidades.
- 2) Verificar como se dão os investimentos por parte dos estudantes na busca da aquisição de novos conhecimentos oportunizados pelo Projovem Urbano e conseqüentemente na sua construção identitária.

---

<sup>9</sup> Disponível em: <<https://www.lectura+hidalgo+alonso+quijano&espv=2&biw=1>>. Acesso em 25 mai. 2015.

- 3) Identificar de que forma as comunidades imaginadas dos participantes estão presentes nas identidades assumidas durante a permanência no Projovem Urbano.
- 4) Averiguar de que maneira cada participante desta pesquisa reconhece, ou não, a importância do aumento do valor de seu capital cultural para o exercício da sua cidadania.

Para tanto, organizei esta parte da análise e discussão dos dados em seções, sendo que em cada uma delas tratarei de um dos objetivos específicos desta pesquisa conforme citado. Esclareço que ao elaborar cada um desses objetivos específicos almejei atingir temas que considero essenciais para a minha pesquisa, a saber: identidade, investimentos, comunidades imaginadas, capital cultural e cidadania que aparecerão explícitos sucessivamente em cada um dos objetivos específicos desta pesquisa.

Antes de iniciar efetivamente a minha análise e discussão sobre os dados dos participantes, considero relevante atentarmos para os contextos sociais em que eles estão inseridos, uma vez que são oriundos de um programa de inclusão social. Afinal é a consciência sobre esses contextos, de si e do seu próprio potencial, como seres humanos, que fez com que eles investissem, ou não, na aquisição de novos conhecimentos oportunizados pelo programa.

Por isso, complemento o descrito com Coracini (2011) dizendo que

(...) essas histórias, sofridas e sentidas, servem também para criar evidências de situações insuportáveis, à primeira vista insuperáveis, mas para as quais é preciso “criar” (no sentido de ser criativo) saídas sem dar voltas, sem fazer desvios, enfrentando os problemas, as situações de exclusão, discriminação e preconceito, saídas políticas, porque sempre são políticas, mas, sobretudo éticas, no sentido da responsabilidade, da necessidade de responder aos apelos que nos são feitos. Não seria essa a tarefa do pesquisador e, principalmente, do professor? (CORACINI, 2011, p.27)

A partir dessa reflexão, trarei um pouco sobre as identidades dos participantes desta pesquisa por meio de suas narrativas e entrevistas em que eles nos contarão um pouco sobre suas memórias de aprendizado. Essas memórias podem ter influenciado, de alguma maneira, em seus anseios ou apatia na busca de novos conhecimentos oportunizados pelo Projovem Urbano e conseqüentemente na construção de suas identidades.

### 3.1 *As identidades dos participantes em questão*

Nesta seção objetivo investigar o impacto das memórias de aprendizagens dos participantes na busca da aquisição de novos conhecimentos oportunizados pelo Projovem Urbano e conseqüentemente na construção de suas identidades. Para tanto, analisarei e discutirei os dados dos participantes, pautado nas teorias contemporâneas mencionadas no capítulo I, denominado “**AVENTURAS TEÓRICAS**”.

Porém, acredito que ainda que inconscientemente, essas análises dos dados não ficarão isentas de minhas impressões subjetivas, devido ao longo período que me fiz presente no contexto investigado junto aos participantes desta pesquisa. Nesse sentido, Weedon (1997, p.32) define subjetividade como “pensamentos conscientes e inconscientes e emoções da pessoa, seu senso de si mesmo e seu modo de compreender a sua relação com o mundo”. (WEEDON, 1997, p.32)

Coracini (2007, p.12) amplia o assunto ao definir identidade como “interpretação de si – pelos outros e por si – e do outro – por si e pelo outro”. Já para Silva (2014, p.74) “em uma primeira aproximação, parece ser fácil definir identidade. A identidade é simplesmente aquilo que se é [...]”. Mas, a meu ver, só aparenta ser de fácil definição a princípio, pois é um tema extremamente complexo para ser estudado, compreendido, definido e analisado.

Com isso, esclareço que ao mencionar algumas situações informalmente, não pretendo julgar quem quer que seja, pois meu intuito com isso será discutir, ampliar o debate com meus conhecimentos, tentar investigar os fenômenos de formação identitária dos participantes, bem como deixar explícito o contexto social em que eles estão inseridos.

Dessa maneira, iniciarei com a análise dos dados coletados da participante Catherine com o intuito de analisar e discutir alguns fenômenos que podem estar relacionados à sua construção identitária.

[...] Então meus pais se separaram e comecei a ter mais dificuldades.  
Minha mãe não era muito presente, pois tinha que trabalhar.  
Então voltei pra cá pra morar com meu pai.  
Fui matriculada na Escola Araci Eudociak fiz o quinto ano lá e desisti no sexto ano [...]  
[...] Voltei a estudar várias vezes e sempre desistia [...]  
[...] Então tive que começar a trabalhar pra ter meu sustento pois sai da casa do meu pai ele não queria mais eu lá. Às vezes não tinha nem onde dormi.

Então fui morar na casa de uma amiga, e conciliar meu trabalho com estudo era difícil por que sempre trabalhei anoite e o dia eu queria só dormir[...].  
(Catherine, narrativa 01, 2016)

Catherine é uma jovem de 25 anos de idade, casada, mãe de duas filhas. Ao ler esse trecho de sua narrativa, pude inferir que sua defasagem em relação à idade/ano escolar, pode ter como um dos fatores à falta de estrutura familiar, assim como a necessidade que possuía de trabalhar desde muito cedo para obter seu próprio sustento, como ela mesmo relata.

Essa participante aparenta ser uma pessoa determinada, responsável, cumpridora de seus deveres e preocupada em ofertar para si e para seus filhos as oportunidades que lhe foram negadas em sua infância e juventude. Isso foi possível verificar por meio de seus discursos informais, bem como mediante observações relativas às suas atitudes, tais como: pontualidade, assiduidade, realização das atividades propostas, participação, desempenho nas avaliações escolar, postura para conversar e se relacionar com equipe escolar e colegas, maneira com que zela de suas filhas entre outras. Sendo assim, Catherine contribuiu com minha pesquisa com muita responsabilidade, não deixando de fazer nenhuma das atividades por mim solicitadas.

Naquela parte da narrativa de Catherine, também pude observar que, a princípio, ela não teve como optar por sua identidade, por isso coaduno com os ideais de Bauman (2005, p. 44) quando ele diz que “no outro polo se abarrotam aqueles que tiveram negado o acesso à escolha da identidade, que não tem o direito de manifestar as suas preferências e que no final se veem oprimidos por identidades aplicadas e impostas por outros [...]” (BAUMAN, 2005, p. 44).

Sendo assim, a partir de seus desejos e reconhecimento sobre a atual situação e o seu potencial humano, Catherine pretende, por meio de seus “investimentos” na aquisição de conhecimentos oportunizados pelo programa, adquirir novas identidades. Isso fica evidente nas seguintes palavras:

Eu acordei né! Eu acordei, eu vi que realmente eu posso continuar, que eu tenho forças e que eu tenho que continuar lutando. É isso! (+) São essas as mudanças, antes eu num, eh (+) num pensava assim, eu pensava que (+) que já tinha chegado em uma certa idade e que tinha que parar ali e pronto.  
(Catherine, entrevista, 2016)

Nesse sentido, Norton (2000, p.5) afirma que a identidade está ligada “ao modo pelo qual os indivíduos entendem a sua relação com o mundo, como essa relação é construída por meio do tempo e do espaço; e também como esses indivíduos entendem as possibilidades para o futuro”. De acordo com essa autora e analisando o trecho da entrevista de Catherine citado anteriormente, fica evidente que ela almeja reconstruir sua identidade, ou melhor, passa a ter uma nova visão sobre suas “possibilidades para o futuro”.

Após essa análise, a seguir trarei um trecho da narrativa de Olga para que possamos conhecer um pouco sobre sua formação identitária, bem como analisar e discutir seus dados.

Sou de uma família bem humilde que hoje é o meu porque de estar aqui, participando das aulas do projovent [...].  
[...] No ano de 1991 mais ou menos comecei os meus estudos [...].  
Mas infelizmente no meio do ano tive que parar, devido as condições financeiras dos meus pais, mudamos pra cidade de Campo Grande e fui morar depois de uns anos com os meus tios, pois nesse mesmo ano eles foram morar na fazenda e lá não havia Escola.  
Passei 02 ano e meio com ela e foram os dias mais tristes da minha vida, mais consegui vencer, comecei a estudar na E.E. Linho Vilacha.  
No ano de 1994 fui pra Rochedo, e lá, fomos morar em uma chácara, ali íamos estudar em Rochedo na Escola Rural “Polo” era um dia sim e 01 dia não, no tempo integral [...].  
Então os anos iam passando. Estudei em outra Escola Rural que não me lembro o nome, fiquei até a quarta série, ou seja, fiz a quarta série e fiquei de recuperação [...].  
E assim passou minha vida na escola até chegar no projovent, depois de ficar 15 anos sem estudar. (Olga, narrativa 01, 2016)

Olga é uma jovem de 31 anos de idade, divorciada, mãe de dois filhos. Ao ler este trecho de sua narrativa, a meu ver, ela deixa claro que sua defasagem em relação à idade/ano escolar está relacionada à falta de acesso à escola, às condições financeiras de seus pais, em outras palavras, a desestrutura familiar.

Acredito que devido à falta de oportunidades no passado, faz com que atualmente Olga possua desejos de prosseguir com seus estudos para “mudar de vida”, como ela mesma diz em nossas conversas informais, pois ela reconhece que a atual situação não está satisfatória, porque “não deseja limpar chão dos outros para o resto de sua vida”. Para tanto, reconhece que “o caminho é a escola mesmo, é os estudos, até o final, até eu conseguí a última meta a qual eu estou pretendendo, a qual eu despertei, mhm (+) não tem outro caminho”. (Olga, entrevista, 2016)

Em relação a isso Bauman (2005, p.22) afirma que a identidade só nos é revelada como algo a ser inventado e não descoberto; como alvo de um esforço, um objetivo [...]. Sendo assim, o desejo que Olga tem de adquirir novas identidades em que julga melhor, exigirá dela empenho e dedicação para alcançá-las.

Continuando neste pensamento, posteriormente trarei um pequeno trecho da narrativa de Helena para que possamos conhecer um pouco sobre sua formação identitária e também analisar e debater seus dados.

[...] fiz até a sexta série e depois por muitos obstáculos tive que parar de frequentar a escola, mas fiquei sabendo desse programa projovem que é a chance para pessoas de 18 a 29 anos a terminarem o ensino fundamental então achei muito bom e me matriculei [...]. (Helena, narrativa 01, 2016)

Helena é uma jovem solteira, de 22 anos de idade. Após convivermos no espaço escolar por um período de 18 meses, ao ler este trecho de sua narrativa, entendo que está implícito que sua defasagem em relação à idade/série escolar está atrelada à falta de estrutura familiar e às condições sociais onde vive. Ela pontua ter passado por “diversos obstáculos em sua vida”, porém não especifica em nenhum momento quais foram essas dificuldades, mas para que possamos entender um pouco sobre sua formação identitária, acrescento informalmente que ela é moradora de uma comunidade carente denominada “Corredor do Nova Lima”, ou seja, o seu contexto de vida, provavelmente a levou a sofrer muitas frustrações e exclusão.

Vejo oportuno acrescentar que Helena ao chegar à escola em março do ano de 2015, tinha dificuldade de socialização. Isso ficava evidente em sua resistência em sentar-se em círculo com os demais colegas, na recusa em realizar atividades propostas pelos educadores bem como na expressão da falta de carinho com que nos tratava. Mas, isso não foi em nenhum momento, motivo para desistirmos dela, pois cada vez mais tentávamos acolhê-la com mais amor e respeito dentro do espaço escolar.

Porém, o que me causava estranheza era que mesmo com esse comportamento, Helena não faltava as aulas um dia sequer, mesmo morando longe e não possuir vale transporte para deslocamento até a escola. Isso para mim ficou caracterizado como uma forma de “investimento”, porque entendo que com esse posicionamento, Helena estava investindo em seu aprendizado e em consequência em sua própria formação identitária.

Com o decorrer dos meses, observei que ela foi se habituando ao ambiente de sala de aula, começou a se sentar em círculo junto aos demais colegas e também estabeleceu vínculo afetivo com a equipe de educadores e educandos do programa.

Nesse sentido Ciampa (1987) define “identidade como metamorfose, ou seja, em constante transformação, sendo o resultado provisório da intersecção entre a história da pessoa, seu contexto histórico e social e seus projetos”. A partir dessa possível “transformação” de Helena, conseqüentemente ela passou a ser mais comunicativa e a realizar as atividades propostas pelos educadores, parece ter visualizado no programa, como ela mesma disse, uma “chance”, para concluir o Ensino Fundamental e posteriormente prosseguir com seus estudos, para que possa adquirir novas identidades.

Desta maneira, Norton (1997, p.410), afirma que o construto identitário está relacionado “ao modo pelo qual as pessoas compreendem a sua relação com o mundo, como essa relação é construída por meio do tempo e do espaço e também como o sujeito entende as possibilidades para o futuro”. A partir dessas reflexões da autora podemos verificar que Helena ao expressar sua subjetividade, revela-nos sua relação com o seu mundo interior e exterior e ainda pontua as possíveis alterações identitárias sofridas mencionando que:

Antes eu era (+) bem (+) eu vivia num mundo que (+) num mundo que era só o meu mundo, ninguém entrava, eu não conversava com ninguém, eu me via uma pessoa que não conseguia (+) eu falava, eu não posso, eu não consigo, tipo assim, eu me rebaixava (+) agora não, tudo mudou, meus pensamentos, tudo, tipo (+) agora eu me vejo uma pessoa positiva, eu aprendi até a falar com as pessoas, aprendi a me abri também, aprendi a (+) se comunicá, aprendi (+) a respeitá as pessoas, também a respeitá (+) o que elas pensam. Não tipo assim, elas pensá uma coisa e eu não aceitá e julgá (+) entendeu? (Helena, entrevista, 2016)

Em relação a essa nova postura mencionada, Bauman (2005, p. 17) afirma “que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais para o pertencimento quanto para identidade”. Sendo assim, a seguir, demonstrarei, mais uma vez, como Helena considera ter sofrido mudança identitária, para tanto, trarei um trecho de seu agradecimento a minha pessoa, postado em minha página do facebook, logo após ela ter concluído o Ensino Fundamental por meio do Projovem.

Vou sentir Muitas saudades dessa chata kkkkk, Mas quem sabe nos encontramos de novo por aí Obrigada por pegar no meu pé sua chata, se não fosse sua chatice comigo **não seria essa menina que sou hoje, aprendi muito** com você, Maria Das Dores Dias Acosta. (Helena, mensagem facebook, 2016)

Com isso, sinto-me lisonjeada, na certeza de que meu dever foi parcialmente cumprido, mas não posso deixar de mencionar que o mérito foi de Helena, pois foi a partir de seus desejos de mudança e investimentos efetivos na busca dos conhecimentos oportunizados pelo programa, que lhe possibilitou adquirir novas identidades.

A partir dessas análises e considerações, apresentarei um fragmento da narrativa de Ivan para que possamos conhecer um pouco de sua formação identitária, bem como analisar e discutir os dados.

Comecei a estudar na Escola Ada Teixeira dos Santos Pereira, não fiz pré, então reprovei na primeira série até pegar o jeito de aprender a escrever e ler. [...] começou a avançar, depois passei pra quinta série comecei a fazer muitos trabalhos e pesquisa e minhas notas eram muito boas, depois passei pra sexta série, pra mim vi que essa série era difícil, mexia muito na cabeça reprovei, tentei de novo reprovei. Comecei a fazer EJA, mas desisti por causa das amizades. Agora eu com 26 anos conheci o Projovem, pra acabar os estudos, e disso precisava, pois estava muito difícil arrumar um emprego, me toquei que estudo era muito importante pra minha vida. (Ivan, narrativa 01, 2016)

Ivan é um jovem solteiro de 26 anos de idade. Ao ler este trecho de sua narrativa, pude inferir que sua defasagem em relação à idade/ano escolar está parcialmente relacionada às influências sofridas por algumas pessoas com quem ele convivia em seu meio social. Em relação a isso, Bauman (2005, p.19) “ressalta que as “identidades” flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas”. Nesse sentido, Ivan não esteve em estado de alerta com as identidades das pessoas em sua volta, aquelas que ele considera como más amizades, que segundo ele, o levou a desistir dos estudos.

É relevante informar que a princípio Ivan não aparentava muito envolvido com os estudos, mas a partir de certo período da execução do programa ele se mostrou mais investido e por consequência disso foi o vencedor do Festival de composição do Projovem Urbano edição 2015/2016, com uma letra de rap, denominada “Vida Real”, considerado pelo corpo de júri, uma poesia.

Com isso teve a oportunidade de gravar um vídeo em estúdio, dar entrevista em rádio e televisão. A partir de então passou a posicionar-se de maneira ainda mais responsável diante dos estudos, ou seja, no ambiente escolar passou a assumir outras identidades, até então pouco reveladas. Em relação a isso, Bauman (2005, p.17) sustenta que “o pertencimento e a identidade não tem a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis”. (BAUMAN, 2005, p.17).

Porém, muitas vezes dentro do espaço escolar ele também assume identidades que as considero contraditórias. Em relação a isso Woodward (2014, p.32) diz que “a complexidade da vida moderna exige que assumamos diferentes identidades, mas essas diferentes identidades podem estar em conflito [...]”. Sendo assim, percebi que algumas dessas identidades assumidas por ele, são equivalentes com as de alguns colegas com quem ele escolheu para se relacionar dentro do contexto escolar. Nesse sentido, ainda Woodward considera que “podemos viver em nossas vidas pessoais tensões entre nossas diferentes identidades quando aquilo que é exigido por uma identidade interfere com as exigências de outra”. (WOODWARD, 2014, p.32)

Apesar disso, Ivan reconhece ter sofrido mudanças identitárias significativas a partir de seu ingresso no Projovem ao dizer que

Antes eu não pensava em mim, pensava só em curtir. Mas depois que eu conheci o projovem, abri mais minha mente né. Comecei a gostar de estudar, a gostar das matéria, comecei a dedicar mais no estudo e de agora mais para frente é que vou estudar mais né! ((risos)) porque vai precisar. (Ivan, entrevista, 2016)

A partir do mencionado até aqui, tentei demonstrar como Ivan assume identidades distintas e contraditórias dentro do ambiente escolar. Em relação a isso Hall (2015 p. 11-12) confirma que “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de seu eu coerente”. Isso foi possível verificar a partir da observação e comparação de suas identidades assumidas durante o período da execução do programa. Em relação a isso Rajagopalan acrescenta que “[...] a única forma de definir uma identidade é um oposição a outras identidades em jogo (RAJAGOPALAN, 2003, p.71)”.

Com o exposto, encerro aqui o espaço dedicado a análise identitária de Ivan. A seguir farei análises e discutirei os dados coletados de Adolfo, para que possamos entender alguns fenômenos que contribuíram para sua formação identitária.

[...] eram tempos em que minha família passarão por muitas dificuldades mesmo assim minha mãe sempre fez de tudo para que nós, eu e meus irmãos estudássemos fui matriculado na escola Ada Teixeira. Onde fiz o pré [...].  
[...] fui bem até a adolescência, quando fiz treze anos comecei a sair e ter mas amizades foi quando fui perdendo o interesse nos estudos e fui parando de frequentar a escola mesmo contrariando minha família que sempre insistia para que eu voltasse mas eu achava que era tarde demais [...].  
[...] E sei que os estudos ajudaram no desenvolvimento tanto mental quanto social, assim como mudou a minha forma de pensar e até de agir. (Adolfo, narrativa 01, 2016)

Adolfo é um jovem casado de 26 anos de idade e possui 4 (quatro) filhos. Observei em sua narrativa que ele revela que apesar das dificuldades passadas em sua vida, a família sempre se fez presente, dando incentivos para prosseguir seus estudos.

Mas, em relação às amizades mencionadas por esse participante, mais uma vez Bauman (2005, p.19) reforça que as “identidades flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas”. Penso que quando o participante diz “quando fiz treze anos comecei a sair e ter mas amizades foi quando fui perdendo o interesse nos estudos e fui parando de frequentar a escola”, não houve, no âmbito familiar e escolar, esse estado de alerta recomendado pelo autor e ele acabou sendo influenciado por algumas pessoas de seu convívio social, mesmo contrariando as orientações da família.

Por outro lado, esse participante, desde o princípio da execução do projeto, mostrou-se muito responsável e dedicado com seus estudos, fez a prova do Enem no ano de 2015, período em que ainda estava cursando o Projovem, e foi aprovado em quase todas as disciplinas, ficando em aberto somente a de Língua Portuguesa. Com isso, Adolfo relata que a participação no programa “mudou a minha forma de pensar e até de agir”.

Dessa forma, em relação a essa mudança identitária relatada por Adolfo, Hall (2006, p.38) defende que “a identidade é realmente algo formado ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento”. Sendo assim, ao concluir a etapa do Ensino Fundamental pelo Projovem, em seguida Adolfo nos informou que já havia se matriculado na Escola Estadual Ignês de Lamônica Guimarães com a finalidade de eliminar a referida

disciplina que ficou pendente, aparentando estar muito feliz por que ele acredita que em breve ele concluirá o Ensino Médio e logo ingressará em uma universidade.

Com essas considerações feitas sobre os fenômenos que envolvem a formação identitária de Adolfo, considero encerrado o espaço destinado a ele. A seguir apresento os dados coletados de Augusto para análise e discussão dos mesmos.

[...] Eu sai da escola por causa das más amizades e por isso fiquei três anos sem estudar, eu só queria sair e ficar na rua e não queria saber da escola mais com o tempo eu aprendi que não ia me levar a nada se eu não tivesse estudado isso fecho muitas portas de emprego, por causa dos estudos através do Projovem eu aprendi que o estudo é a coisa mais importante para minha vida. (Augusto, narrativa 01, 2016)

[...] O programa Projovem influenciou minha vida, porque antes eu não queria saber de estudar ou de escola eu só matava aula através do Projovem Tive uma nova visão da escola e do modo como cada professor ensina. (Augusto, narrativa 02, 2016)

Augusto é um jovem solteiro de 26 anos de idade. Percebo que ao narrar sua história ele menciona as “más amizades” e diz que antes ele “só queria sair e ficar na rua”. Isso, a meu ver, revela implicitamente a falta de estrutura familiar e a influência sofrida pelo seu ambiente e pessoas de sua convivência.

Sinto-me a necessidade de fazer um breve relato sobre a vida de Augusto a partir de seu ingresso no Projovem para entendermos alguns fenômenos que envolvem sua formação identitária. No início do projeto Augusto era rebelde, mal vestido, descuidado com sua higiene pessoal e agressivo. Ele expressava sua subjetividade ameaçando os colegas e usando muitas palavras de baixo calão.

Em relação a isso Gonzalez Rey (2005, p.19) considera a subjetividade como "um sistema complexo capaz de expressar através dos sentidos subjetivos a diversidade de aspectos objetivos da vida social que concorrem em sua formação". Sendo assim entendo que Augusto ao expressar sua subjetividade também revela o seu contexto social e as pessoas com quem ele se relaciona nesse contexto.

Dentro do espaço escolar, ele vivia disputando com o colega um skate, queria fazer do pátio da escola e da sala de aula uma pista de skatistas. De tantas vezes que chamei sua atenção, tentei conversar com ele para explicar que não podia andar no pátio tão pouco entrar para sala de aula com o referido objeto, porque eu também entendia que não era seguro para os demais colegas. Com isso, ele passou a me ignorar e não aceitava mais que eu me aproximasse dele.

A partir de então comecei a ficar muito preocupada, com receio dele e medo de perder o controle da situação. Foi então que tive a ideia de presentear-lo com um skate como uma estratégia de conquista, uma vez que ele vivia usando esse objeto emprestado do colega. Certo dia, aproximei-me dele e disse que tinha um skate novinho, caso ele não se importasse, eu levaria para ele. Ele me olhou com ar de desdenho, quase me ignorou, fazendo de conta que não fazia questão do objeto, mas respondeu que caso eu quisesse lavar, tudo bem! Mesmo assim, no outro dia levei o skate e entreguei a ele conforme havia prometido.

Logo começamos a coletar os relatos pessoais dos jovens do projeto, foi então que descobrimos que Augusto havia ficado por um período na casa de guarda porque havia tentado matar seu padrasto. A partir de então comecei a me aproximar mais dele para conversar e também pedi a equipe de educadores que tivesse paciência e procurasse dar mais atenção a ele, sem jamais mencionar o ocorrido. Dessa maneira, aos poucos ele começou a me aceitar e posteriormente, todos os dias em que Augusto chegava à escola ele vinha até minha pessoa para me cumprimentar.

Ao mencionar em sua narrativa que “O programa projovem influenciou minha vida, porque antes eu não queria saber de estudar ou de escola eu só matava aula”, na realidade o que ocorreu com Augusto não considero uma influência do programa, mas uma tomada de consciência de sua parte, uma nova maneira de enxergar as possibilidades de futuro, uma mudança de postura, ou melhor, uma mudança identitária.

No que diz respeito a isso, Rajagopalan defende que “as identidades estão todas elas, em permanente estado de transformação, ebulição. Elas estão sendo constantemente construídas. Em qualquer momento dado, as identidades estão sendo adaptadas e adequadas as novas circunstâncias que vão surgindo” (RAJAGOPALAN, 1998, p.26). Essa transformação mencionada pelo autor foi também percebida por Augusto quando ele diz que

Antes de eu fazer o projovem eu era um (+) um garoto rebelde, não queria saber de nada, nem de escola, após conhecer o projovem, ver os professores ajudando aqui sempre estando cum nós assim, eu pude ver de outra maneira os estudos, aprendi mais, mudei o meu comportamento, agora eu pretendo terminar né! pra dar um futuro melhor pra mim e minha família. (Augusto, entrevista, 2016)

Com o exposto, encerro aqui as considerações relativas a alguns fenômenos que envolveram a formação identitária de Augusto. Na próxima seção analisarei os dados dos participantes, tendo como enfoque principal o tema investimento.

### *3.2 Os investimentos identitários dos participantes desta pesquisa*

Nesta seção meu objetivo é verificar como se deu, ou não, os investimentos identitários pelos participantes desta pesquisa na aquisição de novos conhecimentos oportunizados pelo Projovem Urbano e consequentemente na construção de suas identidades.

Para tanto, penso ser relevante retomar que para as seguintes análises pautarei no termo “investimento” cunhado por Norton para relacioná-lo ao comprometimento do aluno com o próprio aprendizado, portanto, para essa autora, estar investido é estar comprometido com o próprio aprendizado (NORTON, 1995, p.13).

Ressignificando esse termo de Norton Peirce (1995, p. 17) para o contexto deste estudo, podemos dizer que o estudante do Projovem Urbano, ao investir na aquisição de conhecimentos oportunizados pelo programa, também estará investindo na sua própria identidade.

Sendo assim, a seguir tratarei de analisar e discutir os dados coletados de Catherine à luz da teoria de Norton, enfocando a noção de investimento como um fenômeno socialmente construído.

Quando comecei no projovem não acreditava muito em mim, com a ajuda dos professores entendi a importância de continuar.  
Hoje vejo o quanto sou capaz e posso ir além.  
Melhorei no sentido profissional, pois aprendi me relacionar melhor com as pessoas e exercer um espírito de liderança [...]. (Catherine, narrativa 02, 2016)

Nesse trecho da narrativa Catherine menciona inicialmente a importância da motivação, termo cunhado por Gardner e Lambert (1972), ou seja, dos fatores externos ao dizer que “Quando comecei no projovem não acreditava muito em mim, com a ajuda dos professores entendi a importância de continuar”. Mas, de acordo com Norton Peirce (1995, p. 17) logo ela percebe ser capaz de fazer seus próprios “investimentos” para adquirir conhecimentos e consequentemente adquirir novas identidades. Isso foi possível verificar quando ela narra que “hoje vejo o quanto sou capaz e posso ir além”.

Nesse sentido é perceptível o despertar para a importância do investimento, uma vez que observei que Catherine além de possuir o desejo de adquirir novos conhecimentos oportunizados pelo programa, também é uma pessoa comprometida com seus estudos.

Esse comprometimento pode ser visualizado por meio da participação nas aulas, realização das atividades pedagógicas propostas pelos educadores, frequência escolar, entre outros. Todos esses “investimentos” foram determinantes para a aquisição dos conhecimentos oportunizados pelo programa, bem como para sua formação identitária durante a sua permanência no Projovem. Portanto, em consonância com a teoria de Norton (1995, p.13) entendo que houve investimentos por parte de Catherine, pelo seu desejo e comprometimento com o próprio aprendizado.

A partir disso, além da conclusão do Ensino fundamental, Catherine revela que pretende continuar investindo na aquisição de novos conhecimentos, ao dizer que “a partir de agora eu pretendo fazê o Ensino Médio, né! Depois fazer um curso profissionalizante já na profissão que eu quero. Eh (+) depois se der tudo certo, e eu tenho certeza que vai dar. Fazer uma faculdade da mesma profissão [...]” (Catherine, entrevista, 2016). Nesse trecho da entrevista, foi possível verificar que ao pretender continuar fazer investindo na aquisição de conhecimentos, ela poderá aumentar o valor de seu capital cultural, bem como adquirir novas identidades.

Enfim, os investimentos feitos por Catherine durante a permanência no programa possibilitou-lhe a aquisição de novas identidades. Isso pode ser percebido quando ela narra o seguinte “melhorei no sentido profissional, pois aprendi me relacionar melhor com as pessoas e exercer um espírito de liderança”, em outras palavras, ela reconhece ter sofrido mudanças identitárias.

Nesse sentido coaduno com os ideais de Bauman (2005, p.22) quando ele menciona que “a identidade só nos é revelada como algo a ser inventado e não descoberto; como alvo de um esforço, um objetivo [...]”. Sendo assim, podemos concluir que Catherine ao investir na aquisição de conhecimentos oportunizados pelo programa, também investiu na sua própria identidade (NORTON PEIRCE, 1995.p.17).

Com essas considerações, seguirei com a análise e discussão dos dados de Olga para tentar descobrir de que maneira aconteceram, ou não, seus investimentos durante a permanência dela no Projovem.

[...] parei na 4ª série há quize anos atrás e sei que com a ajuda de meus professores e colegas, irei vencer e poder ser alguém profissionalmente sucedida.

[...] Achava que não tinha mais chance de continuar os estudos [...] Agora, tenho vontade de aprender e terminar meus estudo [...] (Olga, narrativa 02, 2016)

Na primeira parte dessa narrativa, Olga não menciona seu investimento, mas delega aos colegas e professores a responsabilidade em ajudá-la a “vencer na vida”, ou seja, a motivação recebida por eles (GARDNER E LAMBERT, 1972).

Em seguida ela diz [...] Agora, tenho vontade de aprender e terminar meus estudo [...]. Em relação a isso, Norton (1995, p.13) afirma que estar investido é estar comprometido com o próprio aprendizado. Assim, considero que a partir de então, ela despertou para a importância de seus investimentos.

Em minhas observações como coordenadora e pesquisadora, na busca de tentar desvendar o processo de construção identitária de Olga durante o período de execução do programa, verifiquei que apesar de seus desejos, seus investimentos muitas vezes eram parciais, ou seja, eles ficavam comprometidos por conta de problemas pessoais, pois Olga era sozinha para manter financeiramente sua casa e cuidar de seus filhos. Sendo assim, muitas vezes chegava atrasada na escola ou até mesmo faltava as aulas, alegando que ficara impedida de comparecer por conta de problemas com os filhos ou trabalho noturno.

Com a análise da narrativa de Olga, considero que além do desejo de mudança e comprometimento individual, a estrutura familiar e financeira também são necessárias para dar suportes aos investimentos efetivos na aquisição de conhecimentos, bem como na formação identitária.

O exposto em relação à Olga não desconsidera a possibilidade de validar seus investimentos realizados, tão pouco o retorno que eles poderão lhe trazer, uma vez que Olga possui desejos de mudanças identitárias e é uma pessoa comprometida. Isso foi possível observar por meio de sua narrativa quando ela diz “agora, tenho mais vontade de aprender e terminar meus estudos”, bem como no seu comprometimento e envolvimento com os afazeres pedagógicos e avaliações propostas pelos educadores do Projovem. Por isso adoto aqui o conceito de investimento cunhado por de Norton (2000, p.10), sem descartar a importância da motivação, conceito adotado por (Gardner e Lambert (1972), uma vez que ambos os conceitos se complementam.

Nesse sentido Norton (1995) afirma que a ideia de investimento supera o da motivação por capturar de forma mais adequada à complexa relação existente entre o aprendiz e seu desejo. Isso ficou evidente na sua entrevista quando ela menciona: “Agora, tenho vontade de aprender e terminar meus estudos”, bem como em sua entrevista quando ela declara que deseja ser “como uma pessoa exemplo para a família e a sociedade, porque lutou e chegou onde chegou com a capacidade, com Deus na frente sempre, que servirá também como (+) eh, como uma pessoa de testemunho para mostrar que as pessoas são capazes de chegar onde quém, que basta desejar!”. [Olga, entrevista, 2016].

A partir disso, Olga, ainda em sua entrevista, aponta que “o caminho é a escola mesmo, é os estudos, até o final, até eu conseguí a última meta a qual eu estou pretendendo, a qual eu despertei, mhm (+) não tem outro caminho”. Desse jeito, ela parece visualizar que seus investimentos na aquisição de conhecimento lhe possibilitarão aumentar o valor de seu capital cultural, bem como e com adquirir outros recursos a ela e a seus filhos, isso fica mais evidente quando ela expressa que

[...] idealizo ter mais estudo para ter um emprego melhor pra mim e poder dar mais aprendizagem para meus filhos, para que eles passem a ter mais alegria, tenham mais diversão com as melhorias financeira, eh (+) como que eu posso falar para você (+) eh (+) melhoria na saúde deles, com alimentos melhores, podê pagá estudo mais pra frente pra eles, viagens, cursos, uma vida melhor pra nós mesmo, uma casa, uma mudança de vida mesmo! [...] (Olga, entrevista, 2016)

Assim sendo, encerro aqui as considerações relativas à participante Olga. A partir desse espaço analisarei e discutirei os dados coletados da participante Helena. Dessa forma, iniciamos com suas pretensões em relação ao seu investimento ao declarar “Minhas expectativas para o meu futuro são terminar meus estudos, fazer cursos, e uma faculdade e o Programa foi o que abriu as portas para mim. Então cai na real e vi que tudo tem jeito e agente consegue, basta se esforçarmos e querer” (Helena, narrativa 02, 2016).

Ao iniciar o programa, eu não visualizava o investimento de Helena em sua aprendizagem. Pois a princípio ela se recusava a participar e realizar as atividades propostas pelos professores, bem como a interação com os colegas e professores do

programa. Acredito que essa resistência em investir era devida sua dificuldade de socialização.

Porém, com o passar dos dias de início das aulas, comecei a constatar sua frequência no ambiente escolar diariamente, considerei tal atitude como um indício de investimento por parte de Helena, pois isso demonstrava de alguma maneira seu comprometimento e desejo de mudança.

Com o passar dos meses, Helena começou a investir aos poucos na aquisição de conhecimentos e na interação com os colegas e professores. Essa constatação foi possível ao verificar sua participação e realização das atividades propostas pelos educadores do programa, mudanças no modo de se relacionar com os colegas e professores, realização das avaliações propostas pelo programa, entre outros.

Isso também pode ser constatado no trecho de sua narrativa quando ela diz: “Então cai na real e vi que tudo tem jeito e agente consegue, basta se esforçarmos e querer”. Nessas palavras de Helena entendo como desejo e comprometimento com sua aprendizagem, em outras palavras, ela passou a perceber a importância de seu investimento efetivo para que ela pudesse adquirir novos conhecimentos e conseqüentemente nova identidade. Nesse sentido, Norton (1995, p.13) afirma que estar investido é estar comprometido com o próprio aprendizado.

Sendo assim, em outra parte de sua narrativa, ela menciona, mais uma vez, seu desejo de investir na aquisição de conhecimentos e em sua formação identitária ao mencionar que “Minhas expectativas para o meu futuro são terminar meus estudos, fazer cursos, e uma faculdade”.

Em uma parte de sua entrevista ela também reafirma o desejo de continuar investindo na aquisição de conhecimentos dizendo

(...) quero realizá o meu maior desejo que é fazê a faculdade que eu mais desejo, eu vô estudá pra isso, e (+) depois que eu realizá o meu desejo de ser uma psicóloga (+) quero tê as minhas coisas própria, minha casa própria, quero tê carro, desejo viajá muito, saí do Brasil, conhecer os Estados Unidos, desejo ajudá a pessoa que eu mais amo nessa vida, que é a minha mãe, primeiramente minha mãe, porque eu vejo o tanto que ela sofre. Esse é o meu desejo, eu vou estudá pra isso. ((risos)) pra tudo isso. (Helena, entrevista, 2016)

Atualmente, Helena percebe que seu investimento lhe trouxe retorno, pois menciona que aprendeu a se expressar a partir da aquisição de conhecimentos ofertados

pelo programa e ainda declara que o programa mudou sua maneira de ser, mas na realidade o que aconteceu foi uma mudança de postura, uma tomada de decisão por sua parte e isso possibilitou a ela, mudanças identitária.

Em relação a essa mudança considerada por Helena, mais uma vez comparo “identidade como metamorfose, ou seja, em constante transformação, sendo o resultado provisório da intersecção entre a história da pessoa, seu contexto histórico e social e seus projetos” (CIAMPA, 1987). Penso que isso, aplica-se também ao caso de Helena, uma vez que sua mudança identitária foi perceptível por ela e pelas pessoas com quem ela convive.

Com o exposto, finalizo as considerações em relação aos dados coletados de Helena. A partir de então, proponho-me a analisar e discutir os dados coletados de Ivan, com o mesmo entusiasmo anterior.

Agora eu com 26 anos conheci o projovem, pra acabar os estudos, e disso precisava, pois estava muito difícil arrumar um emprego, me toquei que estudo era muito importante pra minha vida.

Quando entrei no projovem tive outros pensamentos. Pensava no futuro de se formar e fazer algum curso. (Ivan, narrativa 02, 2016)

A princípio, observei que Ivan demonstrava estar disposto a investir na aquisição dos conhecimentos oportunizados pelo programa, era um estudante frequente e participativo, porém com o passar dos meses ele começou a se mostrar desinteressado pelos estudos, até que em um determinado período parou de frequentar a escola.

Penso que esse desinteresse pode ter sido gerado por algumas quebras de expectativas entre a proposta do programa e o que realmente foi possível ofertar dentro do espaço escolar.

Após diversas ligações e a partir do “resgate” (expressão usada pelo projeto quando vamos até a casa do aluno faltoso para convencê-lo a retomar seus estudos), Ivan retomou seus estudos, aparentando animado e com grau de investimento maior em relação à aquisição dos conhecimentos ofertados pelo programa, isso ficava mais evidente na disciplina de matemática.

Foi então que o Projovem Estadual, por intermédio da SED, promoveu um concurso denominado Festival de Composição Musical. Nesse Festival Ivan foi o vencedor em primeiro lugar de todas as unidades. Isso fez com que ele aumentasse ainda mais seus investimentos na aquisição de conhecimentos. A meu ver, ele

visualizou o retorno que isso poderia trazer para sua formação identitária. Sendo assim, em sua narrativa ele menciona que um dos recursos que ele visualiza conseguir com esse investimento é “arrumar um emprego”.

Esse recurso simbólico que Ivan almeja conseguir com seus investimentos poderá possibilitar-lhe a adquirir outros recursos, tais como o recurso material, uma vez que esse tipo de recurso é escasso ou limitado para ele.

Em outro momento, em uma entrevista, ele menciona como mudou de postura e sua pretensão em continuar investindo na aquisição de conhecimentos, relatando que

Ah, (+) antes eu não pensava em mim, pensava só em curtir. Mas depois que eu conheci o Projovem, abriu mais minha mente né. Comecei a gostar de estudar, a gostar das matéria, comecei a dedicar mais no estudo e de agora mais para frente é que vou estudar mais né! ((risos)) porque vai precisar. [Ivan, entrevista, 2016].

Por isso, Norton (1995, p.17) afirma que investir na aprendizagem consiste também no investimento identitário do aprendiz. Sendo assim, Ivan diz que pretende continuar investindo na aquisição de conhecimentos como menciona em sua narrativa o seu desejo de: “se formar e fazer algum curso”, bem como em sua entrevista quando diz que “comecei a dedicar mais no estudo e de agora mais para frente é que vou estudar mais né!”.

A partir disso, trarei para análise e discussão, os dados coletados de Adolfo, com o intuito de averiguar se houve ou não investimentos por sua parte durante a execução do Projovem.

[...] No começo ainda estava meio perdido, mas com o passar dos meses fui ficando mais animado com os estudos e até me despertou a vontade de ir além, terminar o fundamental e já fazer o médio, para ter a oportunidade de fazer uma graduação.

Hoje vejo que esse passo que dei foi muito importante na minha vida, porque aprendi e relembrei de muitas coisas durante o projeto que me ajudou a tira uma nota até rasuavel no enêm, e isso me deixou mais animado ainda para estudar mais e mais até alcançar meus objetivos. (Adolfo, narrativa 02, 2016)

Adolfo desde o princípio do programa aparentou comprometido e envolvido com os estudos. Mas, ele relata que a princípio não estava muito seguro em seus investimentos, que foi gradativamente aumentando seus interesses pelos estudos “(...) foi passando os meses eu fui gostando de estudar, de tá (+) eh (+) evoluino. E hoje,

agora né que eu concluí esse pedaço aqui, eu vichi (+) só tenho vontade de ir mais além ainda. Eu vejo que mudou muito a minha maneira de pensar e até de agir também” (Adolfo, entrevista, 2016).

Sendo assim, penso que o termo “investimento” cunhado por Norton (1995, p.13) para relacioná-lo ao comprometimento do aluno com o próprio aprendizado, adéqua exatamente ao caso de Adolfo uma vez que para essa autora, estar investido é estar comprometido com o próprio aprendizado.

Percebi que Adolfo investiu com segurança, parecia visualizar um retorno seguro. Isso em breve ocorreu, pois adquiriu alguns recursos simbólicos (educação, reconhecimento, amizades, prestígio entre outros) ainda cursando o Projovem, pois ao fazer a prova do ENEM foi aprovado em quase todas as disciplinas, ficando pendente somente a disciplina de Língua Portuguesa para concluir o Ensino Médio.

Em vista disso, ao concluir o Ensino Fundamental Adolfo continua fazendo seus investimentos com segurança, pois já nos informou que está eliminando a disciplina que ficou pendente e em breve terá concluído o Ensino Médio. Isso ficou claro em sua narrativa quando ele diz: “despertou a vontade de ir além, terminar o fundamental e já fazer o médio, para ter a oportunidade de fazer uma graduação”.

Portanto, de acordo com os ideais de Norton Peirce, (1995.p.17) esse desejo de mudança ao investir na aquisição de novos conhecimentos, resultou também na mudança identitária de Adolfo.

Com isso, encerro aqui as considerações relativas aos investimentos de Adolfo. A seguir tratarei de analisar e discutir os dados coletados de Augusto, com o objetivo de entender como se deram seus investimentos durante a sua permanência no Projovem.

[...] vou fazer EJA para terminar o ensino médio e fazer uma faculdade para melhorar minha vida e da minha família [...].

[...] os professores do projovem que nunca me deicharão abandona a escola, e a cordenadora que sempre fez tudo e um pouco mais para nós alunos sempre ter vontade de estudar e nunca apandona por que chance igual a essa não terei outra vez por isso que o projovem mudou meu jeito de estudar e um jeito novo de olhar para, a escola. (Augusto, narrativa 02, 2016)

Ao iniciar o programa, não conseguia visualizar nenhum vestígio sequer de investimento na aquisição de conhecimentos por parte de Augusto. Aparentemente ele estava no espaço escolar para afrontar os educadores e perturbar os colegas. E foi um difícil começo! Na turma em que ele estava matriculado houve um índice de evasão

muito grande, pois os colegas eram na grande maioria adultos, muitos trabalhavam durante o dia e não estavam dispostos a suportar indisciplinas e falta de respeito. Deixo claro que essa indisciplina não era gerada somente por Augusto, mas também por outros colegas que comportamentos semelhantes ao dele.

Por conseguinte, usamos diversas estratégias para conquistá-lo, uma vez que Augusto era um aluno frequente e rebelde. Assim passaram-se os meses, conversávamos muito com ele, sempre procurando elogiá-lo para os demais colegas mencionando-o sempre como exemplo em relação ao seu compromisso com a frequência escolar.

Após alguns meses de início do programa, devido à dificuldade na escrita por parte da maioria dos alunos do programa, marcamos aulas extras para produção textual para todos os alunos. Nessa aula assistíamos a vídeos, fazíamos leituras e debatíamos em grupos sobre diversos temas e posteriormente eles produziam um texto para nos entregar. Para nossa surpresa, poucos alunos compareciam, mas Augusto começou a participar dessas aulas sempre que havia, fazia anotações e começou a participar junto com os professores e colegas do debate. Houve encontros que somente Augusto compareceu a aula.

Acredito que a partir de então, ele passou a visualizar sua grande oportunidade de adquirir novas identidades por meio de seu investimento na aquisição de conhecimentos, isso ficou claro quando ele menciona em sua narrativa que “chance igual a essa não terei outra vez [...] o projovem mudou meu jeito de estudar e um jeito novo de olhar para, a escola”. (Augusto, narrativa, 2016).

Essa mudança sofrida por Augusto que ele delega ser mérito do projeto, na realidade foi ele o grande responsável por ela, pois foi sua tomada de decisão em investir nos conhecimentos ofertados pelo programa, adotando uma nova postura, ou seja, uma nova identidade. Nesse sentido, Norton (1995, p.13), ao relacionar o termo investimento ao comprometimento do aluno com o próprio aprendizado, diz que estar investido é estar comprometido com o próprio aprendizado.

Com o passar dos meses Augusto havia decidido investir definitivamente na aquisição dos conhecimentos oportunizados pelo Projovem. A partir disso visualizei outros tipos de investimentos realizados por ele, tais como em sua maneira de se vestir,

uma vez que havia recebido uniforme da escola, em sua higiene pessoal, postura pessoal, entre outros.

Augusto declara que pretende continuar investindo na aquisição de conhecimentos, pois parece ter percebido que isso lhe trará retorno. Sendo assim, ele deixa explícito em sua narrativa ao dizer que “vou fazer EJA para terminar o ensino médio e fazer uma faculdade para melhorar minha vida e da minha família”.

Desse jeito, encerro aqui as considerações relativas aos investimentos dos 6 (seis) participantes desta pesquisa. Por consequência das análises feitas, considero ter verificado que todos esses participantes fizeram investimentos na aquisição de conhecimentos ofertados pelo programa, ainda que cada qual com um grau distinto de investimento. Sendo assim, na próxima seção tratarei de verificar de que forma as comunidades imaginadas dos participantes estão presentes ou não em suas narrativas.

### *3.3 As comunidades imaginadas dos participantes desta pesquisa*

Nesta seção, meu objetivo é identificar de que forma as comunidades imaginadas dos participantes estão presentes nas identidades assumidas durante a permanência no Projovem Urbano.

Para Norton (2001, p.165) “diferentes aprendizes têm diferentes comunidades imaginadas, e que elas são mais bem compreendidas no contexto do investimento individual [...]”. Penso que essas comunidades imaginadas poderão servir como estímulo, ou não, para os investimentos dos participantes desta pesquisa, bem como para suas formações identitárias.

Para tanto, a seguir analisarei e discutirei de que forma as comunidades imaginadas de Catherine estão presentes nas identidades assumidas durante a permanência dela no programa.

[...] Vou continuar a estudar e mais tarde fazer enfermagem, pois é a área que mais me facina.

E continuar progredindo nessa área.

O que me chama atenção também é ensino, uma dessas carreiras pretendo seguir e me dedicar. (Catherine, narrativa 03, 2016)

Destaco mais uma vez que Catherine é uma jovem de 25 anos de idade, casada, mãe de duas filhas, aparenta ser uma pessoa determinada, responsável, segura,

cumpridora de seus deveres escolares e preocupada em ofertar para si e para seus filhos as oportunidades que lhe foram negadas em sua infância e adolescência.

Sendo assim procurou investir efetivamente na aquisição dos conhecimentos ofertados durante sua permanência no programa. Assim, é relevante lembrarmos que os problemas vivenciados por ela na infância e adolescência não oportunizou a Catherine avançar em seus estudos, conforme mencionado em suas narrativas.

A partir disso, ao analisar sua narrativa é possível visualizar sua comunidade imaginada quando ela narra o seguinte: “Vou continuar a estudar e mais tarde fazer enfermagem, pois é a área que mais me facina”. Em relação a isso, Norton (2000, p. 166) diz que toda comunidade imaginada leva a criação de uma identidade imaginada, e o “investimento na aquisição de conhecimentos” deve ser compreendido dentro desse contexto. Portanto, sua comunidade imaginada é pertencer ao grupo dos profissionais da saúde e conseqüentemente assumir a identidade de uma enfermeira.

Ela também menciona que outra área que lhe chama atenção é o “ensino”. Nesse caso sua comunidade imaginada seria pertencer ao grupo de educadores e conseqüentemente assumir a identidade de professora. Mas informalmente, relatou-me a sua paixão pela área da saúde, deixando dessa maneira, a educação para segundo plano.

Nesse sentido, Kanno e Norton (2003, p. 241) definem comunidades imaginadas como “grupos de pessoas, não tangíveis nem acessíveis de modo imediato, com as quais nos conectamos através do poder da imaginação”. Sendo assim, as comunidades imaginadas por Catherine, pode ser que nunca passem de sua imaginação, que ela nunca consiga atingi-las ou ainda poderá chegar à conclusão que não era nada daquilo que ela imaginava e escolherá outra comunidade para se tornar real.

Para Pavlenko e Norton (2007) as comunidades imaginadas servem como fonte de inspiração para os investimentos na aprendizagem [...]. Nesse sentido, Catherine ao investir na aquisição de conhecimentos imaginando pertencer ao grupo de profissionais da saúde, parece visualizar o retorno que o exercício dessa profissão poderá lhe dar.

Isso fica evidente em nossas conversas informais que ela almeja com seus investimentos, no futuro afiliar a grupos de pessoas da área da saúde e exercer a função de enfermeira. Com isso ela pretende adquirir recursos simbólicos (reconhecimento, amizade, respeito, educação, prestígio, honra entre outros) e materiais (casa, carro, viagem, dinheiro, roupas, calçados entre outros).

Sendo assim, finalizo a análise dos dados de Catherine. Na sequência trarei os dados coletados de Olga para análise e discussão dos mesmos na tentativa de tentar visualizar a presença ou não de suas comunidades imaginadas relacionada à sua construção identitária.

Minhas expectativas sobre meu futuro é ingressar em uma faculdade para enfim concluir um curso, ou seja, melhorar meu curso de vida profissional, para melhor sustento de minha família e garantir meu futuro para sempre ou até me aposentar. Já que no meu passado meu estado ou curso de vida foi muito precário e sem muitas oportunidades estudantis. (Olga, trecho narrativa 02, 2016)

[...] mais pra frente, pretendo fazer outros cursos e aperfeiçoar meu curso de técnicas de vendas. Logo também concluir o ensino médio e ingressar na faculdade [...]. (Olga, trecho narrativa 03, 2016)

Antes de iniciar a análise e discussão dos dados de Olga em relação à presença ou ausência de suas comunidades imaginadas, vale recordar que ela é uma jovem de 31 anos de idade, divorciada, mãe de dois filhos. Verifico que a falta de oportunidades no passado a impulsiona para que ela tenha desejos de investir na aquisição de conhecimentos para obter reconhecimento social e dar segurança a seus filhos como mencionado no seguinte trecho: “meu passado, meu estado ou curso de vida foi muito precário e sem muitas oportunidades estudantil”. Sendo assim ela entende que seus investimentos na aquisição de conhecimentos lhe possibilitará adquirir novas identidades.

Em relação a isso, Norton (2000, p.5) menciona que “a identidade significa o modo pelo qual os indivíduos entendem a sua relação com o mundo, como essa relação é construída por meio do tempo e do espaço; e também como esses indivíduos entendem as possibilidades para o futuro”. Dessa maneira, a identidade de Olga poderá ser reconstruída a partir de seu desejo de mudanças e reconhecimento da sua atual condição e de como ela visualiza o retorno de seus investimentos.

Como mencionado na seção anterior, recordo que os investimentos de Olga na aquisição dos conhecimentos ofertados pelo programa, foram parciais, pois sua atual condição como mãe e mantenedora do lar não lhe possibilita um grau maior de investimento, portanto, a meu ver, o retorno esperado por ela, poderá ser em longo prazo.

Ao fazer uma análise em relação a suas comunidades imaginadas, percebi que na sua narrativa 2 (dois), não há uma comunidade imaginada propriamente dita. Sendo assim, minha análise desta narrativa é que há somente indícios de uma comunidade imaginada, isso fica claro quando ela menciona que “Minhas expectativas sobre meu futuro é ingressar em uma faculdade para enfim concluir um curso, ou seja, melhorar meu curso de vida profissional.”

Poderia com isso até dizer que sua comunidade imaginada, na narrativa 2 (dois) é pertencer ao grupo de universitários, porém de acordo com os ideais de Norton (2000, p. 166) “a comunidade imaginada leva a criação de uma identidade imaginada [...]” mas nesse trecho da narrativa de Olga sua comunidade imaginada não leva a criação de nenhuma identidade imaginada. Portanto, na narrativa 2 (dois), considero sua comunidade imaginada “inexistente ou em formação”.

Já na narrativa 3 (três) de Olga ela menciona que: “mais pra frente, pretendo fazer outros cursos e aperfeiçoar meu curso de técnicas de vendas. Logo também concluir o ensino médio e ingressar na faculdade”. Sendo assim, conforme citado por Norton (2000, p.166) sua identidade imaginada é pertencer ao grupo de vendedores, o que leva a criação da identidade imaginada de vendedora. Isso também pode ser evidenciado em um trecho de sua entrevista quando ela exprime que “quero ser vendedora, pode ser de roupas, calçados, qualquer coisa que seja vendas. Adoro conversar com as pessoas, adoro me comunicar e (+) também pretendo mais tarde abrir alguma coisa própria pra mim, no ramo de vendas mesmo”. (Olga, entrevista, 2016).

Dessa forma, encerro as análises e discussões sobre os dados de Olga. A seguir trarei os dados coletados de Helena, também com a finalidade de verificar a presença ou não de suas comunidades imaginadas.

[...] então achei muito bom e me matriculei porque pretendo arrumar um emprego bom e terminar o ensino médio e no futuro fazer uma faculdade. Terminar os meus estudos, e cursar uma faculdade e me formar em psicóloga. (Helena, trecho narrativa 3, 2016)

Acredito que seja fundamental lembrarmos que Helena é uma jovem solteira, de 22 anos de idade, que a princípio não foi possível visualizar seus investimentos na aquisição de conhecimentos, porém posteriormente parece que houve uma tomada de consciência por sua parte, uma mudança de postura e que a levou investir efetivamente

na aquisição dos conhecimentos ofertados pelo programa e conseqüentemente na formação de sua própria identidade.

Nesse sentido, Norton (1995, p.13) afirma que estar investido é estar comprometido com o próprio aprendizado. Para um melhor entendimento das análises e discussões relativas às comunidades imaginadas por Helena, retomo a definição de Kanno e Norton (2003, p.241) que definem comunidades imaginadas como “grupos de pessoas, não tangíveis nem acessíveis de modo imediato, com as quais nos conectamos através do poder da imaginação”. Sendo assim, acredito que as comunidades imaginadas por Helena poderão deixar de existir, transformarem em outras comunidades imaginadas ou passarem a comunidades reais uma vez que elas fazem parte de seu imaginário.

Dessa forma, finalizo a análise e discussão dos dados de Helena. Logo, trarei para análise e discussão os dados coletados de Ivan.

[...] Esse projovent está me ajudando bastante, porque precisavam terminar meu estudo e fazer um curso ou faculdade de administração [...].  
E penso no futuro de me se formar, e através disso eu posso ser algum administrador de empresas [...]. (Ivan, narrativa 03, 2016)

Vale relembrar que Ivan é um jovem solteiro de 26 anos de idade. Ao analisar e ao comparar suas identidades assumidas no espaço escolar e em seu convívio social, foi possível identificá-las como distintas, conforme mencionado anteriormente.

Nesse sentido Woodward (2014, p.32) afirma que “a complexidade da vida moderna exige que assumamos diferentes identidades, mas elas podem estar em conflito”. Sendo assim, verifiquei que seus investimentos na aquisição de conhecimentos, muitas vezes são ineficazes ou falhos uma vez que não possuem uma linearidade, ou seja, nem sempre ele está disposto a investir, conforme relatado nas seções anteriores.

Mas, no que diz respeito a suas comunidades imaginada, ele menciona que deseja participar do grupo de administradores de empresa e conseqüentemente, assumir a identidade de um administrador de empresas, e o seu investimento na aquisição de conhecimentos deve ser compreendido dentro desse contexto. (NORTON, 2000, p.165).

No que se refere a esses desejos, ampliando para os demais estudantes do projeto, o que tenho vivenciado ao longo dos anos é que muitas vezes por falta de

preparo para prosseguir nos estudos, estrutura familiar, condições financeiras, problemas sociais ou até mesmo comprometimento e desejo de investir efetivamente, entre outros, muitas dessas comunidades imaginadas ficam impossibilitadas de serem alcançadas ou mesmo acabam sendo esquecidas com o passar dos tempos, ficando somente na imaginação.

Por outro lado, tenho testemunhado que muitas comunidades imaginadas pelos estudantes do Projovem se tornaram reais e por consequência esses jovens adquiriram novas identidades.

Considerando o dito, posteriormente verificarei no relato de Adolfo a presença ou ausência de suas comunidades, com intuito de analisar e discutir estes dados.

[...] pretendo cursar uma graduação para prestar um concurso público na área da segurança, meu foco é de entrar para a PRF, mas tenho que passar algumas etapas, focar nos estudos e fazer uma faculdade na área em que eu gosto, e ir tentando os concursos até chegar aonde eu pretendo e sei que posso chegar lá. (Adolfo, narrativa 03, 2016).

Previamente a análise e discussão dos dados de Adolfo, acredito que seja pertinente recordarmos um pouco sobre sua identidade. Adolfo é um jovem casado de 26 anos de idade e possui 4 (quatro) filhos. Apesar de ser de origem humilde, como ele revela, sempre pode contar com o apoio familiar.

Observei desde o início do programa que ele sempre esteve disposto a investir na aquisição dos conhecimentos ofertados, pois era frequente às aulas, realizava as atividades propostas pelos educadores, entre outros. Seu desejo aliado ao seu comprometimento lhe trouxe retorno ainda durante a execução do projeto, conforme mencionei na seção sobre os seus investimentos.

Ao investir, Adolfo almeja ainda pertencer à equipe de profissionais da Polícia Rodoviária Federal, logo assumir a identidade de um policial rodoviário federal. De acordo com Kanno e Norton (2003, p.166) “a comunidade imaginada leva a criação de uma identidade imaginada, e o investimento [...] deve ser compreendido dentro desse contexto”. Em vista disso, ele menciona que está consciente da necessidade de seus investimentos efetivos na aquisição de conhecimentos para que a sua comunidade imaginada se transforme em uma comunidade real ao dizer que “tenho que passar por algumas etapas, focar nos estudos e fazer uma faculdade na área em que eu gosto, e ir tentando os concursos até chegar aonde eu pretendo e sei que posso chegar lá”.

Com isso, encerro as considerações relativas às comunidades imaginadas de Adolfo. A seguir, trarei os dados coletados de Augusto para análise e discussão dos mesmos.

[...] Após terminar o projovem irei terminar o ensino médio, assim após terminar o ensino médio irei para uma faculdade e irei fazer faculdade de agronomia para ter uma vida melhor [...]. (Augusto, narrativa 03, 2016)

Antes de iniciar a análise e discussão dos dados de Augusto, faz-se necessário trazer um pouco sobre sua identidade para que possamos recordar desse participante.

Augusto é um jovem solteiro de 26 anos de idade. Ao iniciar o programa, ele parecia não estar disposto a investir na aquisição dos conhecimentos, mas com o passar dos meses ele decidiu assumir uma postura comprometida e começou a investir na aquisição de conhecimentos e conseqüentemente em sua identidade.

A comunidade imaginada por Augusto será pertencer ao grupo de agrônomos, logo assumir a identidade de agrônomo. Nesse sentido Norton (2000, p.166) menciona que “a comunidade imaginada leva à criação de uma identidade imaginada [...]”. Kanno e Norton (2003, p.241) complementam que comunidades imaginadas são “grupos de pessoas, não tangíveis nem acessíveis de modo imediato, com as quais nos conectamos através do poder da imaginação”.

Sendo assim, ainda Norton (2001, p.165) diz que “diferentes aprendizes têm diferentes comunidades imaginadas, e que elas são mais bem compreendidas no contexto do investimento individual [...]”. Com isso pude observar que cada participante desta pesquisa possui uma comunidade imaginada, totalmente distinta.

Assim sendo, a comunidade imaginada de Catherine é pertencer ao grupo de enfermeiros ou de educadores, a de Olga ao de vendedores, a de Helena ao de psicólogos, a de Ivan ao de administradores, a de Adolfo ao de policial rodoviário federal e Augusto ao de agrônomos. Nessa trajetória temos perspectivas e projetos distintos, portanto, identidades distintas.

Em vista disso, repensando no contexto escolar dos estudantes do Projovem Urbano o que foi mencionado anteriormente vem ao encontro dos ideais de Norton (2001), pois as comunidades imaginadas dos participantes não ficaram restritas ao ambiente escolar, ou seja, suas comunidades se estenderam a um mundo imaginário além desse ambiente.

Enfim, foi possível verificar nas narrativas e entrevistas dos participantes desta pesquisa, que por meio da aquisição dos conhecimentos oportunizados pelo Projovem Urbano, eles visualizaram a possibilidade de pertencimento a determinadas comunidades imaginadas e em vista disso a oportunidade de aquisição de novas identidades.

#### *3.4 O reconhecimento, pelos participante, da importância do aumento do valor de seu capital cultural para o exercício da sua cidadania.*

Nesta seção, meu objetivo é averiguar de que maneira os participante desta pesquisa reconhecem a importância do aumento do capital cultural para o exercício de suas cidadanias. Para tanto, faz-se necessário um entendimento dos conceitos capital cultural e participação cidadã no Projovem.

Para Bourdieu e Passeron (1998) capital cultural é a aquisição de saberes e conhecimentos reconhecidos por diplomas, títulos entre outros, ou seja, é um valor social, que poderá ser transformado em uma maneira de prestígio e diferenciação para quem os possui.

No que diz respeito à participação cidadã no Projovem, ela é compreendida como ação socioeducativa que abrange múltiplas aprendizagens nos âmbitos da convivência entre os jovens, na sociabilidade e da participação cidadã na vida pública (BRASIL, 2008).

Penso que já estamos familiarizados com os participantes desta pesquisa, uma vez que já apresentei as análises e discussões de seus dados relativos às suas identidades, seus investimentos, suas comunidades imaginadas. Mas, retomarei alguns pontos já mencionados, para complementar a análise em questão. Sendo assim, a seguir trarei os dados de Catherine.

Espero conseguir terminar meus estudos, pois quero terminar meus estudos pois quero primeiro dar exemplo pras minhas filhas.  
E em segundo conseguir me qualificar pro mercado de trabalho, pois hoje em dia pra ter um bom emprego tem que ter estudo.  
E mais pra frente fazer uma faculdade na área da saúde. (Catherine, narrativa 03, 2016)

Retomo a teoria de investimentos de Norton (1995) para essa análise, pois Catherine parece estar segura que por meio de seus investimentos na aquisição de

conhecimentos, possibilitará aumentar valor de seu capital cultural, uma vez que Bourdieu (1991, p.14) define que “o capital cultural de uma pessoa está representado pelo seu conhecimento, suas habilidades e demais qualificações educacionais e técnicas”.

Nesse sentido, Catherine relata em sua entrevista o desejo de repassar as suas filhas outros valores, que parecem simbólicos, quando ela exterioriza que “quero ser um exemplo para as minhas filhas, em relação a minha dedicação profissional, que elas sejam honestas, cumpram sempre (+) eh (+) com aquilo que elas falem né! E que elas sigam os meus passos”. Sendo assim, em uma parte de sua entrevista ela também afirma estar segura em relação ao retorno que seus investimentos lhe trarão, ao dizer que:

[...] muitos benefícios virão, pois quando você se capacita, você tem um salário melhor né! Eu me despertei para essa importância da capacitação, eh (+) dos estudos (+) eu acho que no mundo que a gente tá precisa ter uma segurança financeira pra nós mesmos e para os filhos né. É essa a importância né! (Catherine, entrevista, 2016).

Assim sendo, acredito que ao aumentar o valor de seu capital cultural poderá ainda possibilitar-lhe o desenvolvimento de outras potencialidades que resultarão no exercício de uma cidadania ativa e participativa.

Finalmente, sobre as análises e discussões dos dados coletados de Catherine, os pontos que considero mais relevantes de suas narrativas durante sua permanência no programa foram os seguintes: considerar ter sofrido mudanças identitárias significativas, investir efetivamente na aquisição dos conhecimentos disponibilizados pelo programa, possuir uma comunidade imaginada que será pertencer ao grupo de profissionais da saúde e, por conseguinte, assumir a identidade de enfermeira, visualizar a necessidade de continuar investindo com a finalidade de adquirir recursos que poderão ampliar o valor de seu capital cultural e dessa maneira possibilitará o exercício de uma cidadania ativa e participativa.

Com essa síntese relativa aos dados de Catherine, a seguir trarei os dados de Olga para que possamos analisá-los.

[...] Hoje em dia, as coisas estão mais fáceis, os cursos estão em todas as universidades, gratuitamente até pela internet, tenho também muitas confiança nos programas estudantis ex, projuvem urbano, o qual estou tendo a oportunidade hoje de um novo recomeço e a conclusão do ensino fundamental que parei na 4ª série há quinze anos atrás [...].

(Olga, narrativa 02, 2016)

Agora tenho vontade de aprender e terminar meus estudos, pois achei um motivo mais p/dizer que hoje sou mais que vencedora e oportunidade de dar uma vida melhor e maior p/meus filhos, um emprego com meus esforços e dignidade e aprendizagem.

Mais pra frente, pretendo fazer outros cursos e aperfeiçoar meu curso de técnicas de vendas. Logo também concluir o ensino médio e ingressar na faculdade [...]. (Olga, narrativa 3, 2016)

Nessa narrativa Olga cita os meios em que estão disponíveis os conhecimentos, bem como as facilidades para adquiri-los atualmente. Além disso, menciona o desejo de obter conhecimentos para dar uma vida melhor para seus filhos, conseguir um emprego, fazer cursos para aperfeiçoamento profissional, concluir ensino médio e ingressar em uma faculdade.

Dessa maneira, Olga visualiza a possibilidade de adquirir alguns recursos para poder ampliar o valor de seu capital cultural. Por isso, entendo que Olga percebe a possibilidade de retornos que esses recursos lhe trarão. Em vista disso, penso que com seus investimentos ela poderá desenvolver certas habilidades que possibilitarão o exercício de uma cidadania ativa e participativa.

Em suma, em relação às análises e discussões sobre todos os dados coletados de Olga, penso ser importante fazer um pequeno resumo dos pontos que considero mais importantes em suas narrativas no que se refere ao seu período de permanência no programa. Assim sendo, considero que Olga reconhece que sofreu algumas mudanças identitárias, investiu parcialmente na aquisição dos conhecimentos disponibilizados pelo programa, sua comunidade imaginada é pertencer ao grupo de vendedores e, por conseguinte, assumir a identidade de vendedora, visualiza investir na aquisição de conhecimentos com a finalidade de adquirir diversos recursos que poderão ampliar o valor de seu capital cultural e dessa maneira possibilitará a ela, o exercício de uma cidadania ativa.

Com isso, trarei a seguir os dados coletados de Helena para análise e discussão.

[...] porque com o tempo perdido que não continuei meus estudos, vi que ele me fez falta porque muitos lugares que fui procurar emprego exigiam o ensino fundamental completo e por isso estou desempregada até hoje, mas agora sei que tenho uma chance, por isso voltei a estudar.

(Helena, narrativa 2, 2016)

“minhas expectativas para o meu futuro são terminar os meus estudos, fazer cursos e uma faculdade [...]”. (Helena, narrativa 3, 2016)

Nesses trechos da narrativa, Helena reconhece que a aquisição de conhecimentos e de diplomas, como o do Ensino Fundamental, Ensino Médio e faculdade são bens que converterão em forma de poder para ela, pois sem os mesmos, segundo ela menciona, não conseguirá arrumar emprego. Para esses bens que Helena almeja conseguir por meio de seus investimentos na aquisição de conhecimentos, Bourdieu e Passeron (1998) denominou capital cultural.

Assim sendo, Helena passou a entender que com seus investimentos poderá também adquirir alguns recursos simbólicos que passará a ter um valor social, podendo ser transformado em uma maneira de prestígio e diferenciação perante a família e sociedade. Para tanto ela discorre que:

Minha família, com certeza vai senti muito orgulho de mim, e eu também vou senti muito orgulho de mim! A sociedade (+) vai tê mais respeito por mim, principalmente quem me julga hoje, vai falá: nossa! Aonde ela chegô, (+) aonde ela tá, pra quem não conseguia nada né. E vou consegui! Eu tenho certeza que vo consegui. (Helena, entrevista, 2016)

Por fim, a partir de todas as análises e discussões sobre os dados coletados de Helena, os pontos que considero essenciais de suas narrativas no que se refere a sua permanência no programa foram os seguintes: considerar ter sofrido mudanças comportamentais significativas que poderão impactar em suas identidades, ter percebido a importância dos investimentos na aquisição dos conhecimentos como fator preponderante para adquirir recursos e conseqüentemente aumentar o valor de seu capital cultural, possuir uma comunidade imaginada que é pertencer ao grupo de psicólogos e, por conseguinte, assumir a identidade de psicóloga. Esses são fatores que considero preponderantes para o exercício de uma cidadania ativa.

A partir da conclusão dessas análises relativas aos dados de Helena, a seguir trarei os dados coletados de Ivan.

[...] quero me formar logo e ter meu diploma de administração, pois no futuro sei que vai valer a pena ter continuado os meus estudos, e também vai ajudar a conquistar minhas coisas, de ter uma casa, carro, moto, através da força de vontade de estudar e vencer na vida. Pois o estudo é muito importante! (Ivan, narrativa 3, 2016)

Com essa narrativa, Ivan deixa claro seu desejo em investir para adquirir recursos simbólicos e materiais para com isso aumentar o valor de seu capital cultural, isso fica claro quando ele reafirma em sua entrevista que investi “para conseguir emprego melhor, (+) pra adquirir bens, pra viver melhor, (+) ajudar a família e também as pessoas necessitadas”. (Ivan, entrevista, 2016)

Esses desejos de Ivan, de acordo com os pensamentos de Bourdieu e Passeron (1998, p.42) poderá se realizar a partir do momento em que ele ampliar o valor de seu capital cultural, uma vez que esse capital dará a ele um valor, que poderá ser transformado em uma maneira de prestígio e diferenciação na sociedade. Nesse sentido ele imagina como passará a ser visualizado socialmente

[...] minha família vai sentir orgulho, né! A comunidade e a sociedade vai sentir (+) como que é? (+) Espanto né! Vaõ dizer: nossa é aquele menino que não sabia de nada, que não era nada ((risos)), (+) porque não davam nada por ele [...]. (Ivan, entrevista, 2016)

Penso que nesse caso, ao aumentar seu capital cultural poderá ainda contribuir para o exercício de sua cidadania.

Para finalizar as análises e discussões sobre os dados coletados de Ivan, verifiquei que ele considera ter sofrido mudanças identitárias significativas durante sua permanência no programa, porém, a meu ver, seu grau de investimento a princípio foi baixo, mas com o passar dos meses, ele se mostrou interessado em investir na aquisição de conhecimentos ofertados pelo programa, sua comunidade imaginada é pertencer ao grupo de profissionais de administradores e, por conseguinte, assumir a identidade de um administrador, ele visualiza continuar investindo com a finalidade de adquirir diversos recursos simbólicos e materiais que poderão ampliar o valor de seu capital cultural e dessa maneira lhe possibilitará o exercício de uma cidadania ativa.

Com isso, concluo as análises relativas aos dados de Ivan, a seguir trarei os dados de Adolfo.

Em conformidade com o pensamento de Norton (1995) observei que Adolfo desde o início do programa investiu efetivamente na aquisição dos conhecimentos disponibilizados pelo Projovem. Ao fazer isso, ele parecia fazer consciente no retorno que isso lhe traria, ou seja, estava certo que seus investimentos aumentariam o valor de seu capital cultural e com isso

Poderei dar mais conforto para minha família, poderei ter mais tempo de qualidade para os meus filhos e minha esposa. E é isso mesmo, a parte que mais vai contar é dar conforto pra minha família, dá estudo pros meus filhos, que é uma coisa muito boa, é isso mesmo que vai contá mais, mhm, (+) ter mais tempo pra eles, pra gente poder aproveitar juntos. (Adolfo, entrevista, 2016)

Posteriormente ele reconhece isto ao dizer que “[...] e sei que os estudos ajudam o desenvolvimento tanto mental quanto social, assim como mudou a minha forma de pensar e até de agir”. (Adolfo, narrativa 02. 2016)

Com isso reconhece que adquirirá um valor simbólico, que poderá ser transformado em uma maneira de prestígio e diferenciação social. Em relação ao dito ele pontua que:

[...] na sociedade (+) acho que muda tudo, muda muito o jeito das pessoas olharem pra gente, saber que você tem uma profissão, uma posição, um bom emprego, que você é uma pessoa de bem, acho que ajuda muito na parte visual da gente assim. Até em (+) mesmo o caráter da pessoa, porque as pessoas as vezes julgam muito. (Adolfo, entrevista, 2016)

A meu ver, ao aumentar seu capital cultural lhe possibilitará ainda exercitar sua cidadania de maneira ativa e participativa.

Encerro aqui as análises e discussões dos dados coletados de Adolfo, sendo assim, as colocações que considere mais importantes a partir de suas narrativas durante sua permanência no programa foram os seguintes: reconhecer ter sofrido mudanças identitárias significativas, ter investido efetivamente na aquisição dos conhecimentos disponibilizados pelo programa, revelar sua comunidade imaginada como um grupo de profissionais da polícia rodoviária federal e, por conseguinte, assumir a identidade de um policial rodoviário federal, visualizar a importância de continuar investindo com a finalidade de adquirir diversos recursos que poderão ampliar o valor de seu capital cultural. Dessa maneira, isso lhe possibilitará o exercício de uma cidadania ativa.

A partir dessas análises e conclusões relativas aos dados de Adolfo, a seguir trarei os dados de Augusto.

Após terminar o projuvem irei terminar o ensino médio, assim após terminar o ensino médio irei para uma faculdade e irei fazer faculdade de agronomia para ter uma vida melhor.

Para dar aos meus filhos tudo àquilo que eu não tive e poder dar um bom estudo para, eles não ter que trabalhar do jeito que eu trabalhei quero que eles tenham uma vida boa e ter uma vida boa quando, eu tiver velho e poder não trabalha.

O projoem melhorou minha vida e por isso que quando terminar o projoem vou fazer EJA para terminar o ensino médio e fazer uma faculdade para melhorar minha vida e da minha família. (Augusto, narrativa 3, 2016)

Augusto, nesse trecho de sua narrativa menciona desejar prosseguir os estudos para ter uma vida melhor, para dar aos filhos o que lhe foi negado em sua infância e juventude, bem como assegurar-lhe uma velhice tranquila. Ao dizer isso, ele visualiza que o investimento na aquisição de conhecimentos possibilitará ampliar o valor de seu capital cultural e material. Nesse sentido, após se graduar em agronomia ele também idealiza “tranquilidade, porque eu gosto de campo, não sou muito de ficá em cidade, (+) [...] Para minha família quero dar o melhor, o que eu não tive, minha mãe não conseguiu dá pra mim. Então quero que minha esposa e meus filhos sempre tenham o melhor [...]”. (Augusto, entrevista, 2016)

Em relação a outros valores que adquirirá após atingir seus objetivos, como por exemplo, o simbólico, ele reconhece que “pela sociedade vão me ver por outra maneira também, porque vou ser mais responsável, vou ter um papel na sociedade”. (Augusto, entrevista, 2016).

Finalmente, a partir de todas as análises e discussões sobre os dados coletados de Augusto, os pontos que considero mais importantes em suas narrativas no que se refere a sua permanência no programa foram os seguintes: considerar ter sofrido mudanças identitárias significativas, ter percebido a importância dos investimentos na aquisição dos conhecimentos como fator preponderante para adquirir recursos simbólicos e materiais, bem como aumentar o valor de seu capital cultural, possuir uma comunidade imaginada que é pertencer ao grupo de engenheiros agrônomos e, por conseguinte, assumir a identidade de agrônomo. Isso também poderá contribuir para o exercício de uma cidadania ativa, participativa e criadora.

Tendo em vista os fatos apresentados, ou melhor, a análise e discussão dos dados coletados dos participantes, na próxima seção interpretarei esses resultados com a finalidade de torná-los úteis para aplicabilidade em casos semelhantes aos citados ou até mesmo em situações ou áreas de conhecimentos distintos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Figura 5: representação do momento da chegada de *Don Quijote en la venta*<sup>10</sup>.



Essa figura aparentemente simboliza a chegada do cavaleiro de Cervantes em um determinado lugar, mas na realidade esse é o momento em que as batalhas se iniciarão, ou seja, o momento em que Don Quijote acredita se armar definitivamente como cavaleiro para dar início as suas lutas.

Por isso, faço uma analogia com o mencionado, pois as considerações finais também aparentam ser a chegada, mas na realidade é o momento em que considero como sendo a partida, o recomeço para enfrentar novos desafios.

Tendo em vista o apresentado, após longo período de orientações, investigações teóricas, observações, planejamentos de ações, aplicações de diversas atividades práticas, gravações das aulas *in loco*, registros com fotografias, registros em diário de bordo, aplicações de questionários, narrativas, entrevistas entre outras, sinto-me na responsabilidade de deixar aqui, minhas conclusões. Faço isso com a expectativa de poder contribuir com outros estudiosos que possuem interesses similares aos meus em relação ao tema e público pesquisado.

Em relação às técnicas utilizadas na coleta de dados dos participantes, todas foram extremamente úteis para que eu pudesse atingir os objetivos deste estudo.

---

<sup>10</sup> Disponível em: <<https://www.don+quijote+venta&espv=2&biw=1366&bih>>. Acesso em 25 mai. 2015.

Partindo disso, permita-me considerar minha presença diária no espaço investigado e minhas anotações cotidianas como o principal método desta investigação, pois fazer parte desse contexto possibilitou-me um contato mais pessoal entre o “eu e o outro” por um período de dezoito meses de execução do programa. Assim, foi possível entender alguns aspectos subjetivos expressados pelos participantes.

Desse modo, pude ainda recorrer as minhas experiências pessoais vivenciadas há vários anos como educadora no referido projeto, elas serviram-me como auxiliares para que eu pudesse tentar compreender e interpretar como se dá o processo de (re) construção identitária dos estudantes, sob a perspectiva da aquisição dos conhecimentos oportunizados pelo Projovem Urbano, de uma escola estadual, localizada no município de Campo Grande – MS, durante a permanência deles no programa.

Diante dos argumentos expostos, faço algumas considerações, “finais” sobre este estudo. Para tanto, retomarei os tópicos das análises e discussões dos dados dos participantes com os respectivos objetivos específicos que norteiam cada tópico, com o intuito de pontuar aquilo que julgo contribuições ou limitações desta pesquisa.

Dessa maneira, darei início às considerações relativas ao tópico de análises e discussões dos dados, intitulado: *identidades dos participantes em questão*. Para tal, pretendo rever o primeiro objetivo específico desta pesquisa: investigar o impacto das memórias de aprendizagem dos participantes na busca da aquisição de novos conhecimentos oportunizados pelo Projovem Urbano e conseqüentemente na formação de suas identidades.

Pautada nisso, ao examinar as histórias de vidas dos seguintes participantes: Catherine, Olga, Helena, Ivan, Adolfo e Augusto, por meio de seus discursos (linguagem escrita e oral), ao expressarem suas subjetividades, observei que suas memórias de aprendizagem, aliadas as percepções sobre a atual condição em que vivem e a tomada de consciência sobre o próprio potencial como seres humanos, fizeram com que eles retomassem seus estudos e permanecessem por todo o período no programa, mostrando-se na maioria das vezes investidos na aquisição de novos conhecimentos e em consequência disso, possibilitou-lhes a emergência de novas identidades.

Vale ressaltar, que além da permanência no programa, esses participantes também se mantiveram empenhados em contribuir com meus estudos desde o princípio. Isso ficou evidente pelo comprometimento com a frequência escolar, realização das

atividades propostas, participação nas entrevistas entre outros. Esses estudantes, na maioria das vezes, demonstraram que são comprometidos, possuem desejos de mudanças e visualizam outras possibilidades para o futuro.

Esclareço que ao trazer minhas impressões sobre os participantes deste estudo, não pretendo e não posso fazer nenhum julgamento de valor aos não participantes, pois suas atitudes estão relacionadas às questões subjetivas individuais não levantadas neste estudo.

Ampliando essas considerações ainda para a (re) construção das identidades das pessoas de classes sociais menos favorecidas de nossa sociedade, que é o caso dos participantes desta pesquisa, a partir de minhas observações, passo a considerar as interações pessoais e o valor do capital cultural transmitido dentro do espaço escolar como essenciais para a formação identitária desses indivíduos. Isso devido à limitação ou ausência de outros espaços de socialização, que é consequência da própria condição social na qual vivem.

Para tanto, achei relevante destacar essa possibilidade de reconstrução identitária dentro do espaço escolar, partindo do que foi explicitado nos discursos de todos os participantes, reconhecendo que a interação pessoal e a aquisição dos conhecimentos repassados nesse espaço lhes possibilitaram “mudar o superficial, mudar também o profundo, mudar o modo de pensar, mudar tudo nesse mundo” (estrofe da letra da canção de Julio Numhauser, tradução e adaptação minha). Porém, para que essas mudanças citadas ocorressem, houve, por parte de cada participante, investimentos efetivos.

Ainda, considero relevante apontar com mais clareza que um dos fatores que me levou a traçar um paralelo entre a obra *Don Quijote de la Mancha*, de Miguel de Cervantes com este estudo, foi o fato de perceber que a identidade de um indivíduo pode ser alterada a partir do momento em que ele adquire um determinado grau de conhecimento, essa mudança pode ser real ou imaginária, como ocorreu com o “nobre cavaleiro de Cervantes” ao ler os livros de cavalaria. Sendo assim, as mudanças identitárias, também consideradas pelos participantes desta pesquisa, a partir da participação no Projovem Urbano, seja como for, serão sempre consideradas como mudanças!

Ainda a partir deste estudo, em meu imaginário, passei a comparar as identidades

de uma pessoa com a figura de um espiral, por estarem sempre em construção, por serem inacabadas, ou seja, não fecham o círculo, nem retrocedem, estão sempre em desenvolvimento.

Finalizo aqui o espaço destinado as minhas considerações e impressões relativas às identidades dos participantes. A seguir farei as considerações pertinentes aos seus *investimentos identitários*.

Para tal, pretendo rever o segundo objetivo específico desta pesquisa: verificar como se dão os investimentos por parte dos estudantes na busca da aquisição de novos conhecimentos oportunizados pelo Projovem Urbano e conseqüentemente na formação de suas identidades.

Após um longo período de observação, esta pesquisa foi aos poucos ganhando configuração, meus aportes teóricos passaram a fazer sentido, em outras palavras, teoria e prática passaram a convergir. Sendo assim, passei a observar atentamente dentro do espaço escolar, toda diversidade identitária e a maneira como elas se revelavam nesse lugar. A partir disso, comecei a tentar mensurar o grau de investimento de cada estudante na aquisição dos conhecimentos disponibilizados pelo programa (como os mais investidos e menos investidos). Desse jeito, muitas vezes me sentia como se estivesse dentro de um grande laboratório, analisando ocultamente um material rico e abundante.

Com isso, foi possível observar que os seis participantes desta pesquisa: Catherine, Olga, Helena, Ivan, Adolfo e Augusto, na maioria das vezes, investiam com desejo e comprometimento em relação à aquisição dos conhecimentos, porém, havia certa disparidade no grau de investimento entre eles, mas todos investiram. Dessa maneira, verifiquei que, comparando com os demais colegas de sala de aula, eles aparentavam possuir um maior grau de investimento.

Isso foi evidenciado pela frequência escolar, realização das atividades propostas, comprometimento com minha pesquisa entre outros, o que deve ter possibilitado a eles a emergência de novas identidades, conforme relatam.

Sendo assim, ao fazer esses investimentos, pareciam ter como alvo, determinadas comunidades imaginadas, mostrando ter consciência que isso lhes possibilitaria retornos seguros, ou seja, proporcionaria o aumento do valor de seu capital cultural, bem como o acesso a bens materiais e simbólicos.

Com isso, finalizo as considerações relativas aos investimentos dos participantes. Assim, sequencialmente tratarei das considerações concernentes as suas *comunidades imaginadas*.

Para isso, focalizo rever o terceiro objetivo específico desta pesquisa: identificar de que forma as comunidades imaginadas dos participantes estão presentes nas identidades assumidas durante a permanência no Projovem Urbano.

Inspirada no conceito de Norton constatei que os seis participantes desta pesquisa possuem diferentes comunidades e identidades imaginadas. A partir disso foi possível verificar que os seus investimentos na aquisição dos conhecimentos ofertados pelo Projovem, estão de alguma maneira, atrelados aos seus desejos de participar de determinadas comunidades imaginadas. Sendo assim, apresentarei, a seguir, as comunidades imaginadas de cada participante.

Catherine tem como primeira comunidade imaginada pertencer ao grupo dos profissionais da saúde e conseqüentemente assumir a identidade de uma enfermeira. Mas em uma parte de sua narrativa ela menciona que outra área lhe chama atenção que é a de educação, sendo assim, considereirei que sua segunda comunidade imaginada seria pertencer ao grupo de educadores e conseqüentemente assumir a identidade de professora.

Olga, em seus discursos iniciais parece não possuir uma comunidade imaginada definida, somente declara estar consciente da necessidade de prosseguir seus estudos. Mas, com o passar dos meses ela expõe que pretende fazer cursos e se aperfeiçoar em técnicas de vendas. Segundo ela, seu desejo é se tornar uma vendedora, porque gosta muito de se comunicar com as pessoas. Ainda imagina, futuramente, montar seu próprio negócio, ou seja, tornar-se a proprietária. Conforme esse relato, passei a entender que sua comunidade imaginada, a princípio, é pertencer ao grupo de vendedores, o que leva a criação de uma identidade imaginada de vendedora.

Helena, desde o início dessa pesquisa, declara que sua comunidade imaginada é pertencer ao grupo de psicólogos e conseqüentemente assumir a identidade de psicóloga. Com isso, ela visualiza aumentar o valor de seu capital cultural, ainda pretende adquirir recursos materiais e simbólicos.

Ivan, no que diz respeito aos seus investimentos, não possui uma linearidade, muitas vezes se mostrou muito investido na aquisição de conhecimentos, outras, com

um grau menor de investimento, mas em relação a sua comunidade imaginada, ele menciona que deseja participar do grupo de administradores de empresa e conseqüentemente pretende assumir a identidade de um administrador de empresas, e o seu investimento na aquisição dos conhecimentos ofertados parece relacionado com seus desejos, seus projetos para o futuro.

Adolfo almeja pertencer à equipe de profissionais da Polícia Rodoviária Federal, logo assumir a identidade de um policial rodoviário federal. Em vista disso, ele menciona que está consciente da necessidade de seus investimentos efetivos na aquisição de conhecimentos para que a sua comunidade imaginada possa se transformar em uma comunidade real.

Augusto, com o passar dos meses decidiu investir efetivamente na aquisição de conhecimentos ofertados pelo programa. Isso possibilitou o surgimento de sua comunidade imaginada, que será pertencer ao grupo de engenheiros agrônomos, logo assumir a identidade de um engenheiro agrônomo.

Pelo exposto, foi possível verificar que todos os participantes desta pesquisa possuem suas comunidades imaginadas e, por conseguinte, uma identidade imaginada. Sendo assim o grau de investimento de cada participante e a maneira como visualizam suas possibilidades para o futuro fará com que eles atinjam, ou não, suas comunidades imaginadas. Com isso, ainda oportunizará a eles o aumento do valor de seu capital cultural, bem como o acesso a bens materiais e simbólicos.

Dessa forma, encerro aqui as considerações relativas ao tópico de análises e discussões dos dados intitulados as comunidades imaginadas dos participantes. Na seqüência farei as considerações pertinentes ao reconhecimento, pelos participantes, da importância do aumento do valor de seu *capital cultural para o exercício da cidadania*.

Por isso, a seguir pretendo rever o quarto objetivo específico desta pesquisa: averiguar de que maneira cada participante desta pesquisa reconhece, ou não, a importância do aumento do valor de seu capital cultural para o exercício da cidadania.

Em consonância com a teoria do capital cultural, passei a refletir sobre qual seria o valor acumulado desse capital que cada participante desta pesquisa possui, bem como qual seria a relevância desse capital cultural para eles uma vez que são oriundos de classes sociais menos favorecidas de nossa sociedade e praticamente não receberam esse bem como herança de seus familiares, por isso não possui esse acúmulo de capital.

Com o exposto, penso que essa consideração também nos auxiliará no entendimento em relação ao fracasso escolar desses participantes, uma vez que estão em defasagem de idade em relação ao ano escolar. Isso poderá nos levar a entender que a atual condição em que esses jovens se encontram não está relacionada diretamente com suas aptidões naturais, mas sim ao valor da “herança cultural” que foi transmitida pelos seus familiares.

Foi com essa consciência que iniciei minhas investigações para verificar como cada participante reconhecia, ou não, a importância do aumento do valor de seu capital cultural para o exercício de sua cidadania, uma vez que esses jovens se encontram em desvantagem para competir com os demais que tiveram a oportunidade de acumular certo valor de capital cultural desde infância, repassado pelos seus pais.

Porém, o que mais me surpreendeu ao analisar os discursos desses participantes, foi à importância que eles dão para a aquisição do capital cultural, bem como a consciência que eles possuem sobre a necessidade de transmiti-los para seus filhos. Ainda, percebem que ao adquirirem ou ao aumentarem seus capitais culturais, poderão proporcionar-lhes, diversos lucros, tais como: econômico, cultural, social ou simbólico, que poderá ainda contribuir para o exercício de uma cidadania participativa.

Partindo do exposto, teço alguns comentários sobre as contribuições e limitações desta pesquisa, isso para mim é algo prazeroso, pois ela possibilitou-me a verificar os fenômenos relativos a (re) construção identitária não só dos participantes deste estudo, mas também ampliou minha visão em relação às identidades dos seres humanos, incluindo minhas próprias identidades. Com esse despertar, passei a observar, dentro do ambiente escolar, comportamentos pessoais dos participantes como: desejo, apatia, resistência, investimentos, emoções, relacionamento, cultura entre outros.

Nesse sentido, os fatos que mais me chamaram atenção em relação aos participantes desta pesquisa a partir da análise de seus dados foram o reconhecimento da atual situação em que se encontram os seus desejos de mudança, a consciência da necessidade de seus investimentos, a clareza com que seus objetivos estão traçados e a maneira como estes participantes visualizam suas possibilidades para o futuro, mesmo diante de tantas adversidades e limitações impostas a eles.

Sendo assim, penso que esses resultados, podem ter sofrido influências de outros discursos dentro do ambiente escolar. A meu ver, isso pode ter contribuído para

despertar desejos de mudanças nesses participantes. Digo isso, porque o meu convívio com esses participantes durante a execução desta pesquisa, também me levou a fazer outras reconsiderações sobre suas identidades, bem como sobre as minhas próprias identidades.

A partir disso, relato um fato inesperado, que considero como a maior limitação de minha pesquisa, que foi a falta de colaboração pela maioria dos participantes iniciais, pois infelizmente começamos com trinta participantes e finalizamos somente com seis. Dentre esses desistentes, estavam as identidades que eu julgava “ideais” para este estudo, mas contrariando meus desejos, não foi possível essa permanência. Essa exclusão, em alguns casos, ocorreu por falta de comprometimento, outras por imprevistos que foram surgindo ao longo da pesquisa.

A partir dessas reconsiderações identitárias, espero que esta pesquisa possa contribuir com outros estudos, em qualquer área do conhecimento, relativos às identidades dos jovens de classes menos favorecidas de nossa sociedade no que se refere a (re) construção de suas identidades, investimentos, comunidades imaginadas, capital cultural e cidadania. Assim, possibilitará entender os motivos intrínsecos que levam a exclusão social e a partir disso possam apontar possibilidades para romper com essas identidades herdadas por destino.

Como educadora, penso que as teorias abordadas, bem como as colaborações feitas pelos participantes deste estudo em relação às formações identitárias poderão contribuir significativamente com a educação pública, caso a instituição escolar levar em consideração o valor do capital cultural acumulado ou repassado pela família para cada estudante. Esse valor do capital, de alguma maneira, poderá intervir ou contribuir para o desempenho do exercício de suas cidadanias. Acredito que a partir dessa visão, a escola possa assumir sua função como principal formadora das identidades dos indivíduos das classes menos favorecidas de nossa sociedade.

Pelo exposto, para mim, aqui é meu ponto partida, como mencionado inicialmente, sendo assim, buscarei novos desafios, pois estes estudos instigaram-me a prosseguir, a dar continuidade em minhas investigações para ampliar minha compreensão e tentar desvendar outros fenômenos relativos às reconstruções identitárias relacionadas às classes sociais menos favorecidas de nossa sociedade.

## REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Rick. Being a mathematics learner: four faces of identity. *The mathematics educator*, vol. 17, n. 1, 2006, p. 7-14.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Trad. Carlos Alberto Medeiros, Rio de Janeiro: Zahar, Ed. 2005.
- BLOOCK, D. *Second language identities*. London: Continuum International Publishing Group. (2007).
- BOURDIEU, P. *Language and symbolic power*. Edited and introduced by John B. Thompson. Translated by Gino Raymond and Matthew Adamson. Harvard University Press Cambridge, Massachusetts, 1995.
- BOWERMAN, Kimberly. *Snapshot! A Rediscovery of Alice Sherman (circa 1920-1960's) Through Phototherapy and Autoethnography*. Athabasca University/ Master of Arts – Integrated Studies, 2010.
- BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Diário Oficial da União, 5 de outubro de 1988.
- \_\_\_\_\_. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996.
- \_\_\_\_\_. *Secretaria Geral da Presidência da República. Secretaria Nacional da Juventude. PROJOVEM. Programa Nacional de Inclusão de Jovens: Educação, Qualificação e Ação Comunitária*. Brasília: Secretaria Nacional de Juventude, 2005.
- BRUNER, Jerome. *Two Modes of Thought*. In: *Actual Minds, Possible Worlds*. Cambridge: Harvard University Press, 1986.
- CAMÕES, L.V. de. *200 sonetos*. Porto Alegre: L&PM.1998.
- CAMPOS, M. D. (2002). *Etnociência ou etnografia de saberes, técnicas e práticas?* In Amorozo, M. C. M et al. (Orgs.). *Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas*, pp. 47-92. Rio Claro, SP: UNESP/CNPq.
- CHANG, Heewon. *Autoethnography as method*. California: Left Coast Press, 2008.
- CIAMPA, A. C. (1987). *A estória do Severino e a história da Severina*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- CORACINI, Maria José. (org) *Identidades Silenciadas e invisíveis: entre a inclusão e a exclusão – Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.-Capes*.

\_\_\_\_\_. Língua estrangeira e língua materna: uma questão de sujeito e identidade. In: CORACINI, M. J. (Org.). *Identidade & discurso: (des)construindo subjetividades*. Campinas: Unicamp; Chapecó: Argos. 2003, p. 139-159.

\_\_\_\_\_. (org.) *O desejo da teoria e a contingência da prática: discursos sobre e na sala de aula (língua materna e língua estrangeira)*. Campinas, Mercado de Letras, 2003.

\_\_\_\_\_. *A celebração do outro: arquivo, memória e identidade: línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.

COSTA, Claudia de Lima. “O feminismo e o pós-modernismo/pós-estruturalismo: (in)determinações da identidade nas (entre)linhas do (con)texto”. In: PEDRO, Joana Maria; GROSSI, Miriam Pillar (Orgs.). *Masculino, feminino, plural: gênero na interdisciplinariedade*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2000. p. 57-90.

CUNHA, Maria Izabel da. *As narrativas como explicitadoras e como produtoras do conhecimento*. IN CUNHA, Maria Izabel. *O professor universitário na transição de paradigmas*. Araraquara: JM Editora, 1998.

DALLARI, Dalmo de Abreu. *Direitos Humanos e Cidadania*. São Paulo: Moderna, 1998. p.14)

DEMO, Pedro. *Aprendizagem no Brasil: ainda muito por fazer*. Porto Alegre: Mediação, 2004<sup>a</sup>.

DERRIDA, Jacques. *Posições*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

DIMENSTEIN, Gilberto. *O Cidadão de Papel. A infância, a adolescência e os direitos humanos no Brasil*. 3º ed. São Paulo, SP: Ed. Ática, 1993.

DOSSE, F. *A História do estruturalismo*. Santa Catarina: EDUSC, 2007. v. 1.

DUFF, P. *Qualitative approaches to second language classroom research*. In: CUMMINS, J.; DAVISON, C. (Eds.) *Handbook of English language teaching*. Philadelphia,: Kluwer, 2007.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Coord. trad. revisão e prefácio à ed. brasileira Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília.1992.

FALKEMBACH, Elza Maria F. *Diário de campo: um instrumento de reflexão*. In: *Contexto e educação*. Ijuí, RS. 1987. v.2.

FOUCAULT, Michel. *História da loucura na Idade Clássica*. Tradução de José Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 2002.

GARDNER, R. C. *Social psychology and second language learning. The role of attitudes and motivation*. London: Edward Arnold. (1985).

GARDNER, Robert C.; LAMBERT, Wallace E. Attitudes and motivation in second language learning. Rowley, Mass.: Newbury, 1972.

GONZÁLEZ, REY, F. Pesquisa Qualitativa e subjetividade: os processos de construção de informação, (trad. Marcel Aristides Ferrada Silva), São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. Micropolítica: Cartografias do desejo. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. 10. ed. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaraciara Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

\_\_\_\_\_. Quem precisa de identidade? In: SILVA, T. T. (org.) Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 103-133.

\_\_\_\_\_. (1997). A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo. Educação e Realidade, v. 22, n. 2, pp. 15-46.

JORGE A. MESTAS, Ediciones Escolares, S.L. Proyectos Ànfora, 1999.

KANNO, Y., & Norton, B. (2003). Imagined communities and educational possibilities: Introduction. Journal of Language, Identity, and Education, 2(4), 241-249.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva. Afetividade e letramento na alfabetização de adultos. In: \_\_\_\_\_. (org.). Afetividade e letramento na alfabetização na educação de jovens e adultos EJA. São Paulo: Cortez, 2013.

LONGARAY, E. A. Globalização, Antiimperialismo e o Ensino de Inglês na Era Pós-Moderna. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brazil (2009).

LOPES, Alice Casimiro. Políticas de currículo: questões teórico-metodológicas. \_\_\_\_\_. Teorias Pós-Críticas, Política e Currículo. Dossier Temático: Configurações da Investigação Educacional no Brasil. Educação, Sociedade & Culturas, nº 39, 2013, (pp. 7-23). Disponível em <http://www.fpce.up.pt/ciie/sites/default/files/02.AliceLopes.pdf>. Acesso em 05-10-2016.

LÜDKE, M. & ANDRÉ, E. D. A. – Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. – São Paulo: EPU; 1986.

MAHER, T. J. M. Ser professor sendo índio: questões de língua(gem) e identidade. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade de Campinas, Campinas, 1996.

MANZINI, E. J. A entrevista na pesquisa social. Didática, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

MANUAL DO EDUCADOR: Orientações Gerais / [organização: Maria Umbelina Caiafa Salgado; Revisão Ortográfica: Rafael Paixão Barbosa] – Brasília: Programa Nacional de Inclusão de Jovens – Projovem Urbano, 2012.

MAINARDES, Jefferson; FERREIRA, Márcia dos S. F.; TELLO, César. Análise de políticas: fundamentos e principais debates teórico-metodológicos. In BALL, Stephen J; MAINARDES, Jefferson (Org.). Políticas educacionais: questões e dilemas. São Paulo, 2011.

MARCUSCHI, L. A. Análise da conversação. São Paulo: Ática, 1986. (Série Princípios).

MOITA LOPES, Luiz P. da. Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula/Luiz Paulo da Moita Lopes, - Campinas, SP :Mercado de Letras, 2002. - (Coleção Letramento, Educação e Sociedade).

\_\_\_\_\_. (2003). Socioconstrucionismo: Discurso e Identidade Sociais. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (org). Discursos de identidades: discurso como espaço de construção de Gênero, Sexualidade, Raça, Idade e Profissão na escola e na família. Campinas, SP: Mercado de Letras.

\_\_\_\_\_. Pesquisa interpretativa em linguística aplicada: a linguagem como condição e solução. D.E.L.T.A., 10-2, 1994. P.329-338.

MORIM, André. Pesquisa-ação integral e sistêmica: uma antropopedagogia renovada. Trad. Michel Thiollent. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

NORTON PEIRCE, Bonny. Social identity, investment, and language learning. TESOL Quarterly, vol. 29(1), 1995.

NORTON, B. Identity and language learning: Gender, ethnicity and educational change. Harlow: Pearson Education, 2000.

\_\_\_\_\_. Language, Identity and the ownership of English. TESOL Quarterly, vol.31, n.3, 1997, p.409-429.

\_\_\_\_\_. Identity and Language Learning: Extending the conversation. 2<sup>nd</sup> edition. Multilingual matters: 2013.

NÓVOA, A. (ORG). Vida de professores. Portugal: Porto Editora, 2000.

NUNES, Clarice et al. Escola e Cidadania: aprendizado e reflexão. Salvador: Oea UFBA EGBA, 1989.

ORLANDI, Eni. Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

ORLANDI, E. P. Identidade linguística escolar. In: SIGNORINI, I. (Org.) Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas: Mercado das Letras, 1998, p. 203-212.

PAULA, A.P.P. Teoria crítica nas organizações. São Paulo: Thompson, 2008.

\_\_\_\_\_. MARANHÃO, C.M.S.A.; BARROS, A.N. Pluralismo, pós-estruturalismo e “gerencialismo engajado”: os limites do movimento critical management studies. Rio de Janeiro, Cadernos EBAPE.BR. v.7, n. 3, set. 2009.

PORLÁN, Rafael; MARTÍN, José. El diario del profesor: um recurso para investigación en el aula. Día da: Sevilla, 1997.

RAJAGOPALAN, K. Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

\_\_\_\_\_. O conceito de Identidade em Linguística: é chegada a hora para uma reconsideração radical. In: SIGNORINI, I. (Org.). Língua(gem) e Identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998.

REVUZ, C. A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. In: SIGNORINI, I. (org.). Língua(gem) e identidade. São Paulo: Mercado de Letras, 1998, p. 213-230

RICHARDSON, R. J. Pesquisa social: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1999.

SANTOS, Milton Almeida. As Cidades Mutiladas. São Paulo: Imesp, 1996/1997.

SAUSSURE, F. Curso de linguística Geral. IN: MARCONDES, Danilo. Textos básicos de linguagem: de Platão a Foucault. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

SAWAIA, Bader. “Introdução: exclusão ou inclusão perversa?”, in: SAWAIA, B., As artimanhas da exclusão: análise psicossocial de ética da desigualdade social. Petrópolis: Vozes, 2001. Pp.7-13.

SCHAFER, R. “Narration in the psychoanalytic dialogue”. In: MIT – CHELL, W.J. (ed). On narrative. Chicago, University of Chicago Press, 1981.

SCHRIFT, Alan D. Nietzsche french legacy: a genealogy of poststructuralism. New York: Routledge, 1995.

SCOTT, Joan W. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5-22, 1990. In: A cidadã paradoxal: as feministas francesas e os direitos do homem. Florianópolis: Editora Mulheres, 2002.

SILVA, Tomaz T. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais/ Tomaz Tadeu da Silva (org.) Stuart Hall, Kathryn Woodward. 15. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SOUZA, E.M.; SOUZA, S.P.; SILVA, A.R.L. O pós-estruturalismo e os ECG: da busca pela emancipação à constituição do sujeito. In: Encontro da Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Administração. 35. 2011, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro, 2011.

TRIVIÑOS, A. N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VOTRE, S. J. Linguagem, identidade, representação e imaginação. In: FERREIRA, L. M. A.; ORRICO, E. G. D. (Orgs.). Linguagem, identidade e memória social. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 89-105.

WEEDON, C. Feminist Practice and Poststructuralist Theory (2nd ed). Oxford: Blackwell. (1997).

WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferenças: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

WILLIAMS, J. Pós-estruturalismo. São Paulo: Vozes, 2013.

## **ANEXOS**

### Anexo 1 – Carta convite

Prezado aluno (a),

Gostaria de convidá-lo (a) para participar da minha pesquisa (ainda sem título definitivo), como parte do curso de Mestrado em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS.

Desta forma, desenvolverei uma coleta de dados que envolverão um questionário fechado, 3 (três) narrativas, entrevista e a gravação de algumas aulas selecionadas (que acontecerão no momento da aula). Portanto, gostaria de pedir sua permissão para estudar e analisar os dados de tais atividades.

Todo o material escrito, gravado e transcrito, ficará comigo até o final do trabalho de pesquisa, mas nem seu nome, nem os demais dados coletados serão vistos por terceiros. Além disso, nomes e/ou números fictícios serão utilizados na dissertação.

Agradeço muito a sua atenção e participação.

Maria das Dores Dias Acosta (UEMS-PG)

Eu, \_\_\_\_\_,  
autorizo a utilização das informações por mim dadas nos instrumentos de coleta de dados sugeridos para fins de pesquisa realizados durante o segundo semestre letivo de 2015 na Escola Estadual Professora Ada Teixeira dos Santos Pereira.

\_\_\_\_\_  
(assinatura do participante)

## Anexo 2 - Dados pessoais do estudante

Participante:

Idade:

Naturalidade \_\_\_\_\_

Gênero do estudante: \_\_\_\_\_

Estado civil: casada

Número de filhos:

Objetivos do ingresso no Projovem:

- ascensão profissional e educacional
- somente concluir o Ensino Fundamental
- dar continuidade aos estudos até cursar o Ensino Médio
- dar continuidade aos estudos até cursar um curso técnico
- dar continuidade nos estudos até cursar uma graduação

Situação profissional atual:

- contrato
- autônomo
- empregado
- desempregado
- microempresa
- carteira assinada
- servidor público
- outros

Reside em:

- casa dos pais
- casa alugada
- casa de parentes
- casa própria quitada
- casa própria financiada
- outros

Renda mensal:

- de um (1) salário mínimo
- de até três (3) salários mínimos
- superior a três (3) salários mínimos
- não possui
- outros







*Anexo 6 - Dados pessoais da participante Catherine*

Idade: 25 anos

Naturalidade: brasileira

Gênero do estudante: feminino

Estado civil: casada

Número de filhos: 2 (duas)

Objetivos do ingresso no Projovem:

- ascensão profissional e educacional
- somente concluir o Ensino Fundamental
- dar continuidade aos estudos até cursar o Ensino Médio
- dar continuidade aos estudos até cursar um curso técnico
- dar continuidade nos estudos até cursar uma graduação

Situação profissional atual:

- contrato
- autônomo
- empregado
- desempregada
- microempresa
- carteira assinada
- servidor público
- outros

Reside em:

- casa dos pais
- casa alugada
- casa de parentes
- casa própria quitada
- casa própria financiada
- outros

Renda mensal:

- de um (1) salário mínimo
- de até três (3) salários mínimos
- superior a três (3) salários mínimos
- não possui
- outros

## Narrativa 01

A partir de estudos sobre as características da tipologia textual narrativa e leituras de textos contando trajetórias de vidas educacionais e estudantis, chegou a sua vez de relatar sua vida escolar. Vamos começar!

Comecei a estudar na escola Blanche dos Santos e depois meus pais tiveram que mudar de cidade por que na época estava muito difícil trabalho em Campo Grande.

Fomos pra uma cidade de interior chamada Paranaíba aqui no Mato Grosso do Sul, lá me colocaram em uma escola chamada Manoel Garcia onde tive vários problemas, pois não conseguia aprender e tive problema com uma professora de matemática, ela se chamava Cida, eu tinha medo dela, e isso talvez dificultou as coisas.

Mais apesar de toda as minhas dificuldades consegui passar pro segundo ano do ensino fundamental, sem saber ler nem fazer contas.

Meu pai viu que estava errada e me mudou de escola, mais voltei pra primeira serie e aprendi a ler e me sair bem em matemática.

Depois me mudaram de novo pra escola, Escola Inacio.

Lá também não tive dificuldades foi uma das épocas mais felizes da minha vida.

Então meus pais se separaram e comecei a ter mais dificuldades.

Minha mãe não era muito presente, pois tinha que trabalhar.

Então voltei pra cá pra morar com meu pai.

Fui matriculada na Escola Araci Eudociak fiz o quinto ano lá e desisti no sexto ano, eu não queria saber de nada achava nessa época que estudar não era importante.

Voltei a estudar várias vezes e sempre desistia.

Então tive que começar a trabalhar pra ter meu sustento, pois sai da casa do meu pai ele não queria mais eu lá. as vezes não tinha nem onde dormi.

Então fui morar na casa de uma amiga, e conciliar meu trabalho com estudo era difícil por que sempre trabalhei anoite e o dia eu queria só dormir.

Fazia muita questão do dinheiro!

Passaram-se os anos e conheci meu marido e tivemos nossos filhos aí comecei a pensar em voltar a estudar, não queria que minhas filhas fizessem como eu e desistisse de estudar e passasse tudo que eu tinha passado.

Meu marido me incentivo bastante a voltar pra escola.

Ouvi na radio sobre o projovem e fui fazer minha matrícula.

Conheci os professores, que na verdade são nossos amigos e já no começo nos deram novas esperanças.

Abriam nossas mentes e mostraram que nada estava perdido, apesar das dificuldades que temos, pois hoje temos nossas famílias e nossos trabalhos e nem sempre temos com quem deixar nossos filhos, o projeto tem a pessoa pra cuidar das nossas crianças.

Professores pacientes pois nem sempre estamos dispostos a fazer as atividades ou coperar com eles.

E com jeito eles roubão nossa atenção e nos ensina com amor e dedicação.

Essa faze sem dúvidas é de recomeço e uma pasagem maravilhosa.

#### Narrativa 02

De que maneira o programa PROJOVEM influenciou em minha vida?

Quando comecei no projovem não acreditava muito em mim, com a ajuda dos professores entendi a importância de continuar.

Hoje vejo o quanto sou capaz e posso ir além.

Melhorei no sentido profissional, pois aprendi me relacionar melhor com as pessoas e exercer um espírito de liderança.

Percebi o quanto preciso melhorar e correr atrás dos meus objetivos e terminar o que eu começar.

#### Narrativa 03

Minhas expectativas em relação ao meu futuro educacional e profissional.

Pretendo ser exemplo pra minhas filhas.

Vou continuar a estudar e mais tarde fazer enfermagem, pois é a área que mais me facina.

E continuar progredindo nessa área

O que me chama atenção também é ensino, uma dessas carreiras podendo seguir e me dedicar.

Espero conseguir terminar meus estudos, pois quero terminar meus estudos pois quero primeiro dar exemplo para minhas filhas.

E em segundo conseguir me qualificar para o mercado de trabalho, pois hoje em dia para ter um bom emprego tem que ter estudo.

E mais para frente fazer uma faculdade na área da saúde.

*Anexo 7 - Dados pessoais da Participante Olga*

Idade: 31 anos

Naturalidade: Campo Grande

Gênero do estudante: feminino

Estado civil: divorciada

Número de filhos: 02 filhos

Objetivos do ingresso no Projovem:

- ascensão profissional e educacional
- somente concluir o Ensino Fundamental
- dar continuidade aos estudos até cursar o Ensino Médio
- dar continuidade aos estudos até cursar um curso técnico
- dar continuidade nos estudos até cursar uma graduação

Situação profissional atual:

- contrato
- autônomo
- empregado
- desempregado
- microempresa
- carteira assinada
- servidor público
- outros

Reside em:

- casa dos pais
- casa alugada
- casa de parentes
- casa própria quitada
- casa própria financiada
- outros

Renda mensal:

- de um (1) salário mínimo
- de até três (3) salários mínimos
- superior a três (3) salários mínimos
- não possui
- outros

## Narrativa 01

A partir de estudos sobre as características da tipologia textual narrativa e leituras de textos contando trajetórias de vidas educacionais e estudantis, chegou a sua vez de relatar sua vida escolar. Vamos começar!

Eu me chamo Olga. Nasci no dia 01 de março de 1985, na pequena cidade de Bandeirantes, situada no estado de Mato Grosso do Sul.

Sou de uma família bem humilde que hoje é o meu porque de estar aqui, participando das aulas do Projovem.

Somos constituídos de 3 irmãos, contando comigo e meus pais João e Elza.

No ano de 2001 mais ou menos comecei os meus estudos.

A primeira escola que estudei foi na mesma cidade, não me lembro o nome agora, mas sei que era uma pequena escolinha com apenas 02 salas de aulas e 01 banheiro e 01 refeitório, era pra mim uma grande vitória.

Mas infelizmente no meio do ano tive que parar, devido as condições financeiras dos meus pais, mudamos pra cidade de Campo Grande e fui morar depois de uns anos com os meus tios, pois nesse mesmo ano eles foram morar na fazenda e lá não havia Escola.

Passei 02 ano e meio com ela e foram os dias mais tristes da minha vida, mais consegui vencer, comecei a estudar na E.E. Linho Vilacha.

No ano de 1994 fui pra Rochedo, e lá, fomos morar em uma chácara, ali íamos estudar em Rochedo na Escola Rural “Polo” era um dia sim e 01 (um) dia não, no tempo integral. Minha profª se chamava Auxiliadora, era minha segunda mãe, me lembro até hoje aos 31 anos.

Então os anos iam passando. estudei em outra Escola Rural que não me lembro o nome, fiquei até a quarta série ou seja fiz a quarta série e fiquei de recuperação. Iamos meu irmão e eu, mas ele passou de ano e eu fiquei na recuperação. mas infelizmente tive que parar.

E assim passou minha vida na escola até chegar no projovem, depois de ficar 15 anos sem estudar.

## Narrativa 02

De que maneira o programa PROJOVEM influenciou em minha vida?

Meu nome é Olga, estou mais uma vez aqui p/escrever ou testificar o esse “programa projovem” fez em minha vida.

Digamos que abriu muito a minha mente p/as coisas profissionais da minha vida e vontade de aprender e lutar mais, p/alcançar e chegar em algum lugar, profissionalmente.

Como, parei, de estudar muito nova aos quinze anos, logo após o nascimento de minha filha que hoje tem quinze anos também. Achava que não tinha mais chance de continuar os estudos, vivendo uma vida de confrontos e crise financeira, achava que nunca mais conseguiria chegar até aqui.

Foi então que surgiu este programa que ajuda e capacita o aluno p/o mercado de trabalho e escolar.

Maravilha!

Agora tenho vontade de aprender e terminar meus estudos, pois achei um motivo mais p/dizer que hoje sou mais que vencedora e oportunidade de dar uma vida melhor e maior p/meus filhos, um emprego com meus esforços e dignidade e aprendizagem.

Mais pra frente, pretendo fazer outros cursos e aperfeiçoar meu curso de técnicas de vendas. Logo também concluir o ensino médio e ingressar na faculdade.

Hoje acho, com a ajuda de meus professores e colegas, que o ser humano é capaz de chegar aonde quer, basta querer...

Fico muito grata e satisfeita com este programa e espero que como eu, abra também espaço p/outras pessoas e jovens que desistiram dos estudos muito cedo e acham incapaz de fazer ou ter um futuro melhor.

Obrigada, colegas, amigos e parceiros que me ajudaram nessa caminhada, graças a meu “Deus” e a todos os colaboradores que hoje conto minha história e finalizo aqui.

### Narrativa 03

Minhas expectativas em relação ao meu futuro educacional e profissional.

Minhas expectativas sobre meu futuro é ingressar em uma faculdade para enfim concluir um curso ou seja, melhorar meu curso de vida profissional, para melhor sustento de minha família e garantir meu futuro para sempre ou até me aposentar.

Já que no meu passado meu estado ou curso de vida foi precário e sem muitas oportunidades estudantil.

Meus pais não tinham estudos e viviam andando de um lado pro outro, sempre atravessando fronteiras e morando em cidades pequenas sem recursos ou mesmo em fazendas.

Não podendo me dar uma vida estudantil com melhores oportunidades e cursos. Pois, as mesmos então eram caríssimas e de longa distancia de minha casa e eu sem recursos, conduções ou mesmo sem que meus país pudessem ajudar financeiramente. Vivia mudando de um lugar para o outro, e eu tendo que parar os estudos no meio do ano sem chances de ser um alguém profissionalmente.

Hoje em dia, as coisas estão mais fáceis, os cursos estão em todas as universidades, gratuitamente até pela internet, tenho também muitas confiança nos programas estudantis ex, projovem urbano, o qual estou tendo a oportunidade hoje de um novo recomeço e a conclusão do ensino fundamental que parei na 4ª série há dez anos atrás e sei que com a ajuda de meus professores e colegas, irei vencer e poder ser alguém profissionalmente sucedida.

*Anexo 8 - Dados pessoais da participante Helena*

Idade: 22 anos

Naturalidade: Campo Grande MS

Gênero do estudante: feminino

Estado civil: solteira

Número de filhos: não possui

Objetivos do ingresso no Projovem:

- ascensão profissional e educacional
- somente concluir o Ensino Fundamental
- dar continuidade aos estudos até cursar o Ensino Médio
- dar continuidade aos estudos até cursar um curso técnico
- dar continuidade nos estudos até cursar uma graduação

Situação profissional atual:

- contrato
- autônomo
- empregado
- desempregado
- microempresa
- carteira assinada
- servidor público
- outros

Reside em:

- casa dos pais
- casa alugada
- casa de parentes
- casa própria quitada
- casa própria financiada
- outros

Renda mensal:

- de um (1) salário mínimo
- de até três (3) salários mínimos
- superior a três (3) salários mínimos
- não possui
- outros

### Narrativa 01

A partir de estudos sobre as características da tipologia textual narrativa e leituras de textos contando trajetórias de vidas educacionais e estudantis, chegou a sua vez de relatar sua vida escolar. Vamos começar!

Minha vida escolar foi a seguinte fiz até a sexta série e depois por muitos obstáculos tive que parar de frequentar a escola, más fiquei sabendo desse programa Projovem que a chama para passar de 18 a 29 anos e terminarem o ensino fundamental, então achei muito bom e me matriculei porque pretendo arrumar um emprego bom e terminar o ensino médio e no futuro fazer uma faculdade.

### Narrativa 02

De que maneira o programa PROJOVEM influenciou em minha vida?

Influenciou muito, porque com o tempo perdido que não continuei meus estudos, vi que ele me fez falta porque muitos lugares que fui procurar emprego exigiam o ensino fundamental completo e por isso estou desempregada até hoje, mas agora sei que tenho uma chance, por isso voltei a estudar

### Narrativa 03

Minhas expectativas em relação ao meu futuro educacional e profissional.

Minhas expectativas para o meu futuro são terminar meus estudos, fazer cursos, e uma faculdade e o Programa foi o que abriu as portas para mim. Então cai na real e vi que tudo tem jeito e agente consegue, basta se esforçarmos e querer.

Anexo 09 - Dados pessoais do participante Ivan

Idade: 26

Naturalidade: Campo Grande - MS

Gênero do estudante: masculino

Estado civil: solteiro

Número de filhos: não possui

Objetivos do ingresso no Projovem:

- ascensão profissional e educacional
- somente concluir o Ensino Fundamental
- dar continuidade aos estudos até cursar o Ensino Médio
- dar continuidade aos estudos até cursar um curso técnico
- dar continuidade nos estudos até cursar uma graduação

Situação profissional atual:

- contrato
- autônomo
- empregado
- desempregado
- microempresa
- carteira assinada
- servidor público
- outros

Reside em:

- casa dos pais
- casa alugada
- casa de parentes
- casa própria quitada
- casa própria financiada
- outros

Renda mensal:

- de um (1) salário mínimo
- de até três (3) salários mínimos
- superior a três (3) salários mínimos
- não possui
- outros

## Narrativa 01

A partir de estudos sobre as características da tipologia textual narrativa e leituras de textos contando trajetórias de vidas educacionais e estudantis, chegou a sua vez de relatar sua vida escolar. Vamos começar!

Comecei estudar na escola Ada Teixeira dos santos Pereira, não fiz pré, então reprovei na primeira série até pegar o jeito de aprender escrever e ler.

Daí passei pra segunda série peguei o jeito e fui aperfeiçoando nos estudos, comecei a fazer bastante amizades, depois passei pra terceira série conhecendo matérias boas e comecei a gostar de matemática e português. depois passei pra quarta os estudos

Começou a avançar, depois passei pra quinta série comecei a fazer muitos trabalhos e pesquisa e minhas notas eram muito boas, depois passei pra sexta série, pra mim vi que essa série era difícil, mexia muito na cabeça reprovei, tentei de novo reprovei. Comecei a fazer EJA mas disisti por causa das amizades. Agora eu com 26 anos conheci o projovem, pra acabar os estudos, e disso precisava, pois estava muito difícil arrumar um emprego, me toquei que estudo era muito importante pra minha vida.

## Narrativa 02

De que maneira o programa PROJOVEM influenciou a minha vida?

Quando entrei no projovem tive outros pensamentos. Pensava no futuro de se formar e fazer algum curso. Até pra arrumar um emprego é difícil por causa do estudo. Eu mesmo é difícil arrumar um emprego, por que ensino fundamental é incompleto.

Esse projovem está me ajudando bastante, porque precisavam terminar meu estudo e fazer um curso ou faculdade de administração.

Esse projovem mudou o jeito de pensar abriu a minha mente.

E penso no futuro de me se formar, e através disso eu posso ser algum administrador de empresas.

E vai bastante melhorar sobre a minha vida, que vai **acelerar** meus estudos, e os professores estão muito atenção aos seus alunos, são compreensiva e muito atenciosos.

Projovem ajudou bastante os alunos, esse Projovem foi uma boa iniciativa sobre a minha vida.

Melhorou bastante meu jeito de ser.

Esse é meu ponto de vista.

### Narrativa 03

Minhas expectativas em relação ao meu futuro educacional e profissional.

Minhas expectativas é terminar meus estudos e fazer uma faculdade, pois eu quero ter um futuro melhor. Ser bem estruturado e me formar em administração, Por isso to terminando meu estudo que foi perdido, tenho 26 anos e escolhi estudar nesse projovem, que esse projovem está ajudando muito na aceleração do meus estudos.

E também está difícil arrumar empregos, com estudos incompletos, por isso quero me formar logo e ter meu diploma de administração, pois no futuro sei que vai valer a pena ter continuado os meus estudos, e também vai ajudar a conquistar minhas coisas, de ter uma casa, carro, moto, através da força de vontade de estudar e vencer na vida. Pois o estudo é muito importante!

*Anexo 10 - Dados pessoais do participante Adolfo*

Idade: 26 anos

Naturalidade: Campo Grande

Gênero do estudante: masculino

Estado civil: casado

Número de filhos: 4

Idade dos filhos: 5,5,10 e 11 anos.

Objetivos do ingresso no Projovem:

- ascensão profissional e educacional
- somente concluir o Ensino Fundamental
- dar continuidade aos estudos até cursar o Ensino Médio
- dar continuidade aos estudos até cursar um curso técnico
- dar continuidade nos estudos até cursar uma graduação

Situação profissional atual:

- contrato
- autônomo
- empregado
- desempregado
- microempresa
- carteira assinada
- servidor público
- outros

Reside em:

- casa dos pais
- casa alugada
- casa de parentes
- casa própria quitada
- casa própria financiada
- outros

Renda mensal:

- de um (1) salário mínimo (seguro desemprego)
- de até três (3) salários mínimos
- superior a três (3) salários mínimos
- não possui
- outros

## Narrativa 01

A partir de estudos sobre as características da tipologia textual narrativa e leituras de textos contando trajetórias de vidas educacionais e estudantis, chegou a sua vez de relatar sua vida escolar. Vamos começar!

Eu me chamo Adolfo, nasci em Campo Grand- MS., eram tempos em que minha família passarão por muitas dificuldades mesmo assim minha mãe sempre fez de tudo para que nós, eu e meus irmãos estudássemos fui matriculado na escola Ada Teixeira.

Onde fiz o pré.

Tinha uma professora muito dedicada com seus alunos e eu adorava ir para a escola quando passei para a primeira série tive que parar de estudar para fazer uma serurgia.

Quando voutei tava com mais vontade de estudar e fui bem até a adolescência, quando fiz treze anos comecei a sair e ter mas amizades foi quando fui perdendo o interesse nos estudos e fui parando de frequentar a escola mesmo contrariando minha família que sempre insistia para que eu voltasse mas eu achava que era tarde demais.

## Narrativa 02

De que maneira o programa PROJOVEM influenciou em minha vida?

Quando decidi voltar a estudar, procurei uma escola que tinha a eja, e comecei a estudar, mas devido a escola ser muito longe, ficou muito difícil de prosseguir, e já estava desanimado fiquei sabendo que iria começar o programa projovem, aqui na escola Ada Teixeira que fica perto de minha casa e decidi tentar mais uma vez.

No começo ainda estava meio perdido, mas com o passar dos meses fui ficando mais animado com os estudos e até me despertou a vontade de ir além, terminar o fundamental e já fazer o médio, para ter a oportunidade de fazer uma graduação.

Hoje vejo que esse passo que dei foi muito importante na minha vida, porque aprendi e relembrei de muitas coisas durante o projeto que me ajudou a tira uma nota até

rasuavel no enêm, e isso me deixou mais animado ainda para estudar mais e mais até alcançar meus objetivos.

E sei que os estudos ajudam o desenvolvimento tanto mental quanto social, assim como mudou a minha forma de pensar e até de agir.

### Narrativa 03

Minhas expectativas em relação ao meu futuro educacional e profissional.

Eu me chamo Adolfo, tenho vinte e seis anos, pretendo cursar uma graduação para prestar um concurso público na área da segurança, meu foco é de entrar para a PRF, mas tenho que passar algumas etapas, focar nos estudos e fazer uma faculdade na área em que eu gosto, e ir tentando os concursos até chegar aonde eu pretendo e sei que posso chegar lá.

*Anexo 11- Dados pessoais do participante Augusto*

Idade: 21 anos

Naturalidade: Campo Grande

Gênero do estudante: masculino

Estado civil: solteiro

Número de filhos: --

Objetivos do ingresso no Projovem:

- ascensão profissional e educacional
- somente concluir o Ensino Fundamental
- dar continuidade aos estudos até cursar o Ensino Médio
- dar continuidade aos estudos até cursar um curso técnico
- dar continuidade nos estudos até cursar uma graduação

Situação profissional atual:

- contrato
- autônomo
- empregado
- desempregado
- microempresa
- carteira assinada
- servidor público
- outros

Reside em:

- casa dos pais
- casa alugada
- casa de parentes
- casa própria quitada
- casa própria financiada
- outros

Renda mensal:

- de um (1) salário mínimo
- de até três (3) salários mínimos
- superior a três (3) salários mínimos
- não possui.
- outros

## Narrativa 01

A partir de estudos sobre as características da tipologia textual narrativa e leituras de textos contando trajetórias de vidas educacionais e estudantis, chegou a sua vez de relatar sua vida escolar. Vamos começar!

Eu sai da escola por causa das mais amigas e por isso fiquei três anos sem estudar, eu só queria sair e ficar na rua e não queria saber da escola mais com o tempo eu aprendi que não ia me levar a nada se eu não tivesse estudado isso fechou muitas portas de emprego, por causa dos estudos através do Projovem eu aprendi que o estudo é a coisa mais importante para minha vida.

## Narrativa 02

De que maneira o programa PROJOVEM influenciou em minha vida?

O programa Projovem influenciou minha vida, porque antes eu não queria saber de estudar ou de escola eu só matava aula e através do Projovem tive uma nova visão da escola e do modo como cada professor ensina.

Com muita paciência para nos ensinar e trazendo cada vez mais novidades para o nosso ensino. Por causa disso o Projovem melhorou minha vida e por isso que quando terminar o Projovem vou fazer EJA para terminar o ensino médio e fazer uma faculdade para melhorar minha vida e da minha família. E quando conseguir fazer tudo isso, eu lembrarei de todos os professores do Projovem que nunca me deixaram abandonar a escola, e a coordenadora que sempre fez tudo e um pouco mais para nós alunos sempre ter vontade de estudar e nunca abandonou por que chance igual a essa não terei outra vez por isso que o Projovem mudou meu jeito de estudar e um jeito novo de olhar para a escola.

### Narrativa 03

Minhas expectativas em relação ao meu futuro educacional e profissional.

Após terminar o projovem irei terminar o ensino médio, assim após terminar o ensino médio irei para uma faculdade e irei fazer faculdade de, agronomia para ter uma vida melhor.

Para dar aos meus filhos tudo aquilo que eu não tive e poder dar um bom estudo para, eles não ter que trabalhar do jeito que eu trabalhei quero que eles tenham uma vida boa e ter uma vida boa quando, eu tiver velho e poder não trabalha.

*Anexo 12 – Entrevista com a participante Catherine*

P = Pesquisadora

C = Catherine

P: Boa noite! Está pronta para iniciarmos nosso diálogo?

C: Mais ou menos ((risos)). Mais (+) podi começá.

P: Primeiramente (+) quero agradecê-la pelos momentos dedicados a esta pesquisa, encantei-me com seu carinho e boa vontade em contribuir com meu estudo! Quero ainda informá-la que seu nome para esta pesquisa é fictício, conforme combinamos. Sendo assim pesquisei um pseudônimo cujo significado julgo combinar com o seu perfil, em outras palavras, pesquisei um nome que expressa a maneira como eu te visualizo. Por isso antes de entrevistá-la informo que seu pseudônimo é Catherine<sup>11</sup>, esse nome é de origem Francesa, que significa pura, mas ao usá-lo para você, pensei no sentido de sincera e delicada. (+) Você concorda ou discorda disso?

C: Eu concordo (+) sincera eu concordo porque eu sou isso mesmo, eu sou sincera né, o que eu tenho que dizer eu digo, eu sou dessa forma mesmo! Agora (+) delicada eu não sei se me vejo assim, ((risos)) mas se você me vê assim.

P: Sim, é exatamente assim que te visualizo! (+) Catherine, (+) em um trecho de sua narrativa você relata que antes do Projovem não acreditava muito em você, mas agora percebe mudanças em sua vida em vários aspectos, tais como profissional, relacionamento com as pessoas e exercício de liderança. Além disso, você diz que agora percebe que é capaz de “ir além”. Enfim, você menciona que o Projovem mudou suas expectativas de vida. Gostaria que você me falasse um pouco sobre essas mudanças.

H: Essas mudanças são que eu, eh (+) eu acordei né! Eu acordei, eu vi que realmente eu posso continuar, que eu tenho forças e que eu tenho que continuar lutando. É isso! (+)

---

<sup>11</sup> Disponível em <https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/sofia/>. Acesso em 21 nov. 2016.

São essas as mudanças, antes eu num, eh (+) num pensava assim, eu pensava que (+) que já tinha chegado em uma certa idade e que tinha que parar ali e pronto.

P: Muito bem! (+) Que bom que agora você pensa assim! (+) Em outro trecho de sua narrativa, achei muito bacana quando você relata o desejo de fazer uma faculdade e continuar progredindo. O que seria exatamente esse progresso para você?

H: O progresso pra mim é eu continuar vendo e (+) fazendo (+) as mudanças necessárias em minha vida, como (+) fazer a faculdade que eu quero, que eu me identifico, na área que eu gosto de fazer. E sempre procurá continuar progredindo. É isso!

P: Ok! Desejo muito sucesso a você! Veja bem, (+) em uma parte da sua narrativa você diz que a partir da participação no programa você se despertou para a importância dos estudos e da qualificação profissional. Quais benefícios você acredita que isso poderá lhe trazer para o seu futuro e para a segurança de sua família?

H: Com certeza, muitos benefícios virão pois quando você se capacita, você tem um salário melhor né! Eu me despertei para essa importância da capacitação, eh (+) dos estudos (+) eu acho que no mundo que a gente tá precisa ter uma segurança financeira pra nós mesmos e para os filhos né. É essa a importância né!

P: Sim, isso é verdade! (+) Há um trecho em sua narrativa, relativa ao Projovem, que você menciona que “essa fase sem dúvida é um recomeço e uma passagem maravilhosa!” Como você pretende prosseguir a partir dessa travessia mencionada e quais são seus projetos para o futuro, em outras palavras, quais são os caminhos que você pretende trilhar a partir de agora?

H: A partir de agora eu pretendo fazê o Ensino Médio, né! Depois fazer um curso profissionalizante já na profissão que eu quero. Eh (+) depois se der tudo certo, e eu tenho certeza que vai dar, fazer uma faculdade da mesma profissão. (+) É isso que desejo né!

P: Sim, buscar se profissionalizar é muito importante! (+) Você narra, também, que pretende ser um exemplo para suas filhas. Sendo assim, qual será o modelo de mãe, profissional e pessoa que você deseja ser para elas?

C: Com certeza quero ser um exemplo para as minhas filhas, em relação a minha dedicação profissional, que elas sejam honestas, cumpram sempre (+) eh (+) com aquilo que elas falem né! E que elas sigam os meus passos, por mais difícil que será, mas que elas sejam boas profissionais e consigam fazer uma faculdade também, pra darem conforto aos seus filhos e para ajudarem na nossa sociedade. É isso!

P: Ok! Catherine, (+) ao se tornar uma enfermeira, como você imagina ser vista pela família e sociedade?

C: Com certeza de outra forma né! Porque quando você se profissionaliza, as pessoas te veem de outra forma, elas veem que você eh (+) conseguiu né. É isso! E te respeitam mais né!

P: Muito obrigada, mais uma vez, pelo carinho em disponibilizar seu tempo para colaborar comigo neste estudo.

C: De nada e se você precisar é só me avisar.

*Anexo 13 – Entrevista com a participante Olga*

P = Pesquisadora

O = Olga

P: Boa noite! Podemos iniciar nossa entrevista?

O: Boa noite Maria. Podemos começá sim.

P: Aproveito este momento para lhe agradecer por se mostrar sempre disposta e alegre para contribuir comigo nesta pesquisa. Ainda quero lhe informar que seu nome para esta pesquisa é fictício, conforme combinamos. Sendo assim pesquisei um pseudônimo, cujo significado julgo combinar com o seu perfil, sua personalidade e desejo de conquistas, em outras palavras, pesquisei um nome que reflete a maneira como te visualizo. Por isso antes de entrevistá-la informo que seu pseudônimo é Olga<sup>12</sup>, tem origem russa, que significa sublime, consagrada a Deus. Desse modo, o nome Olga carrega consigo as qualidades de uma mulher repleta de virtudes tais como dignidade, respeito, bondade e beleza. Você concorda ou discorda com a minha maneira de te visualizar? Como você se vê?

O: Concordo sim Maria! Fico muito (+) agradecida porque (+) por me enxergar assim. Eu penso que você me enxerga assim (+) também porque sabe que eu sou evangélica ih (+) que faço parte do ministério de louvores. Mas gostei muito ih (+) é assim que quero ser! ((risos)).

P: Sim, na realidade escolhi esse nome porque conheço um pouco sobre você! Eh (+) Olga, (+) ao ler suas narrativas, você relata as dificuldades passadas em sua trajetória de vida, mas também menciona que a partir de sua participação no Projovem você percebeu que houve uma mudança em sua vida, tais como na sua maneira de pensar profissionalmente e no despertar de seu desejo pelo aprendizado. A partir dessas

---

<sup>12</sup> Disponível em <https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/sofia/>. Acesso em 21 nov. 2016.

mudanças, como você pretende prosseguir, ou melhor, qual será os caminhos que deseja trilhar, para que você consiga alcançar seus objetivos?

O: Ah, o caminho é a escola mesmo, é os estudos, até o final, até eu conseguí a última meta a qual eu estou pretendendo, a qual eu despertei, mhm (+) não tem outro caminho.

P: Excelente! Esse, sem dúvida, é o melhor caminho a seguir! (+) Olga, (+) em um trecho de sua narrativa, você diz que pretende continuar estudando para dar uma vida melhor para seus filhos e um emprego com dignidade. Como você idealiza essa vida melhor para seus filhos e o que seria um emprego digno para você?

O: Então, eu idealizo ter mais estudo para ter um emprego melhor pra mim e poder dar mais aprendizagem para meus filhos, para que eles passem a ter mais alegria, tenham mais diversão com as melhorias financeira, eh (+) como que eu posso falar para você (+) eh (+) melhoria na saúde deles, com alimentos melhores, podê pagar estudo mais pra frente pra eles, viagens, cursos, uma vida melhor pra nós mesmo, uma casa, uma mudança de vida mesmo. Já o emprego digno pra mim é aquele que eu possa trabalhar menos e ganhar um salário que eu possa sustentar os meus filhos com dignidade, porque eu já trabalhei de muitas coisas, mas não considero que seja digno pra mim mesma por ganhar muito pouco por falta de escolaridade.

P: Você tem razão! Com certeza ao elevar o nível de escolaridade também possibilitará é (+) melhores salários. (+) Eh, em outro trecho de sua narrativa você menciona que deseja fazer cursos, aperfeiçoar-se em técnicas de vendas. Então entendo que você deseja ser uma vendedora! É isso? Mas exatamente de quê? Qual é o ramo de vendas que te fascina?

O: Quero ser vendedora, pode ser de roupas, calçados, qualquer coisa que seja vendas. Adoro conversar com as pessoas, adoro me comunicar e (+) também pretendo mais tarde abrí alguma coisa própria pra mim, no ramo de vendas mesmo.

P: Ah sim! Agora entendi! (+) Achei muito legal quando você disse que com a ajuda dos professores e colegas, você conseguiu visualizar que o ser humano é capaz de chegar aonde quer, basta desejar! A partir dessa visualização e de seus desejos e comprometermos, aonde você quer chegar e como imagina a sua vida e de sua família a partir disso?

O: Eu pretendo chegá ao topo, com a ajuda de Deus, que me dará força para eu continuar meus estudos e chegá onde quero. Aprendi no Projovem que devemos seguir em frente sem olhar o passado, mas só de chegá onde cheguei, de consegui concluí essa etapa, eh (+) já considero que sou vencedora. Imagino, eh, conseguí tudo o que eu quero pra mim e pros meus filhos, uma vida com fartura, com a ajuda de Deus!

P: A partir do momento em que você conseguir atingir seus objetivos, ou seja, ser uma vendedora de sucesso, como você acredita que será visualizada pela sua família, comunidade onde vive e pela sociedade em geral?

O: Como uma pessoa exemplo para a família e a sociedade, porque lutou e chegou onde chegou com a capacidade, com Deus na frente sempre, que servirá também como (+) eh, como uma pessoa de testemunho para mostrar que as pessoas são capazes de chegar onde quém, que basta desejar!

P: Muito bem! Obrigada por sua generosidade e contribuição com a minha pesquisa.

O: De nada Maria.

*Anexo 14 – Entrevista com a participante Helena*

P = Pesquisadora

H = Helena

P: Boa noite! Está preparada para iniciarmos nossa entrevista?

H: ((risos)) Sim.

P: Em primeiro lugar quero agradecê-la pelos momentos dedicados a esta pesquisa, e também lhe dizer que fiquei muito feliz com seus agradecimentos a minha pessoa ao término do Projovem. Mas acho oportuno esse momento para lhe dizer que essa mudança que você menciona é fruto de sua dedicação, de seu desejo de mudança!

Com isso, informo que seu nome para esta pesquisa é fictício, conforme combinamos. Sendo assim pesquisei um pseudônimo cujo significado julgo combinar com o seu perfil, sua personalidade e seus desejos, em outras palavras, pesquisei um nome que de acordo com o meu ponto de vista, combina com você.

Por isso antes de entrevistá-la informo que seu pseudônimo é Helena<sup>13</sup>, esse nome tem origem grega, que significa a reluzente, a resplandecente, a iluminada. Você concorda ou discorda com a minha maneira de te visualizar? Como você se vê?

H: Eu acho que (+) na verdade eu que tenho que (+) que te agradecê Maria ((risos)). Eu concordo com o nome que você escolheu pra mim, agora eu concordo, acho que (+) agora eu sinto muito orgulho de mim, acho que (+) acho que eu mudei muito. Agora (+) do jeito que você me vê eu também vejo (+) eu também me vejo.

P: Que bacana! Gostei por ter concordado comigo! Veja bem! (+) Em um trecho de sua narrativa você relata que os obstáculos passados em sua vida lhe impediu de prosseguir com os seus estudos, mas que agora você pretende continuar estudando até cursar uma faculdade. Gostaria que você me dissesse quais são os retornos, ou melhor, quais serão as conquistas materiais que você espera obter ao realizar seu projeto de vida, que é se tornar uma psicóloga?

---

<sup>13</sup> Disponível em <https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/sofia/>. Acesso em 21 nov. 2016.

H: Bom (+) primeiramente eu quero realizá o meu maior desejo que é fazê a faculdade que eu mais desejo, eu vô estudá pra isso, e (+) depois que eu realizá o meu desejo de ser uma psicóloga (+) quero tê as minhas coisas própria, minha casa própria, quero tê carro, desejo viajá muito, saí do Brasil, conhecer os Estados Unidos, desejo ajudá a pessoa que eu mais amo nessa vida, que é a minha mãe, primeiramente minha mãe, porque eu vejo o tanto que ela sofre. Esse é o meu desejo, eu vou estudá pra isso. ((risos)) pra tudo isso.

P: Muito bom, fico muito feliz ao ouvir isso! (+) Helena em outra parte de sua narrativa você também diz que o Projovem abriu portas para você, disse ter “caído na real e passou a perceber que tudo é possível, basta se esforçar e querer!” Gostaria que você me dissesse sobre como você se via antes de participar do Programa e como você se vê hoje após ter concluído essa etapa do Ensino Fundamental por meio do Projovem?

H: Antes eu era (+) bem (+) eu vivia num mundo que (+) num mundo que era só o meu mundo, ninguém entrava, eu não conversava com ninguém, eu me via uma pessoa que não conseguia (+) eu falava, eu não posso, eu não consigo, tipo assim, eu me rebaixava (+) agora não, tudo mudou, meus pensamentos, tudo, tipo (+) agora eu me vejo uma pessoa positiva, eu aprendi até a falá com as pessoa, aprendi a me abri também, aprendi a (+) se comunicá, aprendi (+) a respeitá as pessoas, também a respeitá (+) o que elas pensam. Não tipo assim, elas pensá uma coisa e eu não aceitá e julgá (+) entendeu?

P: Sim, eu entendi perfeitamente tudo o que você disse! Isso é muito positivo! Agora gostaria que você se imaginasse a partir do momento em que conseguir atingir seus objetivos, ou seja, tornar-se uma psicóloga. Como você acredita que será visualizada pela sua família, comunidade onde vive e pela sociedade em geral?

H: Minha família, com certeza vai senti muito orgulho de mim, e eu também vou senti muito orgulho de mim! A sociedade (+) vai tê mais respeito por mim, principalmente quem me julga hoje, vai falá: nossa! Aonde ela chegô, (+) aonde ela tá, pra quem não conseguia nada né. E vou consegui! Eu tenho certeza que vo consegui.

P: Valeu Helena! Muito obrigada, mais uma vez, por contribuir com o meu trabalho.

*Anexo 15 – Entrevista com o participante Ivan*

P = Pesquisadora

I = Ivan

P: Boa noite! Está preparado para nossa entrevista?

I: Boa noite. Tô preparado.

P: A princípio quero agradecê-lo pelos momentos dedicados a esta pesquisa, com muita responsabilidade e disposição em contribuir comigo neste estudo. Sendo assim, quero informá-lo, que seu nome para esta pesquisa é fictício, conforme combinamos. Para tanto, pesquisei um pseudônimo que o significado julgo combinar com o seu perfil, em outras palavras, pesquisei um nome que combina com a maneira como te visualizo.

Por isso antes de entrevistá-lo informo que seu pseudônimo é Ivan<sup>14</sup>, esse nome se originou do russo e significa o agraciado por Deus. Você concorda ou discorda com a minha maneira de te visualizar? Como você se vê?

I: Eu concordo, ((risos)) gostei (+) eu (+) tenho certeza que tenho a graça de Deus e sou amado por Deus.

P: Que bom que você gostou! (+) Ivan em um trecho de sua narrativa você menciona vários obstáculos que o levou a desistir de seus estudos, mas relata que agora você teve a oportunidade de conhecer o Projovem para retomar seus estudos pois era disso que precisava, porque estava muito difícil para arrumar um emprego. Disse ainda, que você se tocou que o estudo é muito importante para sua vida. Gostaria que você me explicasse melhor de que maneira você acredita que os estudos poderá ser importante para sua vida?

I: Para conseguir emprego melhor, (+) pra adquirir bens, pra viver melhor, (+) ajudar a família e também as pessoas necessitadas.

---

<sup>14</sup> Disponível em <https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/sofia/>. Acesso em 21 nov. 2016.

P: Isso mesmo! (+) Ivan, você relata que a partir de seu ingresso no Projovem passou “a ter outros pensamentos”, mais adiante você usa as seguintes palavras: “Esse Projovem mudou o jeito de pensar abriu a minha mente”. Você pode me dizer como era sua maneira de pensar antes do projeto e como pensa a partir da conclusão do ensino fundamental pelo programa?

I: A, (+) antes eu não pensava em mim, pensava só em curtir. Mas depois que eu conheci o Projovem, abriu mais minha mente né. Comecei a gostar de estudar, a gostar das matéria, comecei a dedicar mais no estudo e de agora mais para frente é que vou estudar mais né! ((risos)) porque vai precisar.

P: Verdade! Tem que estudar mesmo! (+) Ivan, você menciona em sua narrativa que no futuro pretende se formar e ser um administrador de empresas. Ao conseguir realizar esse desejo, como você imagina que passará a ser visualizado por sua família, sua comunidade e sociedade de modo geral?

I: A (+) é (+) minha família vai sentir orgulho, né! A comunidade e a sociedade, vai sentir (+) como que é? (+) Espanto né! Vão dizer: nossa é aquele menino que não sabia de nada, que não era nada ((risos)), (+) porque não davam nada por ele. Ih, essa é minha opinião né.

P: Ok Ivan! Termina aqui nossa entrevista! Muito obrigada por continuar colaborando comigo viu!

I: Eu que te agradeço!

*Anexo 16 – Entrevista com o participante Adolfo*

P = Pesquisadora

A1 = Adolfo

P: Boa noite! podemos iniciar nossa conversa?

A1: podemos.

P: Antes de dar início a nossa entrevista quero agradecê-lo pelo compromisso e momentos dedicados a esta pesquisa. Quero ainda, informá-lo, que seu nome para esta pesquisa é fictício, conforme combinamos. Sendo assim pesquisei um pseudônimo cujo significado julgo combinar com o seu perfil, com sua personalidade e desejos de conquistas, em outras palavras, pesquisei um nome que combina com a maneira como eu te visualizo.

Por isso antes de entrevistá-lo informo que seu pseudônimo é Adolfo<sup>15</sup>, esse nome tem origem no germânico, que quer dizer “da linhagem dos guerreiros nobres”. Portanto enxergo você como um homem batalhador, guerreiro e determinado. Você concorda ou discorda com a minha maneira de te visualizar? Como você se vê?

A1: Ah ((risos)) hoje eu até concordo, pouco antes de eu começar a estudar eu não concordaria com você, mas agora eu concordo porque eu comecei a ter uma outra visão, comecei a correr atrás dos meus sonhos, (+) dos meus objetivos, do que eu realmente desejo para mim daqui pra frente. Agora eu acredito que eu seja mesmo um batalhador, um guerreiro.

P: Que bacana essa declaração de mudança de postura! (+) Adolfo, em um trecho de sua narrativa, você diz estar ciente que os estudos ajudam no desenvolvimento tanto mental quanto intelectual, assim como o programa mudou a sua forma de pensar e até de agir.

---

<sup>15</sup> Disponível em <https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/sofia/>. Acesso em 21 nov. 2016.

Gostaria que você relatasse como era sua maneira de pensar e agir antes de participar do Projovem e como pensa e age após a participação no referido projeto.

A1: Então (+) eh (+) antes de eu começar, eu (+) assim pensava comigo que eu já tinha largado os estudos né! Já tinha passado um pouco da idade, aí pra mim voltar a estudar já não tinha mais aquela vontade, porque pra mim eu já tava velho pra voltar e também eu tinha que trabalhar, já tinha família, era mais complicado. Assim (+) eh (+) num (+) eh, comecei por começar mesmo porque estava perto da minha casa. Mas daí quando foi passando os meses eu fui gostando de estudar, de tá (+) eh (+) evoluindo. E hoje, agora né que eu concluí esse pedaço aqui, eu vichi (+) só tenho vontade de ir mais além ainda. Eu vejo que mudou muito a minha maneira de pensar e até de agir também.

P: Muito bom ouvir isso! (+) Em sua narrativa você também relata que ao iniciar o Projovem não estava muito interessado em prosseguir com seus estudos, porém com o passar dos meses despertou a “vontade de ir além”, de concluir o ensino médio e logo uma graduação. Mencionou ainda o desejo de prestar um concurso para assumir a função de um policial rodoviário federal. Após conseguir realizar todos esses desejos mencionados, como você imagina que passará a ser visualizado por sua família, por sua comunidade e pela sociedade de modo geral?

A1: Bom (+) pela minha família eu acredito que todo mundo vai ficar muito orgulhoso né! Minha mãe já tá muito orgulhosa de mim né! Só por ter concluído essa etapa do Projovem e ter sido aprovado em quase todas as matérias no ENEM ela já ficou bastante feliz. Acho que se eu chegar mesmo onde almejo chegar vai ser uma grande alegria para todos de minha família. Agora na sociedade (+) acho que muda tudo, muda muito o jeito das pessoas olharem pra gente, saber que você tem uma profissão, uma posição, um bom emprego, que você é uma pessoa de bem, acho que ajuda muito na parte visual da gente assim. Até em (+) mesmo o caráter da pessoa, porque as pessoas as vezes julgam muito. Mas eu acredito que de agora em diante só tem coisas boas pra vim.

P: Com certeza! (+) Após assumir a função idealizada, ou seja, a de um policial rodoviário federal, quais benefícios materiais você imagina poder disfrutar juntamente com sua família?

A1: Eu acredito que chegando nesse nível assim (+) eu (+) poderei dar mais conforto para minha família, poderei ter mais tempo de qualidade para os meus filhos e minha esposa. E é isso mesmo, a parte que mais vai contar é dar conforto pra minha família, dá estudo pros meus filhos, que é uma coisa muito boa, é isso mesmo que vai contá mais, mhm, (+) ter mais tempo pra eles, pra gente poder aproveitar juntos.

P: Muito bom! Muito obrigada, mais uma vez. (+) Terminamos aqui nossa entrevista.

A1: De nada Maria.

*Anexo 17 – Entrevista com o participante Augusto*

P = Pesquisadora

A2 = Augusto

P: Boa noite! Está preparado para iniciarmos?

A2: Boa noite. Vamos começá.

P: Antes de entrevistá-lo quero agradecer pelos momentos dedicados a esta pesquisa pois sempre se mostrou responsável e disposto em contribuir comigo para este estudo. A partir disso, quero informá-lo, que seu nome para esta pesquisa é fictício, conforme combinamos. Sendo assim pesquisei um pseudônimo que o significado julgo combinar com o seu perfil, em outras palavras, pesquisei um nome que combina com a maneira como te visualizo.

Por isso antes de entrevistá-lo informo que seu pseudônimo é Augusto<sup>16</sup>, esse nome se originou do latim e significa consagrado, sublime. Você concorda ou discorda com a minha maneira que te visualizo? Como você se vê?

A2: Hum! (+) Gostei do nome, achei massa! Como eu vejo? (+) ah (+) não sei não.

P: Em um trecho de sua narrativa você menciona que o Projovem influenciou a sua vida. Gostaria que você falasse um pouco sobre essas influências, ou seja, como você pensava antes de entrar no programa e como passou a pensar após a conclusão do ensino fundamental pelo Projovem.

A2: Antes de eu fazer o Projovem eu era um (+) um garoto rebelde, não queria saber de nada, nem de escola, após conhecer o Projovem, ver os professores ajudando aqui sempre estando cum nós assim, eu pude ver de outra maneira os estudos, aprendi mais, mudei o meu comportamento, agora eu pretendo terminar né! pra dar um futuro melhor pra mim e minha família.

---

<sup>16</sup> Disponível em <https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/sofia/>. Acesso em 21 nov. 2016.

P: Muito bacana esse seu reconhecimento! (+) Em uma parte de sua narrativa você também diz que a partir de sua participação no Projovem você passou a ter uma nova visão da escola e do modo como cada professor ensina. Por causa disso reconhece que o programa fez com que você criasse expectativas para o futuro, tais como concluir o ensino médio e se graduar em agronomia. A partir do momento que você conseguir realizar esses projetos, como você imagina que passará a ser visualizado pela família, por sua comunidade e sociedade de maneira geral?

A2: Pela minha família desde o momento que eu comecei o Projovem eles já (+) eh, começaram a me olhar de outra maneira, porque eu terminei, eu concluí, alguns da minha família não acreditavam que eu ia terminar, achava que eu ia abandonar de novo a escola, mas graças ao Projovem eu consegui terminar. E (+) pela sociedade (+) eh (+) bom (+) pelos meus amigos que me conhecem, me ajudaram também, tive pessoais que estiveram sempre ao meu lado, me apoiaram. É isso! (+) Ih pela sociedade vão me ver por outra maneira também, porque vou ser mais responsável, vou ter um papel na sociedade.

P: É isso mesmo! (+) Em outro trecho de sua narrativa você relata que passou a reconhecer que o estudo é a coisa mais importante para sua vida a partir da participação do Projovem. Gostaria que você me explicasse os motivos que o levou a valorizar os estudos a partir de sua participação no programa.

A2: Pelos professores que sempre estiveram com a gente ajudano muito, nunca deixaram a gente faltá, sempre estava apoiando nós nos estudos. E a senhora também Maria que sempre esteve com a gente, quando nós faltava você ligava para saber o motivo, também sempre dava aula que nós precisava né. Ih (+) é isso. Sempre ajudou nós, ih (+) é isso!

P: Ok! Muito obrigada! Sinto me orgulhosa com sua fala! (+) Eh, você diz que deseja se graduar em agronomia para dar uma vida boa para seus filhos, para que eles não precisem trabalhar da maneira que você trabalha na atualidade e também menciona que

com isso almeja para você uma velhice tranquila. Em relação aos bens materiais, o que deseja conseguir e disfrutar com a profissão de agrônomo?

A2: Tranquilidade, porque eu gosto de campo, não sou muito de ficá em cidade, (+) porque campo é mais tranquilo e melhor, é isso Maria. Para minha família quero dar o melhor, o que eu não tive, minha mãe não conseguiu dá pra mim. Então quero que minha esposa e meus filhos sempre tenham o melhor do bom. (+) É isso!

P: Muito bem! Muito obrigada por contribuir com minha pesquisa mais uma vez.

A2: Disponha.